

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

GÉSSICA CRISTINA CARVALHO CORRÊA

A REALIZAÇÃO DO *SUJEITO* NA FALA DO CENTRO DE PORTUGAL

**Cáceres - MT
2017**

GÉSSICA CRISTINA CARVALHO CORRÊA

A REALIZAÇÃO DO *SUJEITO* NA FALA DO CENTRO DE PORTUGAL

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da Profa. Dra. Gislaine Aparecida de Carvalho.

**Cáceres - MT
2017**

Corrêa, Gêssica Cristina Carvalho

A Realização do sujeito na fala do centro de Portugal./Gêssica Cristina Carvalho Corrêa. Cáceres/MT: UNEMAT, 2017.

119f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2017.

Orientadora: Gislaine Aparecida de Carvalho

1. Sociolinguística. 2. Língua falada. 3. Português europeu. 4. Sujeito – português europeu. I. Título.

CDU: 81'27

Ficha catalográfica elaborada por Tereza Antônia Longo Job CRB1-1252

GÉSSICA CRISTINA CARVALHO CORRÊA

A REALIZAÇÃO DO *SUJEITO* NA FALA DO CENTRO DE PORTUGAL

BANCA EXAMINADORA

PROFA. DRA. GISLAINE APARECIDA DE CARVALHO
(ORIENTADORA – PPGL/UNEMAT)

PROFA. DRA. DIRCEL APARECIDA KAILER
(MEMBRO – UEL/LONDRINA)

PROF. DR. ALBANO DALLA PRIA
(MEMBRO – PPGL/UNEMAT)

APROVADA EM: 13/06/2017

À minha família, por ter lutado para garantir que eu tivesse uma base escolar privilegiada e por ter cuidado tão bem do meu filho, em minha ausência para as aulas do mestrado. Ao meu esposo, pela dedicação, paciência e amor com os quais abastecia meus dias me proporcionando a energia necessária para a conclusão deste trabalho. E, especialmente, à Gislaine Aparecida de Carvalho, pela orientação precisa e valiosa, por ser sempre paciente e, acima de tudo, pelo incentivo, apoio e força dedicados a mim não só durante este trabalho como em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

À UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO, agradeço pela oportunidade de me especializar na área que me interessa, trabalhando na instituição e tendo a amizade e o apoio de colegas e funcionários dela.

À COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA DA UNEMAT, agradeço pelo profissionalismo, pela paciência e atenção.

AO CORPO DOCENTE do programa de mestrado em linguística da Unemat, agradeço pelas aulas ministradas e pelo conteúdo compartilhado dentro e fora de sala de aula.

AOS MEUS AMIGOS DA TURMA DE 2014, agradeço pelas contribuições, pelo companheirismo e por dividirem comigo boas lembranças dessa etapa de minha vida.

À PROFA. DRA. GISLAINE APARECIDA DE CARVALHO, minha orientadora, agradeço pela motivação de iniciar o mestrado, pela força emocional e financeira durante este período e principalmente pelas orientações a mim dispensadas ao longo desses dois anos.

AO PROF. DR. ALBANO DALLA PRIA, agradeço pela leitura atenciosa, pelos comentários, incentivos e concordar em fazer parte da banca.

À PROFA. DRA. DIRCEL APARECIDA KAILER, agradeço pela leitura atenta, pelas orientações e por aceitar o convite para fazer parte da banca, mesmo morando tão longe.

AOS ALUNOS DO *CAMPUS* DE ALTO ARAGUAIA para os quais ministrei aulas durante a pós-graduação, agradeço por incentivarem, apoiarem e serem compreensivos com minhas possíveis ausências e falhas neste período.

À MINHA FAMÍLIA, EM ESPECIAL AOS MEUS PAIS, MARCOS E CINARA, agradeço pelos dias que cuidaram do meu filho (Tomás) para que eu pudesse viajar para estudar, na certeza de que ele seria bem cuidado e, também, sou grata por acreditarem em mim e torcerem por mim desde sempre.

AO MEU MARIDO IGOR, agradeço pela compreensão, pelo amor incondicional, pelo apoio indispensável e pela torcida durante os 2 anos de mestrado.

AOS MEUS FILHOS, TOMÁS E THÉO, por representarem toda e qualquer vontade minha de crescer profissionalmente e ser uma pessoa melhor.

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos
não é senão uma gota de água no mar.
Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.
Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista, de linha laboviana, e teve como objetivo principal analisar a realização do *sujeito* no português europeu, em amostras de fala de três localidades do centro de Portugal: Leiria, Coimbra e Guarda - disponíveis no *Corpus* Dialetal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN). Para investigar quais fatores estruturais e não estruturais estão atuando na manutenção do *sujeito* nulo, ou inversamente, do *sujeito* preenchido?, foram coletados 1050 dados, que depois de codificados foram submetidos ao Pacote Computacional GOLDVARB, ferramenta que, além oferecer os resultados em porcentagem - cuja frequência pode estar enviesada - permite a regressão logística (peso relativo) com o cálculo de desvio da média ponderada de todas as inter-relações existentes dos grupos de fatores na atuação da regra variável. Os resultados, obtidos pela análise multivariada, mostraram que: (i) o português europeu ainda é uma língua de *sujeito* nulo (68%), apesar de exibir *sujeitos* preenchidos em estruturas, nas quais as regras prescrevem o não-preenchimento; (ii) o português europeu é uma língua de concordância verbal forte (76%); (iii) o português europeu recorre ao uso da forma pronominal "a gente" (preenchida e nula) para *sujeitos* de referência específica e genérica; (iv) o português europeu apresenta com a forma pronominal "a gente" três diferentes flexões de número e pessoa: 1ª do plural, 3ª do singular e 3ª do plural. Esta pesquisa está inscrita na área de concentração Estudo de Processos Linguísticos, na linha de pesquisa Estudo de Processos de Variação e Mudança.

Palavras-chave: Sociolinguística . *Sujeito*. Língua falada. Português europeu.

ABSTRACT

This research was based on the theoretical and methodological assumptions of the Variationist Sociolinguistics of the Labovian approach and its main objective was to analyze the performance of the subject in European Portuguese in speech samples from three locations in central Portugal: Leiria, Coimbra and Guarda - available in the Corpus Dialetal for the Study of Syntax (CORDIAL-SIN). In order to investigate which structural and non-structural factors act in the maintenance of the null subject, or inversely, of the filled subject, 1050 data were collected, which after being coded were submitted to the GOLDVARB Computational Package, a tool that, besides offering the results in percentage - whose frequency can be skewed - allows logistic regression (relative weight) to calculate the deviation of the weighted average of all existing interrelationships of factor groups in the performance of the variable rule. The results, obtained by the multivariate analysis, showed that: (i) European Portuguese is still a null-subject language (68%), despite showing subjects filled in structures, in which the rules prescribe the non-completion; (ii) European Portuguese is a strong verbal agreement language (76%); (iii) European Portuguese refers to the use of the pronominal form "a gente" (filled and null) for specific and generic reference subjects; (iv) European Portuguese presents with the pronominal form "a gente" three different number and person inflections: 1st of the plural, 3rd of the singular and 3rd of the plural. This research is inscribed in the area of concentration Study of Linguistic Processes and follows the research line Study of Processes of Variation and Change.

Keywords: Sociolinguistics. Subject. Spoken Language. European Portuguese.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| 1 A REALIZAÇÃO DO <i>SUJEITO</i> NO PORTUGUÊS EUROPEU | 18 |
| 1.1 A realização do <i>sujeito</i> em todas as pessoas gramaticais | 18 |
| 1.1.1 O estudo de Duarte | 18 |
| 1.1.2 O estudo de Carvalho | 25 |
| 1.2 A distribuição geográfica da primeira pessoa do plural: nós, a gente e <i>sujeito</i> nulo..... | 39 |
| 1.2.1 O estudo de Carvalho | 39 |
| 1.2.2 O estudo de Sória..... | 41 |
| 1.3 A indeterminação do <i>sujeito</i> no português europeu | 46 |
| 1.3.1 O estudo de Duarte, Kato e Barbosa | 46 |
| 1.3.2 O estudo de Oliveira | 47 |
| 1.3.3 O estudo de Carvalho | 52 |
| 1.4 Finalizando | 54 |
| 2 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA | 60 |
| 2.1 Objetivo - hipótese - questões de pesquisa..... | 60 |
| 2.2 O <i>corpus</i> da pesquisa..... | 61 |
| 2.3 As localidades selecionadas | 62 |
| 2.4 Os informantes..... | 63 |
| 2.5 Apresentação das variáveis..... | 64 |
| 2.5.1 Fatores linguísticos | 65 |
| 2.5.1.1 Referência do <i>sujeito</i> | 65 |
| 2.5.1.2 Animacidade do <i>sujeito</i> | 65 |
| 2.5.1.3 Pessoa gramatical | 67 |
| 2.5.1.4 Concordância verbal | 68 |
| 2.5.1.5 Marcas da flexão verbal..... | 70 |
| 2.5.1.6 Tipo de oração | 71 |
| 2.5.1.7 Transitividade verbal | 73 |
| 2.5.1.8 Ordem | 74 |
| 2.5.1.9 Correferencialidade | 75 |
| 2.5.1.10 Forma verbal..... | 76 |
| 2.5.1.11 Frases negativas | 78 |

| | |
|---|-----------|
| 2.5.2 Fatores sociais | 79 |
| 2.5.2.1 Localidade | 80 |
| 2.6 Exclusão de dados | 80 |
| 2.6.1 Anotações entre parênteses..... | 80 |
| 2.6.2 Expressões (eu) acho que, (eu) sei lá..... | 81 |
| 2.6.3 Estruturas clivadas ou pseudoclivadas | 81 |
| 2.6.4 Partícula de indeterminação do <i>sujeito</i> "se" | 81 |
| 2.6.5 Verbos no imperativo | 81 |
| 2.7 Programa computacional utilizado | 82 |
| 2.8 Finalizando | 82 |
| 3 ANÁLISE DOS RESULTADOS | 83 |
| 3.1 Resultado geral | 83 |
| 3.2 <i>Sujeitos</i> específicos..... | 84 |
| 3.2.1 Grupos de fatores selecionados pelo programa peso relativo..... | 84 |
| 3.2.1.1 Correferência | 84 |
| 3.2.1.2 Animacidade..... | 85 |
| 3.2.1.3 Concordância | 86 |
| 3.2.1.4 Pessoa gramatical | 88 |
| 3.2.1.5 Forma verbal..... | 89 |
| 3.2.1.6 Marcas da flexão..... | 90 |
| 3.2.2 Grupos de fatores não selecionados pelo programa peso relativo..... | 91 |
| 3.2.2.1 Transitividade verbal | 91 |
| 3.2.2.2 Tipo de oração | 92 |
| 3.2.2.3 Localidade | 93 |
| 3.2.2.4 Frases negativas..... | 94 |
| 3.3 <i>Sujeito</i> de referência genérica..... | 95 |
| 3.3.1 Grupos de fatores selecionados pelo programa peso relativo..... | 95 |
| 3.3.1.1 Pessoa gramatical | 95 |
| 3.3.1.2 Concordância | 97 |
| 3.3.1.3 Marcas da flexão..... | 99 |
| 3.3.1.4 Tipo de oração | 100 |
| 3.3.1.5 Localidade | 102 |
| 3.3.2 Fatores não selecionados pelo programa peso relativo | 104 |
| 3.3.2.1 Animacidade..... | 104 |

| | |
|-------------------------------------|-----|
| 3.3.2.2 Transitividade verbal | 105 |
| 3.3.2.3 Correferencialidade | 106 |
| 3.3.2.4 Forma verbal..... | 107 |
| 3.3.2.5 Frases negativas..... | 109 |
| 3.4 Ordem | 110 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 111 |
| REFERÊNCIAS | 116 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| TABELA 1 - Quantificação e porcentagem geral das ocorrências de sujeitos preenchidos e nulos na fala do português europeu. | 83 |
| TABELA 2 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de sujeitos preenchidos e nulos com referência específica e genérica. | 83 |
| TABELA 3 - Quantificação e porcentagem da correferência com o sujeito de referência específica. | 84 |
| TABELA 4 - Quantificação e porcentagem das ocorrências do sujeito de referência específica com referentes animados e não-animados. | 85 |
| TABELA 5 - Quantificação e porcentagem da concordância verbal com o sujeito de referência específica. | 86 |
| TABELA 6 - Cruzamento entre concordância verbal e pessoa gramatical dos sujeitos específicos. | 87 |
| TABELA 7 - Quantificação e porcentagem das ocorrências do sujeito de referência específica com todas as pessoas gramaticais. | 88 |
| TABELA 8 - Quantificação e porcentagem do tempo verbal com sujeito de referência específica. | 89 |
| TABELA 9 - Quantificação e porcentagem das marcas da flexão verbal com o sujeito de referência específica. | 90 |
| TABELA 10 - Quantificação e porcentagem da transitividade verbal com o sujeito de referência específica. | 91 |
| TABELA 11 - Quantificação e porcentagem do tipo de oração com o sujeito de referência específica. | 92 |
| TABELA 12 - Quantificação e porcentagem do fator localidade com o sujeito de referência específica. | 93 |
| TABELA 13 - Quantificação e porcentagem das frases negativas com o sujeito de referência específica. | 94 |
| TABELA 14 - Quantificação e porcentagem das ocorrências do sujeito de referência genérica com todas as pessoas gramaticais. | 96 |
| TABELA 15 - Quantificação e porcentagem da concordância verbal com o sujeito de referência genérica. | 97 |
| TABELA 16 - Cruzamento "pessoa gramatical" vs. "concordância verbal" - sujeito de referência genérica. | 98 |

| | |
|---|-----|
| TABELA 17 - Quantificação e porcentagem das marcas da flexão verbal com o sujeito de referência genérica..... | 99 |
| TABELA 18 - Quantificação e porcentagem do tipo de oração com o sujeito de referência genérica..... | 100 |
| TABELA 19 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre "oração 2ª coordenada com o sujeito de referência genérica" vs. "correferencialidade"..... | 101 |
| TABELA 20 - Quantificação e porcentagem do fator localidade com o sujeito de referência genérica..... | 102 |
| TABELA 21 - Cruzamento de "pessoa gramatical com o sujeito de referência genérica" vs. "localidade". | 103 |
| TABELA 22 - Quantificação e porcentagem das ocorrências do sujeito de referência genérica com referentes animados e não-animados. | 104 |
| TABELA 23 - Quantificação e porcentagem da transitividade verbal com o sujeito de referência genérica..... | 105 |
| TABELA 24 - Quantificação e porcentagem da correferencialidade com o sujeito de referência genérica..... | 106 |
| TABELA 25 - Cruzamento "correferência" vs. "concordância" com sujeitos genéricos preenchidos e nulos. | 107 |
| TABELA 26 - Quantificação e porcentagem do tempo verbal com o sujeito de referência genérica..... | 107 |
| TABELA 27 - Quantificação e porcentagem das frases negativas com o sujeito de referência genérica..... | 109 |

INTRODUÇÃO

"Perguntar o que quer e o que pode esta língua é como perguntar o que querem e podem aqueles que a falam. A língua, como todos nós, quer palpitar, crescer, tornar-se flexível e colorida, expandir-se, enfim, viver". (Maria Helena Mira Mateus, 2007)

A reorganização do sistema pronominal no português brasileiro traz para essa língua características que a distanciam da variedade europeia: tendência ao preenchimento do *sujeito* pronominal, ao objeto nulo (possível em contextos distintos do português europeu), ao uso de pronome tônico na posição de objeto (e em *sujeito* de infinitiva), ao uso de relativas não-padrão, ao enfraquecimento da morfologia flexional e das relações de concordância, à perda da inversão livre, (estabelecimento de SV), além da reestruturação no paradigma pronominal com a inserção de "a gente" e "você" no quadro de pronomes pessoais. (TARALLO (1993); DUARTE (1995), GALVES (2001))

A marcação positiva e negativa no Parâmetro *pro-drop*, apontada como uma das diferenças sintáticas entre as variedades brasileira e europeia do português, motivou a realização desta pesquisa, que busca investigar em amostras de fala do território do português continental, como se realiza o *sujeito* nessa língua, cuja classificação teórica de [+] *pro-drop* já não resiste às evidências apresentadas por estudos - (Oliveira (2006), Carvalho (2009), Sória (2013)) - que mostraram não só o aumento no número de *sujeitos* pronominais (em contextos atípicos), mas também a consolidação do uso da forma pronominal "a gente", semelhantemente ao português brasileiro.

Ao analisar a realização do *sujeito* na fala do Centro de Portugal, o nosso objetivo principal é avaliar quão *pro-drop* é a língua de além-mar, mas esta pesquisa também incidirá tangencialmente no comportamento da morfologia flexional/relações de concordância, na ordem dos constituintes e na (re)estruturação do paradigma pronominal. Acreditamos que ampliar a descrição do português europeu é fundamental, para que as comparações com o português brasileiro sejam baseadas em evidências e não em especulações e rótulos xenofóbicos, que classificam como falso o português falado no Brasil.

Para a investigação, foram selecionadas três entrevistas gravadas com falantes da região central de Portugal: Moita do Martinho (Leiria), Figueiró da Serra (Guarda) e Vila Pouca do Campo (Coimbra). Para responder às questões de pesquisa: a) quais fatores estruturais e não estruturais estão atuando na manutenção do *sujeito* nulo?; b) há fatores estruturais e não estruturais, que favorecem o uso do *sujeito* preenchido?, recorreremos aos procedimentos metodológicos da Sociolinguística Variacionista, *stricto sensu*, para a análise multivariada dos 1050 dados, que depois de codificados foram submetidos ao Pacote Computacional GOLDVARB, ferramenta que, além oferecer os resultados em porcentagem - cuja frequência pode estar enviesada - permite a regressão logística (peso relativo) com o cálculo de desvio da média ponderada de todas as inter-relações existentes dos grupos de fatores na atuação da regra variável.

Pesquisas quantitativas, com base em amostras de fala - Duarte (s/d), Oliveira (2006), Carvalho (2009), Sória (2013) - serviram como referência para formularmos a hipótese de que "a tradicional classificação do português europeu como língua [+] *pro-drop* ainda se manterá parcialmente, sendo o *sujeito* nulo majoritário em contextos em que o preenchimento não é regra categórica, exceto com a forma pronominal "a gente", que além de liderar o número de *sujeitos* foneticamente realizados, ainda exibirá variação na concordância número-pessoal.

O corpo desta dissertação é composto por três seções. Na **primeira** delas, a realização do *sujeito* no português europeu é assim apresentada: em 1.1, os estudos de Duarte (s/d) e Carvalho (2009) mostram o fenômeno em todas as pessoas gramaticais; em 1.2, faz-se um recorte, o foco é a distribuição geográfica da primeira pessoa do plural: nós, a gente e o *sujeito* nulo; em 1.3, recorreremos a Duarte, Kato, Barbosa (2001), Oliveira (2006) e Carvalho (2009) para exibir as estratégias de indeterminação do *sujeito*, usadas por essa variedade de língua. Para finalizar, os quadros-síntese exibem os resultados das pesquisas, arroladas na primeira seção.

A **segunda seção** inicia-se com a apresentação da abordagem teórica, à qual nos filiamos para a descrição e análise da realização do *sujeito* na fala do Centro de Portugal. Em 2.1, constam "objetivos", "hipótese" e "questões de pesquisa". Na subseção 2.2, apresenta-se o *corpus* e suas especificidades (origem e formação), detalhando como foram escolhidos os entrevistados do projeto CORDIAL-SIN e os três tipos de transcrições, cujos textos fazem parte de uma coletânea, originalmente gravada em áudio. Em 2.3, o mapa mostra as localidades selecionadas para a nossa pesquisa e, em seguida, a justificativa da escolha. Em

2.4, listam-se os informantes encontrados em cada entrevista, renomeados, em função da manutenção do sigilo de suas identidades. A subseção 2.5 exibe a variável dependente (*sujeito* nulo e *sujeito* pleno), seguida pelos grupos de fatores linguísticos (2.5.1) e sociais (2.5.2). Quanto às variáveis internas e externas à língua, a inclusão se deu pela relevância e aplicabilidade, já atestadas em estudos de cunho Variacionista. Em 2.6, são apresentadas as ocorrências excluídas da análise, justificando o porquê de não constarem do total de dados submetidos ao Programa Computacional GODVARB, o qual se encontra, um pouco mais detalhado, em 2.7, pois foi a ele que recorreremos para quantificar e prover os resultados, que nortearão nossa interpretação.

A **terceira** e última seção expõe em 3.1 o resultado geral, *sujeitos* específicos e genéricos. A subseção 3.2 é destinada à apresentação do *sujeito* de referência específica, por grupos de fatores, selecionados ou não pelo peso relativo. Na subseção 3.3, encontram-se os resultados dos *sujeitos* de referência genérica, também por grupos de fatores, selecionados ou não pelo peso relativo, e, em 3.4, está a "ordem", que por razões metodológicas, foi exibida separadamente.

Apresentam-se, posteriormente, as considerações finais, síntese do percurso da pesquisa, cujas conclusões não pretendem colocar um ponto final, mas fomentar outras investigações que possam melhor explicar o fenômeno. Em seguida, estão as referências dos textos que serviram de suporte para a confecção desta dissertação.

1 A REALIZAÇÃO DO *SUJEITO* NO PORTUGUÊS EUROPEU

O conhecimento, historicamente construído, permite que se faça ciência, que se revisitem conceitos, que se construam "verdades" ... Por isso, a exposição de estudos, que já investigaram a realização do *sujeito* no português europeu, tem por objetivo estabelecer uma interlocução entre o historicamente construído e os nossos resultados.

Esta seção está dividida em três partes. Na primeira delas, os resultados de pesquisas mostram como se realiza o *sujeito* em todas as pessoas gramaticais. A segunda subseção apresenta a distribuição geográfica da primeira pessoa do plural: nós, a gente e *sujeito* nulo. A terceira exhibe as estratégias de indeterminação do *sujeito* no português europeu.

1.1 A REALIZAÇÃO DO *SUJEITO* EM TODAS AS PESSOAS GRAMATICAIS

1.1.1 O ESTUDO DE DUARTE

Teorias que postulam diferenças sintáticas entre o português brasileiro e o português europeu motivaram em Duarte (s/d) o desejo de buscar evidências quantitativas, que pudessem avaliar 'quão *pro-drop*' é a variedade de além-mar. Se, estudos Variacionistas mostram que o português brasileiro se afastou das línguas de *sujeito* nulo; para o português europeu faltavam estudos que seguissem o mesmo referencial teórico.

Para seguir os ritos Variacionistas, Duarte (s/d) utilizou transcrições de entrevistas contidas em Nascimento et al. (1987) Português Fundamental: volume segundo; Métodos e documentos; tomo primeiro: Inquérito de Frequência. Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Para a amostra, representativa da norma coloquial europeia, foram selecionados 30 informantes distribuídos em três diferentes graus de escolaridade (básico, médio e superior) e duas faixas etárias (de 22 a 33 anos e de 46 a 60 anos).

A Teoria de Princípios e Parâmetros e os Pressupostos Metodológicos Variacionistas nortearam a pesquisa, que esperava, no âmbito linguístico, expressivo número de *sujeitos* nulos, e, no campo social, pouca relevância dos fatores "escolaridade" e "faixa etária", por ser o fenômeno em estudo, teoricamente, estável.

SELEÇÃO DOS DADOS - Para a seleção dos dados, Duarte (s/d) adotou os seguintes critérios:

foram computadas ocorrências de pronome pessoal pleno ou pronome nulo referencial;

foram excluídas as repetições pelo entrevistado de frases enunciadas pelo entrevistador, as respostas afirmativas, as expressões fixas, as ocorrências de pronomes plenos em construções rotuladas pela gramática tradicional de anacolutos, as ocorrências de pronomes plenos acompanhados de um modificador e em usos contrastivos, enfáticos ou construções clivadas, os pronomes eles, você e a gente com interpretação indeterminada, os sujeitos nulos expletivos (em frases existenciais e temporais, construções passivas pronominais, inversões e extraposições) e arbitrários (em indeterminações com o clítico "se" e com a terceira pessoa do plural); potencialmente substituível por um demonstrativo, normalmente em construções com o verbo "ser"¹.

A variável dependente "*sujeito nulo*" vs. "*sujeito pleno*" foi submetida aos seguintes grupos de fatores, considerados possíveis condicionadores:

- a pessoa gramatical (1^a, 2^a, 3^a) e número gramatical (singular/plural);
- morfologia verbal de número e pessoa (distintiva/não-distintiva);
- tipo sintático de oração;
- no caso da 1^a pessoa do plural, distinção entre "nós" e "a gente";
- no caso da 2^a pessoa, distinção entre sentenças interrogativas e declarativas;
- no caso da 3^a pessoa, o traço semântico do referente.
- faixa etária
- escolaridade

¹ Exemplificam as exclusões: "Sei lá se ele é cego", "... porque tá claro, eu, como tenho os problemas de saúde do meu marido e tudo, as tardes são sempre a matutar", "Todos eles tiraram peixe ... o meu marido tirou quatro sargos, o outro tirou três e eu não tirei absolutamente nada. no mesmo sítio", "A certa altura era ele que falava", "Aqui neste local gosto de trabalhar, embora 'pro' seja uma profissão chata como é a profissão de atender muitas pessoas [...] No entanto, apesar de tudo 'pro' é um trabalho mais ou menos livre em que a gente sempre se diverte uns com os outros".

1.1.1.1 - No que se refere aos **CONDICIONAMENTOS LINGUÍSTICOS**, os resultados obtidos por Duarte (s/d) foram:

1.1.1.1.1 A PESSOA E O NÚMERO GRAMATICAIIS

Tabela 1 - Representação do *sujeito* segundo a pessoa.

| Sujeito/Pessoa | Nulo | Pleno | Total |
|----------------|-----------|-----------|-------|
| 1ª pessoa | 334 (60%) | 227 (40%) | 561 |
| 2ª pessoa | 101 (73%) | 37 (27%) | 138 |
| 3ª pessoa | 303 (73%) | 114 (27%) | 417 |
| Total | 738 | 378 | 1116 |

Extraído de Duarte (s/d)

Nas três pessoas gramaticais a preferência recai sobre o *sujeito* nulo, com relativo maior uso na 2ª e 3ª pessoas. Esse resultado inclui as coordenadas, porém, se retiradas da amostra, os índices percentuais de *sujeitos* nulos seriam: 52% com a 1ª pessoa, 72% na segunda e 64% na terceira. Segundo Duarte (s/d), nos dados de 2ª pessoa, constam frases produzidas pelos entrevistadores (59 do total de 138), se excluídas da análise, o percentual de *sujeitos* nulos de 2ª pessoa chega a 77%.

Tabela 2 - Representação do *sujeito* segundo o número.

| <i>Sujeito</i> /Pessoa/Número | Nulo | Pleno | Total |
|-------------------------------|-----------|-----------|-------|
| 1ª pessoa do singular | 248 (59%) | 173 (41%) | 421 |
| 1ª pessoa do plural | 86 (61%) | 54 (39%) | 140 |
| 2ª pessoa do singular | 82 (75%) | 28 (25%) | 110 |
| 2ª pessoa do plural | 19 (68%) | 09 (32%) | 28 |
| 3ª pessoa do singular | 205 (72%) | 80 (28%) | 285 |
| 3ª pessoa do plural | 98 (74%) | 34 (26%) | 132 |
| Total | 738 | 378 | 1116 |

Extraído de Duarte (s/d)

Para Duarte (s/d), a regularidade do fenômeno pode ser atestada pelos índices muito próximos entre o singular e o plural: na 1ª e 3ª pessoas, a diferença foi de 2 pontos percentuais, na 3ª pessoa é um pouco maior, 7 pontos. Dos 54 *sujeitos* preenchidos na 1ª pessoa do plural, 7 (13%) são expressos por "a gente".

(1) "Eu gostava que o meu marido ganhava um bocadinho mais, já se sabe [...] quer dizer, ele não ganha mal, mas para aquilo que **a gente** quer, ganha pouco."

1.1.1.1.2 MORFOLOGIA VERBAL

Tabela 3 - Representação do *sujeito* de 2ª pessoa.

| <i>Sujeito</i> de 2ª pessoa | Nulo | Pleno | Total |
|-----------------------------|----------|----------|-------|
| Direta | 49 (70%) | 21 (30%) | 70 |
| Indireta | 52 (77%) | 16 (23%) | 68 |
| Total | 101 | 37 | 138 |

Extraído de Duarte (s/d)

Ao analisar separadamente a 2ª pessoa, Duarte (s/d) acreditava que o alto índice de *sujeitos* nulos pudesse ser explicado pelo fato de a forma direta (tu/vós) ter morfologia distintiva e ser muito frequente no português europeu. Os resultados, porém, não confirmaram a hipótese: o percentual de não-preenchimento com a 2ª pessoa indireta, que compartilha as formas verbais com a 3ª pessoa, foi superior ao da forma direta.

Os exemplos (2), (3) e (4), apresentados por Duarte (s/d), são de *sujeito* nulo na segunda, terceira e primeira pessoas, respectivamente, com formas verbais não distintivas:

(2) "Por exemplo, nesse trabalho que **pro apresentou** apresentou sobre poesia, **pro é** capaz de me dizer o que é que **pro aproveitou** do contato com os alunos?"

(3) "... agora não há dúvida nenhuma que se **pro for** de facto um indivíduo responsável na produção, **pro tem** de se incomodar porque **pro** não **é** apoiado naquela parte de stocks de existências, de fortalecimento, etc."

(4) "Hoje **pro gostava** de ser magistrado, porque estou convencido que **pro** talvez **evitasse** mais injustiças como magistrado do que as que posso evitar como advogado."

Para investigar se a distinção "declarativa" x interrogativa" seria um fator condicionador na representação do *sujeito* de 2ª pessoa, Duarte (s/d) fez um outro cruzamento, cujos resultados foram:

Tabela 4 - Representação do *sujeito* de 2ª pessoa em relação à forma de oração.

| <i>Sujeito/Oração</i> | Nulo | Pleno | Total |
|-----------------------|----------|----------|-------|
| Declarativas | 49 (67%) | 24 (33%) | 73 |
| Interrogativas qu- | 11 (73%) | 04 (27%) | 15 |
| Interr. sim/não | 41 (82%) | 09 (18%) | 50 |
| Total | 101 | 37 | 138 |

Extraído de Duarte (s/d)

Os números mostram que são elas, as interrogativas, as que estão mais estreitamente ligadas ao não-preenchimento; porém, não se pode dizer que, com as declarativas, o inverso seja verdadeiro: o índice de apagamento também é expressivo, (67%).

1.1.1.1.3 TIPO SINTÁTICO DA ORAÇÃO

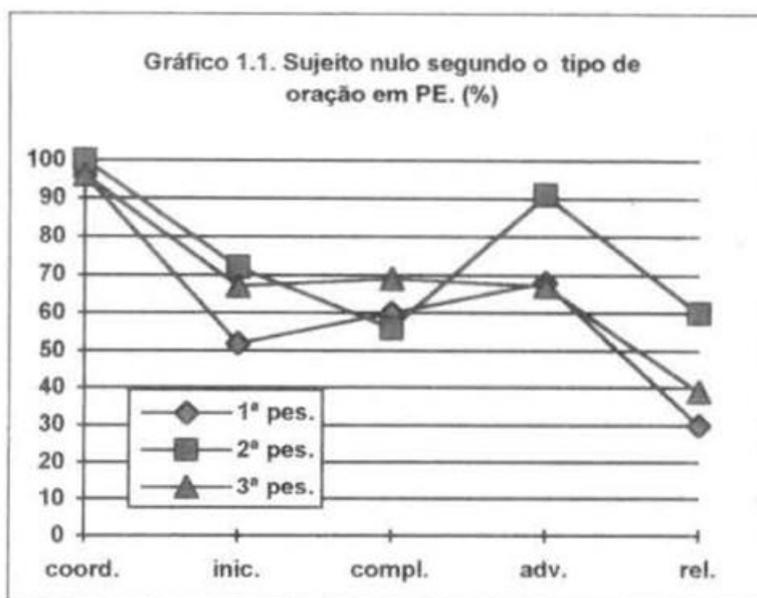
Duarte (s/d) esclarece que rotulou como "coordenadas" as orações que apresentam *sujeitos* correferentes (usualmente nulo); aquelas em que não havia correferência (o nulo seria uma opção) foram agrupadas com as independentes e principais, sob o rótulo de "iniciais".

Observem-se os exemplos: (5) agrupada como oração coordenada e (6) como inicial:

(5) "Fui a cabine, **pro** telefonei, **pro** conheci a voz do pai, **pro** não tornei a perguntais mais." (oração agrupada como coordenada)

(6) "Ele, por uma ou outra se interessava, mas **pro** até pensei que fosse do dia." (oração agrupada como inicial)

O gráfico 1.1 (retirado de Duarte) mostra ocorrência de *sujeito* nulo nas três pessoas gramaticais, segundo o tipo de oração;



Extraído de Duarte (s/d)

Os resultados mostraram que a 2ª pessoa apresentou 100% de *sujeitos* nulos nas coordenadas, 72% nas iniciais, 56% nas completivas, 91% nas adverbiais e 60% nas relativas. Com a 1ª e 3ª pessoas, o apagamento do *sujeito* também prevaleceu em todos os tipos de oração, exceto nas relativas.

Duarte (s/d) buscou investigar o que estaria condicionando o uso de *sujeitos* preenchidos em orações relativas; porém, ao reexaminar a amostra, concluiu não ser possível uma resposta precisa. A pesquisadora supõe que a presença de material [+qu-] no complementizador favorece o preenchimento do *sujeito*.

Ocorrências apresentadas por Duarte (s/d) mostram *sujeitos* plenos em completivas com complementizador:

(7) "Que é o que eu estou a fazer hoje²."

(8) "Manda lá arranjar o carro a quem tu quiseres."

(9) "Sei lá como é que elas ficam."

² Exemplo apresentado por Duarte (s/d)

1.1.1.1.4 O TRAÇO DO REFERENTE DE TERCEIRA PESSOA

Tabela 5 - Representação do *sujeito* de 3ª pessoa vs. o traço [+/- animado] do referente.

| <i>Sujeito/Traço</i> | Nulo | Pleno | Total |
|----------------------|-----------|-----------|-------|
| [+a] | 238 (69%) | 108 (31%) | 346 |
| [-a] | 65 (92%) | 06 (8%) | 71 |
| Total | 303 | 114 | 417 |

Extraído de Duarte (s/d)

Os números confirmaram a influência do traço do referente de 3ª pessoa: quando [+] animado, o *sujeito* pleno aparece em 31% dos casos, mas o seu uso é inexpressivo (8%) com o traço [-] animado: as 06 ocorrências incluem 03 orações iniciais, 02 relativas (que favorecem o *sujeito* preenchido) e 01 adverbial. (DUARTE, s/d)

(10) "... a estrada tava molhada, meto-lhe os travões, ela [a moto] resvala-me."

(11) "A vantagem e a virtude do nosso ..., está precisamente nas características que ele tem."

(12) "Há coisa de um ano veio uma brigada que esteve a actualizar mais ou menos todos os processos, enfim, que (=porque) eles necessitavam de ser revistos."

1.1.1.2 - No que tange aos **CONDICIONAMENTOS SOCIAIS**, a escolaridade e a faixa etária não afetaram fortemente o uso do *sujeito* nulo. "No campo extralinguístico, as diferenças devem-se mais ao tipo de texto (mais ou menos elaborado)". (DUARTE, s/d)

Apesar de os condicionamentos sociais não serem determinantes na aplicação da regra "*sujeito* nulo", a pesquisadora observou que os grupos com escolaridade básica mostraram maior tendência a realizar fonologicamente o *sujeito* de terceira pessoa nas relativas e completivas, mas foram igualmente os que produziram o menor número dessas estruturas, além disso, a eles se devem os usos de "a gente" e as ocorrências de relativas não-padrão.

1.1.2 O ESTUDO DE CARVALHO

A pesquisa de Duarte (s/d), conforme mencionado em 1.1.1, analisou *sujeitos* referenciais; assim, para obedecer ao protocolo desta subseção, que é apresentar trabalhos que façam o mesmo recorte do objeto de investigação, exibiremos de Carvalho (2009) apenas os resultados obtidos com o mesmo tipo de *sujeito*³.

Para responder à pergunta: "O português europeu ainda desfila o tradicional figurino [+] *pro-drop*?", constitui-se um *corpus* com base em amostras de fala de 10 localidades do território português, disponíveis no *Corpus* Dialetal para o Estudo da Sintaxe⁴.

Carvalho (2009) submeteu a variável dependente pronome pessoal pleno vs. pronome nulo referencial aos seguintes grupo de fatores:

Linguísticos:

| | |
|----------------------------------|----------------------|
| especificidade do <i>sujeito</i> | complementos verbais |
| traço semântico | tipo de oração |
| pessoa gramatical | ordem VS ou SV |
| concordância verbal | Correferencialidade |
| transitividade verbal | forma Verbal |

Não-linguísticos:

A "localidade" é o único fator não-estrutural que consta da análise dos dados.

1.1.2.1 Os resultados dos condicionamentos LINGUÍSTICOS foram:

1.1.2.1.1 CORREFERENCIALIDADE

Apontada pelo Programa Computacional VARBRUL - peso relativo - como a que mais afeta positiva e/ou negativamente a realização do *sujeito* no português europeu.

³ Carvalho (2009) usou a terminologia "específicos" para se referir aos *sujeitos* referenciais.

⁴ CORDIAL-SIN.

Tabela 6 - Quantificação e porcentagem das ocorrências do *sujeito* de referência específica em estruturas correferentes e não-correferentes.

| Correferência | <i>Sujeito</i> preenchido | <i>Sujeito</i> nulo | Total |
|--------------------------|---------------------------|---------------------|-------|
| Mesmo <i>sujeito</i> | 420 (44%) | 545 (56%) | 965 |
| <i>Sujeito</i> diferente | 1308 (88%) | 180 (12%) | 1488 |
| Total | 1728 | 725 | 2453 |

Extraído de Carvalho (2009)

Os números evidenciam que a não-correferencialidade afeta positivamente o *sujeito* preenchido (88%) e negativamente o *sujeito* nulo (12%). Em contrapartida, as estruturas correferentes estão mais diretamente associadas ao uso da categoria vazia (56%).

Para ilustrar, transcrevem-se ocorrências, retiradas de Carvalho (2009), em que os *sujeitos* preenchidos estão em estruturas correferentes:

(13) "E ele chegou aqui e diz ele assim para ela: Ó Blandina! Diz ela: Que é? O Arquibaldo? Diz ela: Já anda com as vacas. Que era por mim. Para quê? Você que é que lhe quer?"

(14) "Oh! Tu estás como as ovelhas: tu procuras contra o tempo! A ovelha no tempo que estava norte e ela aí é que fugia ali para baixo!"

(15) "O hotel, o Novo Mundo. Ele ficou com o hotel Novo Mundo. E agora, ele está explorando esta água, que é para juntá-la toda e levá-la para lá."

(16) "E diz ele assim: Tu estás maluco, pá! Então tu não vês que aqui que é um terreno muito mais alto do que é além, onde tu estás a dizer que vai dar água para aqui?"

(17) "Eu não conheço ninguém. Se eu cá conhecesse, eu falava! Falava e sabia. E sabia pouco mais ou menos. Assim (...) não sabia as palavras muito políticas"

(18) "E agora mato três, mato dois; e depois quando for aí para agosto, conforme o tempo que der ... Eu compro pequenino. Eu não compro porcos grandes!"

(19) "Não, ela não fiava. Ela vinha era para aqui. Porque ela não sabe muito bem urdir. E ao depois ela não sabe dividir as cores."

1.1.2.1.2 FORMA VERBAL

Tabela 7 - Quantificação e porcentagem das ocorrências do *sujeito* de referência específica em estruturas correferentes e forma verbal.

| Forma verbal | <i>Sujeito</i> preenchido | <i>Sujeito</i> nulo | Total |
|------------------------------------|---------------------------|---------------------|-------------|
| Presente do indicativo | 871 (75%) | 292 (25%) | 1163 |
| Pretérito perfeito do indicativo | 499 (66%) | 258 (34%) | 757 |
| Pretérito imperfeito do indicativo | 274 (64%) | 153 (36%) | 427 |
| Presente do subjuntivo | 11 (92%) | 01 (8%) | 12 |
| Pretérito do subjuntivo | 20 (83%) | 04 (17%) | 24 |
| Futuro do subjuntivo | 22 (76%) | 07 (24%) | 29 |
| Forma nominal infinitivo | 29 (76%) | 09 (24%) | 38 |
| Total | 1726 | 724 | 2450 |

Extraído de Carvalho (2009)

Em um língua teoricamente [+] *pro-drop*, o alto índice de preenchimento não era o esperado por Carvalho (2009), principalmente com a forma nominal "infinitivo", pois sua ocorrência com *sujeitos* lexicais de Caso Nominativo é muito eventual.

(20) "Na limpeza das oliveiras... A gente pode chegar ali mais abaixo, que é para lhe **eu** mostrar o coiso."

1.1.2.1.3 COMPLEMENTO VERBAL

Tabela 8 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de complemento verbal e *sujeito* de referência específica.

| Complemento verbal | <i>Sujeito</i> preenchido | <i>Sujeito</i> nulo | Total |
|--------------------------|---------------------------|---------------------|-------------|
| Complemento lexicalizado | 997 (67%) | 501 (33%) | 1498 |
| Complemento nulo | 406 (76%) | 127 (24%) | 533 |
| Não se aplica | 96 (67%) | 47 (33%) | 143 |
| Complemento oracional | 228 (82%) | 50 (18%) | 278 |
| Total | 1727 | 725 | 2452 |

Extraído de Carvalho (2009)

A regularidade na opção pela representação do *sujeito* é superior ao apagamento em todos os complementos, com destaque para os oracionais, que exibiram o maior percentual de *sujeitos* preenchidos (82%).

Carvalho (2009) esclarece que os casos de "não se aplica" são todos com verbos intransitivos. Pelo fato de não apresentarem complemento, optou-se por tal terminologia, com o objetivo de diferenciá-los dos verbos transitivos com objeto nulo.

Exemplificam complemento lexicalizado, nulo, oracional e não se aplica:

(21) "Se esse senhor que foi moleiro tantos anos! Agora, é que, já se sabe, está um senhor velhote e já não... Ele até **tem um casal** consigo por causa que a mulher morreu e ele agora tem esse casal consigo."

(22) "Isto agora é uma senhora da vila muito, muito conhecida. Mas ela **paga Ø**, coitadinha, ela **paga Ø**. Não tenho que dizer dela. Não sei se têm o conhecimento."

(23) "Pelo menos eu, se vir lá um ao pé deste que não preste, eu digo-lhe que é o chapéu-de-sol à mesma. Eu digo **que é o chapéu-de-sol à mesma**."

(24) "Eu estou a ver que devia ficar sem esse serviço, porque não posso. E eu, isto, eu adoro isso. Eu **canso** muito, mas aqui o bocadinho que eu (estou), eu penso até que não me faz mal."

1.1.2.1.4 TRAÇO SEMÂNTICO - ANIMACIDADE DO SUJEITO

Com relação à "animacidade do *sujeito*", as expectativas da pesquisadora eram: para o referente de traço [-] animado dois possíveis resultados: ou o número de *sujeitos* pronominais seria inexpressivo, ou a não-animacidade do referente implicaria 100% de *sujeitos* nulos – regra categórica. Para o referente de traço [+] animado, favorecimento, mesmo que não expressivo, de *sujeitos* preenchidos.

Tabela 9 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre *sujeito* de referência específica e categoria semântica "animacidade".

| Animacidade do <i>sujeito</i> | <i>Sujeito</i> preenchido | <i>Sujeito</i> nulo | Total |
|-------------------------------|---------------------------|---------------------|-------|
| [+] animado (humano) | 1701 (71%) | 681 (29%) | 2382 |
| [+] animado não humano | 10 (50%) | 10 (50%) | 20 |
| [-] animado | 17 (33%) | 34 (67%) | 51 |
| Total | 1728 | 725 | 2453 |

Extraído de Carvalho (2009)

Os números confirmaram a influência da "animacidade" do referente, quer favorecendo o *sujeito* nulo ou, inversamente, o *sujeito* preenchido". Para Carvalho (2009), a resistência ao uso do *sujeito* preenchido pelas 3^{as} pessoas de traço [-] animado já foi descrita em outras línguas ou variedades, rotuladas como [+] *pro-drop* - no português moçambicano por Bravin dos Santos (2006) e no espanhol por Soares da Silva (2006).

As ocorrências, retiradas de Carvalho (2009), ilustram o uso de *sujeitos* nulos, quando o referente é [-] animado, e *sujeitos* preenchidos com traço [+] animado:

(25) "Está ali aquele prédio daqui deste lado, está um celeiro que é debaixo, e enchia-se esses dois celeiros. Hoje não se semeia nada. Ø está abandonados. Ø estão fechados. Não semeia nada. Aqui desta área de Alcochete."

(26) "[comboio] Ø vai de manhã, Ø sai daqui às sete horas. Ø vem do lado de Âncora e Ø sai daqui às sete horas. E depois aos dias de segunda e terça e de quarta e quinta Ø sai de Viana às dez menos vinte e Ø vem para cima. E Ø vai a Âncora. Mas depois Ø vem outra de Viana, Ø sai ao meio-dia e Ø chega aqui volta para Viana."

(27) "Eu, de eu ver isso, eu nunca matei nenhuma aranha. Eu nunca matei nenhuma aranha por causa disso, que eu vi a inteligência delas!"

(28) "E eu faço a queixa: Ó minha senhora, eu não venho para ser consultado. Eu venho para pagar uma dívida ao Senhor Doutor."

(29) "Eu não estava à espera. Ela veio, ela carregou para aí sete ou oito pessoas, com batatas, com hortaliça, que ela tinha uma quinta, aí boa, aqui em Santa Cruz da (Trapa)."

1.1.2.1.5 PESSOA GRAMATICAL

Tabela 10 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre *sujeito* de referência específica e pessoa gramatical.

| Pessoa gramatical | <i>Sujeito</i> preenchido | <i>Sujeito</i> nulo | Total |
|-------------------------------|---------------------------|---------------------|-------|
| Eu (1ª pessoa) | 1132 (73%) | 416 (27%) | 1548 |
| Tu (2ª pessoa) | 71 (78%) | 20 (22%) | 91 |
| Ele/Ela (pessoa/não-pessoa) | 296 (58%) | 209 (42%) | 505 |
| Nós (1ª pessoa) | 34 (63%) | 20 (37%) | 54 |
| <i>A gente</i> (1ª pessoa) | 83 (89%) | 10 (11%) | 93 |
| Eles/Elas (pessoa/não-pessoa) | 35 (43%) | 46 (57%) | 81 |
| Total | 1651 | 721 | 2372 |

Extraído de Carvalho (2009)

A tabela 10⁵ mostra que as terceiras pessoas apresentaram os mais altos índices de *sujeitos* nulos. Nesse contexto, quando se compararam singular e plural, o apagamento é mais expressivo neste caso do que naquele (57%) vs. (42%). Segundo Carvalho (2009), a estreita relação entre 3ª pessoa e o uso do *sujeito* nulo não é exclusiva de línguas [+] *pro-drop*. No português brasileiro, a preferência pelo *sujeito* preenchido ainda é negativamente afetada pelas 3^{as} pessoas.

As ocorrências do *corpus* de análise de Carvalho (2009) exemplificam *sujeito* nulo de terceira pessoa e *sujeito* preenchido de primeira pessoa:

(30) "Tem um nome dele, é o nome dele próprio. Mas a gente precisa dele: "Eh, pá!"... Até há um rapaz que está ali no asilo. Matou-me muitos a mim. "É, Arnaldo, sábado vamos matar um porco, queres lá ir? "Vou" (Eu) /Ele/ levava as facas, levava uma machada... E depois o porco ia para cima de uma selha (isto faça de conta) que é isto. Estendia-se o porco em cima (...) da selha, ele ia ali para a banda da cabeça, Ø agarrava ali ao focinho e Ø metia a faca aqui por baixo da garganta, direto ao coração e agente agarrava das pernas."

(31) "E há outra que também é coisa. Eu estava a ver se me lembrava o nome dela. Eu não me lembra o nome da erva. E eu já me tenho servido dela para mim também."

⁵ Carvalho (2009) esclarece que foram excluídos da tabela os pronomes: "senhor" (03 ocorrências com *sujeitos* preenchidos); "senhores" (06 ocorrências com *sujeitos* preenchidos); "você" (43 ocorrências com *sujeitos* preenchidos); "vocês" (25 ocorrências com *sujeitos* preenchidos e 04 com *sujeitos* nulos). No total geral, são 2453 ocorrências.

1.1.2.1.6 CONCORDÂNCIA VERBAL

A literatura classifica o português europeu como língua de concordância forte; portanto, eram esperados notáveis índices percentuais de desinências distintivas de número e de pessoa - (paradigma funcionalmente rico). (CARVALHO, 2009)

Tabela 11 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre *sujeito* de referência específica e concordância verbal.

| Concordância verbal | <i>Sujeito</i> preenchido | <i>Sujeito</i> nulo | Total |
|---------------------|---------------------------|---------------------|-------|
| Concordância | 216 (69%) | 95 (31%) | 311 |
| Não-concordância | 40 (87%) | 06 (13%) | 46 |
| Total | 256 | 101 | 357 |

Extraído de Carvalho (2009)

Os resultados, exibidos na tabela 11⁶, mostram que o índice percentual de concordância com *sujeitos* preenchidos e nulos chegou a 87%. "Os números permitem ainda observar que a não-concordância se associa preferencialmente a *sujeitos* foneticamente realizados; quando o verbo não exibiu morfologia distintiva, o índice de *sujeitos* nulos foi de apenas 13%". (CARVALHO, 2009)

Para exemplificar morfologia distintiva e *sujeitos* preenchidos e nulos, transcrevem-se ocorrências, retiradas de Carvalho (2009):

(32) "Aqui abaixo (...) daquela azenha minha – que eu trabalhava lá (que agora não) – havia cinco moinhos de dorna. (...) Até fiz eu as dornas mais o meu filho e (...) um genro e o sogro do meu filho. Abaixo da ponte de Santar, um moinho com três moinhos de dorna. É por isso que eu sei, que estou aqui. Que eu não, eu não... Eu era sempre azenhas. **Nós nascemos** na azenha, aqui. **Nós** não **nascemos** na azenha; **Ø estamos** é na azenha". (E6-41)

(33) "E diz ele assim: **Tu estás** maluco, pá! Então **tu** não **vês** que aqui que é um terreno muito mais alto do que é além onde tu estás a dizer que vai dar água para aqui"?! "Não é isso que lhe eu estou a dizer, homem"! "Então o que é que tu estás a dizer"? "Se vomecê autoriza eu fazer além uma represa, que eu ponho a água a correr do fundo do ribeiro". (E7- 21)

⁶ Segundo Carvalho (2009), os casos de "não se aplica", cujas ocorrências não exibem marcas distintivas, totalizaram 2096: 1472 de *sujeitos* preenchidos e 624 de *sujeitos* nulos.

1.1.2.1.7 TIPO DE ORAÇÃO

Tabela 12 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre *sujeito* de referência específica e tipo de oração.

| Tipo de oração | <i>Sujeito</i> preenchido | <i>Sujeito</i> nulo | Total |
|----------------------|---------------------------|---------------------|-------|
| Oração principal | 252 (79%) | 65 (21%) | 317 |
| Oração 1ª coordenada | 181 (70%) | 76 (30%) | 257 |
| Oração 2ª coordenada | 439 (67%) | 218 (33%) | 657 |
| Oração justaposta | 543 (65%) | 290 (35%) | 833 |
| Oração relativa | 119 (77%) | 35 (23%) | 154 |
| Oração completiva | 63 (87%) | 09 (13%) | 72 |
| Oração adverbial | 117 (79%) | 31 (21%) | 148 |
| Total | 1714 | 724 | 2438 |

Extraído de Carvalho (2009)

A hipótese de Carvalho (2009) foi confirmada: as orações relativas apresentaram alto percentual de *sujeitos* preenchidos, (77%). Quer em língua [+] *pro-drop*, quer em línguas [-] *pro-drop*, esse tipo de oração tende a associar-se ao preenchimento.

Motivada pelo desejo de investigar o que estaria condicionando o preenchimento do *sujeito* em 2ª coordenada, uma vez que esse é um contexto prototípico de apagamento, Carvalho (2009) fez um novo cruzamento:

Tabela 13 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre correferencialidade do *sujeito* de referência específica e tipo de oração.

| Tipo de oração | Mesmo <i>sujeito</i> preenchido | Mesmo <i>sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> diferente preenchido | <i>Sujeito</i> diferente nulo | Total |
|----------------|---------------------------------|---------------------------|-------------------------------------|-------------------------------|-------|
| Principal | 67 (21%) | 38 (12%) | 185 (58%) | 27 (9%) | 317 |
| 1ª coordenada | 42 (16%) | 54 (21%) | 139 (54%) | 22 (9%) | 257 |
| 2ª Coordenada | 89 (13%) | 189 (29%) | 350 (53%) | 29 (5%) | 657 |
| Justaposta | 156 (19%) | 213 (25%) | 387 (46%) | 77 (10%) | 833 |
| Relativa | 17 (11%) | 22 (14%) | 102 (66%) | 13 (9%) | 154 |
| Completiva | 11 (15%) | 07 (10%) | 52 (72%) | 02 (3%) | 72 |
| Adverbial | 37 (25%) | 22 (15%) | 80 (54%) | 09 (6%) | 148 |
| Total | 419 | 545 | 1295 | 179 | 2438 |

Extraído de Carvalho (2009)

Os números permitiram à pesquisadora concluir que o expressivo índice de preenchimento do *sujeito* em 2ª coordenada se justifica pela não-correferencialidade. Quando correferentes, a presença do pronome foi de apenas 13%.

(34) "Oh, deve (de) estar, mas Ø está com saúde e Ø não teve culpa e o outro que (...) tinha a sua vida por a frente."

1.1.2.1.8 TRANSITIVIDADE VERBAL

Apesar de o programa computacional VARBRUL - peso relativo - rejeitar, sistematicamente, a transitividade verbal como condicionador na realização do *sujeito* no português brasileiro, Carvalho (2009) decidiu incluí-la na análise, com o objetivo de observar seu comportamento no português europeu.

Tabela 14 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre *sujeito* de referência específica e transitividade verbal.

| Transitividade verbal | <i>Sujeito</i> preenchido | <i>Sujeito</i> nulo | Total |
|-----------------------|---------------------------|---------------------|-------|
| Verbo intransitivo | 97 (68%) | 46 (32%) | 143 |
| Verbo transitivo | 1512 (71%) | 623 (29%) | 2135 |
| Verbo de ligação | 119 (68%) | 56 (32%) | 175 |
| Total | 1728 | 725 | 2453 |

Extraído de Carvalho (2009)

Para Carvalho (2009), os percentuais de *sujeitos* preenchidos e nulos mostram semelhanças de comportamento entre verbos intransitivos, transitivos e de ligação. Assim como Duarte (1995), a pesquisadora acredita que "os elementos que precedem o *sujeito* têm maior peso do que os que o seguem".

Carvalho (2009) encontrou no *corpus* de análise formas pronominais não-clíticas na posição de objeto, contrariando a sintaxe-padrão do português europeu. Os exemplos (35) e (36) são de verbos transitivos com complemento objeto direto, representado pelos pronomes do Caso Reto "eu" e "ele":

(35) "Então o que é que tu estás a dizer? Se vomecê **autoriza eu** fazer além."

(36) "Há duas vezes que apanho aquele peixe. **Apanhei ele** quando era rapazinho."

1.1.2.1.9 ORDEM

Pelo fato de a inversão livre entre *sujeito-verbo*, em sentenças declarativas simples, ser uma das características das línguas [+] *pro-drop*, e, pelo fato de o português europeu se enquadrar nesse "figurino", Carvalho (2009) esperava que o número de ocorrências de inversão livre do *sujeito* fosse significativo.

Tabela 15 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de *sujeito* específico em contextos de ordem *sujeito-verbo* e *verbo-sujeito*.

| Ordem | <i>Sujeito-verbo</i> | <i>Verbo-sujeito</i> | Total |
|---------------------------|----------------------|----------------------|-------|
| <i>Sujeito preenchido</i> | 1642 (95%) | 86 (5%) | 1728 |

Extraído de Carvalho (2009)

A taxa percentual de posposição foi de 5%. Segundo Carvalho (2009), seus resultados se assemelham aos de Berlinck, que em 1995 descreveu a ordem *verbo-sujeito* em construções monoargumentais e pluriargumentais no português europeu.

Ocorrências de posposição, transcritas de Carvalho (2009):

(37) "Esse homenzito andava a pedir, a mendigar, a pedir uma esmola aqui, outra esmola acolá. Andava a mendigar. Ele chegou lá e **ia ele** no carreirito e o homem estava a morrer."

(38) "Tal dia assim, **estive eu** aqui e foi você que me informou para o Doutor Balcão. Mas eu fiquei ('esmarafado'), ia-me embora."

(39) "Então cada um acaba a empreitada que apanhou. Bem, já sei que fiquei à rasca eu! Eu a pensar cá para os meus botões: Mal vocês sabem que eu que acabo a empreitada e **fico eu** a olhar para vocês."

(40) "E depois vem mais o subsídio, vem mais umas diuturnidades, vem mais depois das férias do Natal... Vem mais aquele dinheirinho! É o que vale para **juntar a gente** uns tostões para poder fazer algumas obrinhas."

Para investigar se algum tipo de verbo estaria favorecendo os 5% de posposição encontrados no *corpus*, Carvalho (2009) fez um outro cruzamento:

Tabela 16 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre tipo de verbo e ordem do *sujeito* de referência específica.

| Tipo de verbo | <i>Sujeito-verbo</i> | <i>Verbo-sujeito</i> | Total |
|--------------------|----------------------|----------------------|-------|
| Verbo intransitivo | 96 (99%) | 01 (1%) | 97 |
| Verbo transitivo | 1433 (95%) | 79 (5%) | 1512 |
| Verbo de ligação | 113 (95%) | 06 (5%) | 119 |
| Total | 1642 | 86 | 1728 |

Extraído de Carvalho (2009)

Os números mostraram que os verbos transitivos e de ligação concentraram o mesmo percentual de posposição (5%). Carvalho (2009) lembra que, "no caso de inversões com *sujeito* pronominal, em Duarte (s/d), foram observados, para o português europeu, três tipos de ocorrências: (i) em orações principais com verbos como "crer" e "pensar"; (ii) com verbos "dicendi"; (iii) em construções enfáticas". (CARVALHO, 2009)

Com o objetivo de comparar seus resultados aos de Duarte (s/d), Carvalho (2009) cruzou "ordem" vs. "tipo de oração". Vejamos os números:

Tabela 17 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre tipo de oração e ordem do *sujeito* de referência específica.

| Tipo de oração | <i>Sujeito-verbo</i> | <i>Verbo-sujeito</i> | Total |
|----------------------|----------------------|----------------------|-------|
| Oração principal | 228 (90%) | 24 (10%) | 252 |
| Oração 1ª coordenada | 176 (97%) | 05 (3%) | 181 |
| Oração 2ª coordenada | 431 (98%) | 09 (2%) | 440 |
| Oração justaposta | 497 (92%) | 46 (8%) | 543 |
| Oração relativa | 119 (100%) | - | 119 |
| Oração completiva | 62 (98%) | 01 (2%) | 63 |
| Oração adverbial | 116 (99%) | 01 (1%) | 117 |
| Oração independente | 13 (100%) | - | 13 |
| Total | 1642 | 86 | 1728 |

Extraído de Carvalho (2009)

Quanto ao tipo de oração, os resultados de Carvalho (2009) são congêneres aos de Duarte (s/d): a principal é a que mais favorece a ordem *verbo-sujeito*. Quanto aos verbos, há

diferenças: no estudo de Duarte (s/d), "crer" e "pensar" detiveram as inversões em oração principal; em Carvalho (2009), os verbos e os respectivos números de ocorrências, em oração principal, foram: [dizer (19), vir (02), chegar (01), ir (01), comer (01)].

"Os verbos pluriargumentais, a oração principal e os verbos 'dicendi' foram os contextos que se mostraram mais diretamente associados à posposição de *sujeitos-pronominais* no português europeu". (CARVALHO, 2009)

Exemplo de posposição com o verbo "dizer":

(41) "Ai, mas eu já arranjei consulta. **Disse eu** para o homem: Eu já arranjei consulta. E o homem faz-me assim para mim."

Pelo fato de o Programa Computacional VARBRUL - peso relativo - apontar a correferencialidade como a que mais afeta positiva e/ou negativamente a realização do *sujeito* no português europeu, Carvalho (2009) decidiu investigar a atuação desse grupo de fator, na escolha da ordem dos constituintes⁷.

Tabela 18 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre correferência e ordem do *sujeito* de referência específica.

| Correferência | <i>Sujeito-verbo</i> | <i>Verbo-sujeito</i> | Total |
|-------------------------------------|----------------------|----------------------|-------|
| Mesmo <i>sujeito</i> preenchido | 396 (94%) | 24 (6%) | 420 |
| <i>Sujeito</i> diferente preenchido | 1246 (95%) | 62 (5%) | 1308 |
| Total | 1642 | 86 | 1728 |

Extraído de Carvalho (2009)

Se por um lado, a correferencialidade está muito diretamente associada à realização ou apagamento do *sujeito*; por outro lado, não é significativa quanto a sua posição. "A ordem *verbo-sujeito* ou *sujeito-verbo* não está condicionada a estruturas em que o referente é o mesmo ou diferente da sentença anterior". (CARVALHO, 2009)

Para exemplificar, transcrevem-se ocorrências, que constam do *corpus* de análise de Carvalho (2009):

⁷ Lembramos que os constituintes se referem a *verbo-sujeito* ou *sujeito-verbo*.

(42) "Fez-lhe bem, fez reacção e fez-lhe bem. O homem ficou. Ao outro dia de manhã eu fui levá-lo ali ao caminho da Lomba. Fui levá-lo ao caminho da Lomba. **Ia eu** para baixo, ia o meu filho para cima."

(43) "Quando arrebentou aquilo lá na Angola estava ele mobilizado para lá. **Estava ele** mobilizado já para lá. E eu arranjei com uma senhora em Viseu, a senhora Berenice, e ele mandou-me uma carta... Naquele tempo nem havia telefone."

(44) "Quando lhe eu disse, o senhor saiu. Mais tarde, fui eu aqui a um ferro-velho que há aqui na terra. Levei de lá um bocado de tubo de ferro, mas assim valente". (E7-20)

1.1.2.2 Resultado **FATOR NÃO-LINGUÍSTICO**

Segundo Carvalho (2009), o *corpus* não possibilitou que se investigassem os tradicionais condicionamentos sociais (sexo, faixa etária, escolaridade), ficando a "localidade" como único fator não-linguístico, considerado na análise.

Tabela 19 - Quantificação e percentagem das ocorrências de *sujeito* de referência específica em diferentes localidades.

| Localidade | <i>Sujeito</i> preenchido | <i>Sujeito</i> nulo | Total |
|---|---------------------------|---------------------|-------|
| Alcochete (Distrito de Setúbal) | 48 (69%) | 22 (31%) | 70 |
| Alvor (Distrito de Faro) | 78 (76%) | 25 (24%) | 103 |
| Cabeço de Vide (Distrito de Portalegre) | 326 (92%) | 29 (8%) | 355 |
| Camacha (Distrito de Funchal) | 85 (62%) | 51 (38%) | 136 |
| Ponta Garça (Distrito de Ponta Delgada) | 288 (93%) | 22 (7%) | 310 |
| Serpa (Distrito de Beja) | 19 (53%) | 17 (47%) | 36 |
| Arcos (Distrito de Viana de Castelo) | 167 (65%) | 90 (35%) | 257 |
| Outeiro (Distrito de Bragança) | 86 (55%) | 70 (45%) | 156 |
| Figueiró (Distrito de Guarda) | 70 (36%) | 123 (64%) | 193 |
| Covo (Distrito de Aveiro) | 561 (67%) | 276 (33%) | 837 |
| Total | 1728 | 725 | 2453 |

Extraído de Carvalho (2009)

Os resultados mostram diferença flagrante entre Ponta Garça e Figueiró: nesta o percentual de preenchimento não chegou a 40%; naquela o índice de *sujeitos* preenchidos foi de 93%. O fenômeno parece não ser uniforme no português europeu, há localidades em que essa língua já não se comporta como tipicamente [+] *pro-drop*. (CARVALHO, 2009)

Para verificar se o fator "correferencialidade" estaria condicionando o uso de *sujeitos* preenchidos ou, inversamente, o uso de *sujeitos* nulos nas diferentes localidades, Carvalho (2009) fez o seguinte cruzamento: localidade vs. *sujeitos* correferentes.

Tabela 20 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de *sujeito* correferente de referência específica em diferentes localidades.

| Localidade | <i>Sujeito</i> preenchido | <i>Sujeito</i> nulo | Total |
|---|---------------------------|---------------------|-------|
| Alcochete (Distrito de Setúbal) | 08 (32%) | 17 (68%) | 25 |
| Alvor (Distrito de Faro) | 13 (37%) | 22 (63%) | 35 |
| Cabeço de Vide (Distrito de Portalegre) | 77 (75%) | 26 (25%) | 103 |
| Camacha (Distrito de Funchal) | 30 (45%) | 37 (55%) | 67 |
| Ponta Garça (Distrito de Ponta Delgada) | 113 (88%) | 16 (12%) | 129 |
| Serpa (Distrito de Beja) | 04 (25%) | 12 (75%) | 16 |
| Arcos (Distrito de Viana de Castelo) | 42 (40%) | 62 (60%) | 104 |
| Outeiro (Distrito de Bragança) | 07 (12%) | 51 (88%) | 58 |
| Figueiró (Distrito de Guarda) | 14 (15%) | 79 (85%) | 93 |
| Covo (Distrito de Aveiro) | 112 (33%) | 223 (67%) | 335 |
| Total | 420 | 545 | 965 |

Extraído de Carvalho (2009)

Os resultados do cruzamento (tabela 20) permitem explicar a tabela 19: o expressivo índice percentual de preenchimento se justifica pelo fato de o *sujeito* não ser correferente. Quando correferente (tabela 20), o *sujeito* nulo supera o *sujeito* preenchido em 8, das 10 localidades investigadas. Cabeço de Vide e Ponta Garça são as únicas que exibiram, nesse contexto de resistência, 75% e 88% de pronomes, mostrando, mais uma vez, que há localidades em que o português europeu já não se comporta como língua tipicamente [+] *pro-drop*. (CARVALHO, 2009)

1.2 A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL: NÓS, A GENTE E *SUJEITO* NULO

1.2.1 O ESTUDO DE CARVALHO

A análise, em tempo aparente, baseou-se em amostras⁸ de fala das seguintes localidades:



Para atender à proposta desta subsecção, exibiremos apenas os resultados da primeira pessoa do plural - *NÓS*, *A GENTE* E *O SUJEITO NULO* - obtidos por Carvalho (2009).

1.2.1.1 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE A GENTE

No que se refere à distribuição geográfica de a gente⁹, a tabela 21 mostra os resultados da investigação:

⁸ Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin.php>.

⁹ Nos resultados estão incluídos *sujeitos* específicos e genéricos.

Tabela 21 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre localidade e *sujeito* "a gente" preenchido e nulo.

| Localidade | <i>Sujeito</i> preenchido | <i>Sujeito</i> nulo | Total |
|---|---------------------------|---------------------|-------|
| Alcochete (Distrito de Setúbal) | 61 (85%) | 11(15%) | 72 |
| Alvor (Distrito de Faro) | 120 (93%) | 09 (7%) | 129 |
| Cabeço de Vide (Distrito de Portalegre) | 20 (77%) | 06 (23%) | 26 |
| Camacha (Distrito de Funchal) | 87 (93%) | 07 (7%) | 94 |
| Ponta Garça (Distrito de Ponta Delgada) | 317 (90%) | 37 (10%) | 354 |
| Serpa (Distrito de Beja) | 129 (77%) | 38 (23%) | 167 |
| Arcos (Distrito de Viana de Castelo) | 51 (75%) | 17 (25%) | 68 |
| Outeiro (Distrito de Bragança) | 64 (68%) | 30 (32%) | 94 |
| Figueiró (Distrito de Guarda) | 33 (90%) | 04 (10%) | 37 |
| Covo (Distrito de Aveiro) | 78 (84%) | 15 (16%) | 93 |
| Total | 960 | 174 | 1134 |

Adaptado de Carvalho (2009)

A distribuição geográfica mostra que essa "forma inovadora" está presente em todas as localidades investigadas, apesar de não constar do clássico quadro de pronomes pessoais. Se se observa *sujeito* nulo e preenchido, a preferência deste sobre aquele é flagrante: o índice de preenchimento é superior a 60%, em todas as localidades.

(45) "(Por exemplo), ela rebenta e rebenta aqui em cima, os olhos. Mas se **a gente** quer que ela dê latada, deixa-se-lhe estes olhos só. (E logo no) podar – como (é que) se poda – não sendo para a latada, **a gente** poda mais ou menos assim neste comprimento, três olhos. Em sendo para a latada, deixa-se-a crescer, para (cima a) /ser na\ altura que a gente quiser." (CAMACHA)

1.2.1.2 PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL "NÓS"

Relativamente à primeira pessoa do plural "nós"¹⁰, os resultados podem ser vistos na tabela 22:

¹⁰ Os resultados incluem *sujeitos* específicos e genéricos.

Tabela 22 - Quantificação e porcentagem de ocorrências da primeira pessoa do plural "nós" preenchida e nula.

| Pessoa gramatical | <i>Sujeito</i> preenchido | <i>Sujeito</i> nulo | Total |
|-------------------|---------------------------|---------------------|-------|
| Nós | 92 (65%) | 49 (35%) | 141 |
| Total | 92 | 49 | 141 |

Adaptado de Carvalho (2009)

A pesquisa de Carvalho (2009) totalizou 4398 dados analisados; portanto, quando se cotejam os números e os percentuais de **FREQUÊNCIA DE "NÓS" E "A GENTE"**, tem-se o seguinte resultado: 141 (3%) *sujeitos* preenchidos e nulos com o pronome "nós" vs. 1134 (26%) *sujeitos* preenchidos e nulos com a forma pronominal "a gente". Conclui-se, assim, que o uso da "forma inovadora" é muito superior à do cânone pronome.

1.2.2 O ESTUDO DE SÓRIA

A realização do *sujeito* de primeira pessoa do plural no português europeu foi investigada por Sória (2013). Dentre outras questões, a pesquisadora analisou:

- a) a distribuição geográfica de "a gente" e de "nós" no território continental português (CORDIAL-SIN);
- b) a frequência de "a gente" (relativamente à de "nós" e à do *sujeito* nulo de 1ª pessoa do plural) nos dialetos do português europeu (CORDIAL-SIN).

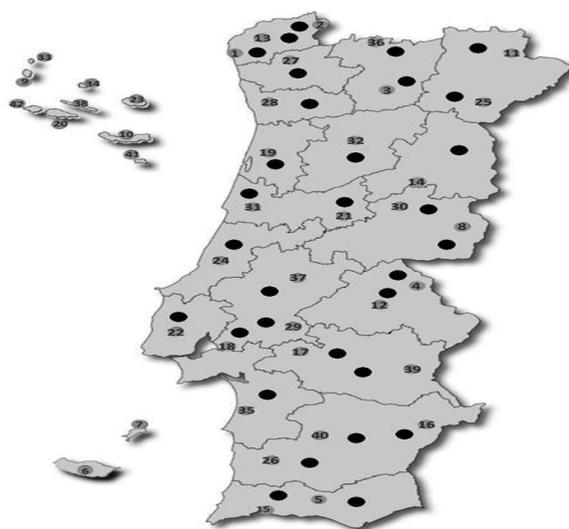
1.2.2.1 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE "A GENTE"

Com relação à distribuição geográfica de a gente, os resultados das análises quantitativas mostraram a consolidação dessa forma pronominal, em todas as localidades investigadas.

Reproduz-se o mapa - (retirado de Sória (2013)) - no qual, estão sinalizados com pontos

pretos, todas as localidades de Portugal em que a forma *a gente* é realizada com valor pronominal (seja como substituto de *nós*, como *sujeito* indeterminado, complemento direto, complemento indireto, pronome possessivo, oblíquo, etc.).

A presença de *a gente* no território português continental¹¹



IDENTIFICAÇÃO DAS LOCALIDADES ANALISADAS:

| | |
|---|--|
| 1. VPA Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo) | 21. PVC Porto de Vacas (Coimbra) |
| 2. CTL Castro Laboreiro (Viana do Castelo) | 22. EXB Enxara do Bispo (Lisboa) |
| 3. PFT Perafita (Vila Real) | 24. MTM Moita do Martinho (Leiria) |
| 4. AAL Cast. Vide, Porto da Esp., S. Salv. Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre) | 25. LAR Larinho (Bragança) |
| 5. PAL Porches, Alte (Faro) | 26. LUZ Luzianes (Beja) |
| 8. MST Monsanto (Castelo Branco) | 27. FIS Fiscal (Braga) |
| 11. OUT Outeiro (Bragança) | 28. GIA Gião (Porto) |
| 12. CBV Cabeço de Vide (Portalegre) | 29. STJ Santa Justa (Santarém) |
| 13. MIN Arcos de Valdevez, Bade, S. Lourenço da Montaria (Viana do Castelo) | 30. UNS Unhais da Serra (Castelo Branco) |
| 14. FIG Figueiró da Serra (Guarda) | 31. VPC Vila Pouca do Campo (Coimbra) |
| 15. ALV Alvor (Faro), | 32. GRJ Granjal (Viseu) |
| 16. SRP Serpa (Beja) | 35. MLD Melides (Setúbal) |
| 17. LVR Lavre (Évora) | 36. STA Santo André (Vila Real) |
| 18. ALC Alcochete (Setúbal) | 37. MTV Montalvo (Santarém) |
| 19. COV Covo (Aveiro) | 39. CPT Carrapatelo (Évora) |
| | 40. AJT Aljustrel (Beja) |

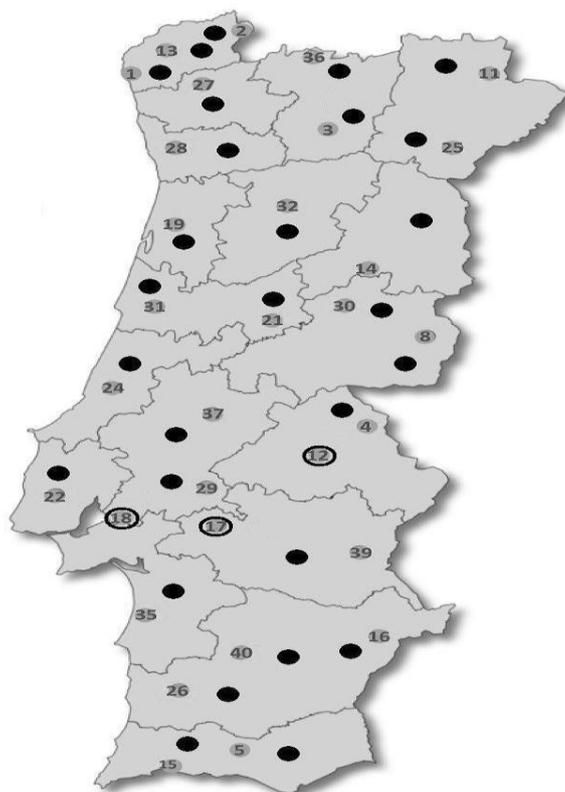
Extraído de Sória, 2013.

¹¹ As localidades relativas às ilhas portuguesas não foram estudadas, quais sejam: as identificadas com os números 6, 7, 9, 10, 20, 23, 33, 34, 38, 41 e 42, relativas a Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal), Camacha, Tanque (Funchal), Fajãzinha (Horta), Ponta Garça (Ponta Delgada), Bandeiras, Cais do Pico (Horta), Fontinhas (Angra-do-Heroísmo), Corvo (Horta), Graciosa (Angra do Heroísmo), Calheta (Angra do Heroísmo), Santo Espírito (Ponta Delgada) e Cedros (Horta), respectivamente. (SÓRIA, 2013)

1.2.2.2 A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL "NÓS"

A distribuição geográfica da primeira pessoa do plural "nós" não é uniforme em todas as localidades do português continental - *corpus* do CORDIAL-SIN. Em Cabeço de Vide e Alcochete não se registrou nenhuma ocorrência do cânone pronome, independentemente da função sintática.

A presença de *nós* no território português continental (de acordo com os dados do *corpus* CORDIAL-SIN) está assim distribuída:



Quando se observa a realização do pronome "nós", exercendo a função sintática de *sujeito*, Lavre, em Évora - (localidade 17) - também não consta do mapa: a única ocorrência, registrada em estrutura não canônica, desempenha a função de pronome possessivo:

(46) "INQ1 Olhe, e o pequenino?"

INF: Ou os chaparraís – já não há quem diga... Isto é a linguagem *de nós*"¹².

¹² Exemplo retirado de Sória (2013)

1.2.2.3 FREQUÊNCIA DE "NÓS" E "AGENTE"

Ao comparar a **FREQUÊNCIA DE "NÓS" E "A GENTE"**, os dados revelaram ser a última mais produtiva que a primeira. A frequência total de *sujeitos* realizados pode ser vista na tabela 23, transcrita de Sória (2013):

Tabela 23 - A frequência de *sujeitos* realizados com *nós* vs. a gente nos dialetos do PE continental.

| Local | <i>A gente</i> (Sujeito realizado) | <i>Nós</i> (Sujeito realizado) | Local | <i>A gente</i> (Sujeito realizado) | <i>Nós</i> (Sujeito realizado) |
|-------|------------------------------------|--------------------------------|-------|------------------------------------|--------------------------------|
| 1 | 12,4 % (11/89) | 87,6% (78/89) | 22 | 98,3% (57/58) | 1,7% (1/58) |
| 2 | 20,6% (7/34) | 79,4% (27/34) | 24 | 80,8% (80/99) | 19,2% (19/99) |
| 3 | 82% (68/83) | 18% (15/83) | 25 | 75,7% (103/136) | 24,3% (33/136) |
| 4 | 81,7% (89/109) | 18,3% (20/109) | 26 | 98,1% (105/107) | 1,9% (2/107) |
| 5 | 95,8% (46/48) | 4,2% (2/48) | 27 | 60,2% (53/88) | 39,8% (35/88) |
| 8 | 89,1% (139/156) | 10,9% (17/156) | 28 | 75% (84/112) | 25% (28/112) |
| 11 | 76,2% (80/105) | 23,8% (25/105) | 29 | 82,1% (160/195) | 17,9% (35/195) |
| 12 | 100% (23/23) | 0% | 30 | 87,1% (115/132) | 12,9% (17/132) |
| 13 | 68,9% (51/74) | 31,1% (23/74) | 31 | 96,7% (117/121) | 3,3% (4/121) |
| 14 | 76,1% (35/46) | 23,9% (11/46) | 32 | 64,4% (150/233) | 35,6% (83/233) |
| 15 | 92,8% (128/138) | 7,2% (10/138) | 35 | 85,6% (119/139) | 14,4% (20/139) |
| 16 | 95,1% (136/143) | 4,9% (7/143) | 36 | 49,2% (30/61) | 50,8% (31/61) |
| 17 | 100% (81/81) | 0% | 37 | 98% (198/202) | 2% (4/202) |
| 18 | 100% (72/72) | 0% | 39 | 72% (18/25) | 28% (7/25) |
| 19 | 72,4% (89/123) | 27,6% (34/123) | 40 | 98,4% (61/62) | 1,6% (1/62) |
| 21 | 77,1% (108/140) | 22,9% (32/140) | --- | --- | --- |

O preenchimento da casa do *sujeito* pela forma inovadora¹³ "*a gente*" é majoritário em 92% das localidades pesquisadas. O uso dessa forma pronominal só é superado pelo pronome "nós" em VILA PRAIA DE ÂNCORA (1), CASTRO LABOREIRO (2)¹⁴ e SANTO ANDRÉ (36)¹⁵. Porém, se se observam os índices percentuais, em SANTO ANDRÉ (36), a diferença de uso de "*a gente*" x "nós" é inexpressiva (49,2%) e (50,8%), respectivamente.

A não ocorrência do pronome "nós" em localidades investigadas gerou outra pergunta: a produtividade do *sujeito* nulo de 1ª pessoa do plural também foi afetada negativamente? Procedeu-se à análise de frequência do *sujeito* pronominal "nós" realizado e do *sujeito* nulo de 1ª pessoa do plural.

¹³ Chamamos "*a gente*" de forma inovadora, uma vez que, a sua inserção no quadro de pronomes pessoais ainda não é unânime dentre os estudiosos.

¹⁴ Vila Praia de Âncora e Castro Laboreiro, ambas em Viana do Castelo.

¹⁵ Santo André, em Vila Real.

Tabela 24 - A frequência do *Sujeito* pronominal *nós overt* e do *Sujeito* nulo de 1ª pessoa do plural nos dialetos do PE continental.

| Local | <i>Nós</i> (<i>Sujeito</i> realizado) | <i>Sujeito</i> nulo P4 | Local | <i>Nós</i> (<i>Sujeito</i> realizado) | <i>Sujeito</i> nulo P4 |
|--------------|--|-------------------------------|--------------|--|-------------------------------|
| 1 | 49,7% (78/157) | 50,3% (79/157) | 22 | 4% (1/25) | 96% (24/25) |
| 2 | 35% (27/77) | 65% (50/77) | 24 | 20,9% (19/91) | 79,1% (72/91) |
| 3 | 34,9% (15/43) | 65,1% (28/43) | 25 | 39,3% (33/84) | 60,7% (51/84) |
| 4 | 44,4% (20/45) | 55,6% (25/45) | 26 | 1% (2/191) | 99% (189/191) |
| 5 | 8% (2/25) | 92% (23/25) | 27 | 51,5% (35/68) | 48,5% (33/68) |
| 8 | 34,7% (17/49) | 65,3% (32/49) | 28 | 33% (28/85) | 67% (57/85) |
| 11 | 31,2% (25/80) | 68,8% (55/80) | 29 | 18,6% (35/188) | 81,4% (153/188) |
| 12 | 0% | 100% (13/13) | 30 | 16,2% (17/105) | 83,8% (88/105) |
| 13 | 39% (23/59) | 61% (36/59) | 31 | 3,6% (4/110) | 96,4% (106/110) |
| 14 | 13,6% (11/81) | 86,4% (70/81) | 32 | 26,6% (83/312) | 73,4% (229/312) |
| 15 | 17,9% (10/56) | 82,1% (46/56) | 35 | 14,8% (20/135) | 85,2% (115/135) |
| 16 | 13,7% (7/51) | 86,3% (44/51) | 36 | 23,5% (31/132) | 76,5% (101/132) |
| 17 | 0% | 100% (58/58) | 37 | 3,8% (4/106) | 96,2% (102/106) |
| 18 | 0% | 100% (14/14) | 39 | 14,6% (7/48) | 85,4% (41/48) |
| 19 | 21,7% (34/157) | 78,3% (123/157) | 40 | 3% (1/33) | 97% (32/33) |
| 21 | 26,4% (32/121) | 73,6% (89/121) | --- | --- | --- |

Extraído de Sória (2013)

Os índices percentuais mostraram que o *sujeito* nulo ainda é muito produtivo no português europeu. Apenas uma das localidades investigadas (Fiscal, em Braga (27)) registra menos de 50% de não-preenchimento.

Das análises, concluiu-se que: a) apesar de o pronome "nós" ser menos utilizado do que a expressão pronominal "a gente" e de ter sido aparentemente erradicado de algumas localidades do PE, a sua forma nula correspondente está presente em todo o território português estudado; b) entre o *sujeito* nulo de 1ª pessoa do plural e o pronome realizado de 1ª pessoa do plural, a forma nula é a preferida em praticamente todo o PE dialetal. Não parece existir, assim, para o PE, uma relação entre a substituição do pronome nominativo "nós" por "a gente" e uma baixa produtividade do *sujeito* nulo. (SÓRIA, 2013, p.78)

1.3 A INDETERMINAÇÃO DO *SUJEITO* NO PORTUGUÊS EUROPEU

1.3.1 O ESTUDO DE DUARTE, KATO E BARBOSA

As estratégias de indeterminação do *sujeito* no português europeu foram investigadas por Duarte, Kato e Barbosa (2001). As pesquisadoras utilizaram entrevistas transcritas em revistas e jornais, computando, separadamente, os recursos utilizados em frases finitas e infinitivas.

1.3.1.1 - Para as **SENTENÇAS FINITAS**, a hipótese era de os *sujeitos* indeterminados no PE tenderiam a ser nulos, com preferência pelo uso de "se" indeterminador/apassivador¹⁶.

Tabela 25 - Formas de indeterminação em sentenças finitas em PE.

| Estratégias | Se | Nós | A gente | Você | Nulo | Total |
|-------------|----------|----------|---------|------|------|-------|
| PE | 83 (83%) | 16 (16%) | 1 (1%) | - | - | 100 |
| Total | 83 | 16 | 1 | | | 100 |

Adaptado de Duarte, Kato e Barbosa (2001)

Como se esperava, os resultados mostram que no PE as construções com "se" são indubitavelmente a forma preferida para representar os *sujeitos* indefinidos (83%), seguida de longe por "nós" (16%), sempre não expresso. DUARTE, KATO, BARBOSA (2001)

1.3.1.2 - Em **SENTENÇAS INFINITIVAS**, os resultados obtidos foram:

Tabela 26 - Formas de indeterminação do *sujeito* em sentenças infinitivas em PE.

| Estratégias | Nulo | Se | Você | Total |
|-------------|----------|----------|------|-----------|
| PE | 82 (89%) | 10 (11%) | - | 92 (100%) |
| Total | 82 | 10 | - | 92 |

Adaptado de Duarte, Kato e Barbosa (2001)

¹⁶ "Foram excluídas as indeterminações com verbos na terceira pessoa do plural, tanto pela sua baixa ocorrência quanto pela especificidade no uso dessa estratégia, que, em geral, exclui o falante [como no exemplo]: Mas estou convencida que se *cv* puserem o meu programa com outro do tipo xixi-cocó, as pessoas escolhem este último". (Duarte, Kato e Barbosa (2001))

A indeterminação do *sujeito* em sentenças infinitivas, no português europeu, recai preferencialmente sobre a categoria vazia. No tocante à partícula "se", a inserção no sistema parece estar muito diretamente associada ao uso de preposição: "das 10 ocorrências no PE, 9 estão em orações regidas de preposição (6 com a preposição 'para' e 3 com a preposição 'de', nas funções de adverbiais, relativas e completivas de nome, adjetivo e verbo) e apenas uma em oração não preposicionada". (DUARTE, KATO E BARBOSA, 2001)

(47) "Como é um pouco exagero, designadamente no PCP, [pensar-se] que nos sectores intelectuais as conversas são mais simpáticas¹⁷."

O estudo, com entrevistas transcritas em revistas e jornais, mostrou que o uso do "se" é muito recorrente para indeterminar o *sujeito*, quando em sentenças finitas (83% do total de ocorrências); já em sentenças infinitivas, a indeterminação é, em 89% dos dados, feita pelo não-preenchimento da casa do *sujeito*.

1.3.2 O ESTUDO DE OLIVEIRA

A alternância das formas pronominais "nós/a gente" e do clítico "se" na indeterminação do *sujeito* no português brasileiro e no português europeu foi investigada por Oliveira (2006). Para atender ao objetivo desta subsecção, faremos um recorte, visando exclusivamente o português europeu.

Para a análise do português europeu, a pesquisadora utilizou entrevistas de Castro Laboreiro (Outeiro, Perafita), do Baixo-minhotos-durienses-beirões (Vila Boa de buços, Granjal, Figueiró), do Baixo-Minho e Douro Litoral (Vila Praia de Ancora), e de regiões meridionais (Golpilhal, Moita do Martinho, Parreira, Alcochete, Lavre, Serpa, Sagres, Porches, Alte)¹⁸, e entrevistas realizadas pelo projeto Português Fundamental¹⁹, com informantes do Porto, Faro, Lisboa, Braga, Évora, Aveiro, São Miguel, Guarda, Bragança, Portalegre, Vila real, Castelo Branco, Coimbra, Santarém, Beja, Viseu, Setúbal, Funchal, Terceira, Faial, Leiria, Viana do Castelo e Serpa.

¹⁷ Exemplo apresentado por Duarte, Kato e Barbosa (2001)

¹⁸ Disponíveis em: www.institutocamoes.pt/cvc/hlp/geografia.mapa06.html

¹⁹ Disponíveis em: http://www.clul.ul.pt/sectores/projecto_crpc.html

1.3.2.1 A DISTRIBUIÇÃO DAS VARIANTES: NÓS/A GENTE E DO CLÍTICO SE+INFINITIVO NO PORTUGUÊS EUROPEU.

Os resultados das diferentes estratégias de indeterminação mostraram que, quando se compararam os usos de "nós" e "a gente", a diferença não é tão significativa: 36% e 48%, respectivamente. Com relação ao "clítico se + infinitivo", o baixo percentual (16%), não esperado nessa variedade de língua, contrasta, em especial, com a forma inovadora "a gente": 48% vs. 16%.

Os exemplos (48), (49) e (50), retirados de Oliveira (2006), ilustram *sujeitos* indeterminados por "nós", "a gente" e "se + infinitivo" no português europeu:

(48) "Hei-de o retratar sempre convencional, a gente tem que se assumir na posição social em que está."

(49) "O sentimento influencia. Psicologicamente nós somos também... o nosso aspecto psicológico é também instrumento do nosso trabalho."

(50) "E então depois o texto discriminava exactamente as vantagens de se ter um andar aqui, para escritórios."

1.3.2.2 FATORES INTERNOS E SUAS IMPLICAÇÕES NA VARIAÇÃO DE NÓS/A GENTE X SE + INFINITIVO.

1.3.2.2.1 TIPO DE SENTENÇA

Quanto ao tipo de sentença, os resultados de Oliveira (2006) mostram que:

- em **SENTENÇAS FINITAS**, não houve diferença significativa no uso "nós" e "a gente", 44% e 56%, respectivamente.
- **SENTENÇAS INFINITIVAS** favoreceram o clítico "se", como estratégia de indeterminação do *sujeito* (87%) vs. 13% de "a gente".

As ocorrências, transcritas de Oliveira (2006), são exemplos dos empregos de "se+infinitivo" e "a gente" em construções infinitivas.

(51) "Esses tipos de situação agora aí voltou posteriormente ao cenário onde houve aí a inclusão do técnico Felipão depois de também de como ele surgiu também de várias, várias tentativas frustradas de **se encontrar** um técnico de futebol."

(52) Só a circunstância de **se ter** as portas fechadas, pois até se pode logo... grandes assuntos, coisas muito graves - e às vezes não são nada, não é."

(53) "A criança hiper ativa, bom eu não gosto muito é de rotular, eu tenho uma preocupação muito grande com **a gente colocar** rótulo. Eu acho que existe algumas crianças que são muito mais agitadas do que as outras, mas eu não creio que é porque isso vem da criança, eu creio que isso vem é do meio onde essa criança vive."

1.3.2.2.2 PARALELISMO

Das estratégias de indeterminação investigadas por Oliveira (2006), o fator paralelismo favorece o uso da forma pronominal "a gente" em 59% dos dados analisados. Com o pronome "nós", o percentual cai para 33% e, em construções de "se+infinitivo", para 8%.

Os exemplos (54), (55) e (56) ilustram paralelismo com "a gente", "nós" e "se+infinitivo" no português europeu.

(54) "A gente quando sai de casa não sabemos fazer nada, [...] e em casa também faço, mas, em casa, a gente em casa faz assim qualquer coisa porque não tem paciência [...]."

(55) "Ficam com aquela ideia que nós queremos que elas tenham, porque nós, os que já estamos muito dentro de, de publicidade, muitas vezes não podemos já distinguir o que é que vai acontecer."

(56) "Penso que apesar de tudo, apesar de... se pensar que é uma obra fundamental da história dessa mesma revolução, revela ainda, portanto, que ... para se triunfar, para se vencer qualquer movimento é necessário uma organização bastante poderosa."

1.3.2.2.3 MODALIZAÇÃO

Ao incluir a "modalização" como possível fator condicionador na variação de *sujeitos* indeterminados, Oliveira (2006) pressupõe que o "nós" e o "a gente" seriam as estratégias mais recorrentes", pois incluem o falante e atenuam o que é dito. Diferentemente, as construções com "se+infinitivo", por não evidenciar o falante, seriam pouco expressivas.

Os resultados não confirmaram a hipótese: o pronome "nós" e as construções com "se+infinitivo" registraram o mesmo percentual 34%. Com a forma pronominal "a gente", a modalização foi registrada em 32% dos casos.

O uso de modalizadores com as diferentes estratégias de indeterminação do *sujeito* no português europeu²⁰:

(57) "É a mesma coisa; e então o que é que acontece? Os dois ganham e **nós temos que dar** o voto vencido; e então os contratos saem, não só saem desactualizados, porque quando são, quando chega a esta altura de resolver este problema."

(58) "Felizmente a coisa foi rápido, portanto ainda foi nos nossos dias, tudo que **a gente possa dizer**, não pode dizer mais do que já disse a rádio, a televisão."

(59) "É que as pessoas muitas vezes têm a idéia de que se se gostou uma vez duma coisa, **que tem que se continuar** fiel àquele estilo."

1.3.2.2.4 PRESENÇA X AUSÊNCIA DE PREPOSIÇÃO

Para investigar se o uso ou ausência de preposição afetaria positiva ou negativamente as diferentes estratégias de indeterminação do *sujeito*, Oliveira (2006) procedeu ao cruzamento dos dados, cujos resultados, em estruturas preposicionadas, foram: 85% com "se+infinitivo", 11% com a forma pronominal "a gente" e 4% com o pronome "nós".

Os exemplos (60), (61) e (62), retirados de Oliveira (2006), ilustram as diferentes estratégias de indeterminação do *sujeito* em estruturas preposicionadas:

²⁰ Exemplos citados por Oliveira (2006).

(60) "E realmente é preciso dominarmos essa ansiedade para tirarmos o prazer, o prazer exacto [...] apenas **para nós** termos prazer, mas um prazer, enfim, equilibrado de certo modo, só dominando essa ansiedade."

(61) "Fotografei isso tudo e depois... **para se ver** (...) os pontos mais originais que aconteciam e as barradas."

(62) "Pois, exactamente. É que praticamente, quer dizer, com esta, estes pontos são mais fáceis mesmo de tirar. Compreendo, para mim, não é, que são mais fáceis, **de a gente**, quando dá os pontos, depois de tirar."

1.3.2.2.5 NÚMERO DE ARGUMENTOS

Do cruzamento entre "estratégias de indeterminação do *sujeito*" vs. "número de argumentos", Oliveira (2006) obteve os seguintes resultados:

VERBO COM MAIS DE UM ARGUMENTO - os percentuais de frequência do pronome "nós" e "a gente" ficaram muito próximos, 36% e 48%, respectivamente. Os casos de "se+infinitivo" totalizaram 16% do total de ocorrências.

(63) "Se há formiga-branca neste Porto Santo! A gente sentia ela roer. **A gente sentia elas roer.**"

(64) "Pois, não é verdade, podiam agradar a elas mesmas, gostarem de se ver ao espelho mesmo assim já velhinhas. **Nós** aqui nas cidades **apreciamos uma coisa.**"

(65) "Portanto eram mais trinta mil pessoas, de maneira que fazia-se ali uma cidade maravilhosa, uma cidade nova, no interior, que obrigatoriamente levava a ter que **se [Ø]** melhorar **as condições rodoviárias.**"

VERBO COM APENAS UM ARGUMENTO - a forma pronominal "a gente" concentrou 51% dos casos, o pronome "nós" 32% e "se+infinitivo" 17%.

As diferentes formas de indeterminação do *sujeito* com verbos monoargumentais:

(66) "A dado momento **a gente está** a nadar."

(67) "Nós vivemos – devido às circunstâncias em que, as coisas se foram passando na universidade- num regime que podemos considerar de liberdade quase total."

(68) "Vai-se aos bares primeiro, e depois lá tem que se [Ø] andar de noite para elas encherem a barriguita."

Os resultados da análise, se por um lado, confirmam o uso de "nós" e "a gente" como estratégias de indeterminação utilizadas no PE; por outro lado, surpreendem pelo baixo percentual de ocorrências do clítico "se", quando não se analisam separadamente os grupos de fatores. (OLIVEIRA, 2006)

1.3.3 O ESTUDO DE CARVALHO

A indeterminação do *sujeito* também foi examinada por Carvalho (2009); porém, não constam do total de dados analisados a partícula "se" - índice de indeterminação do *sujeito* - mas *sujeitos* pronominais e nulos que, no português europeu, podem desempenhar essa função.

Tabela 27 - Quantificação e porcentagem de ocorrências do cruzamento entre *sujeito* de referência genérica e pessoa gramatical.

| Pessoa gramatical | <i>Sujeito</i> preenchido | <i>Sujeito</i> nulo | Total |
|-------------------------------|---------------------------|---------------------|-------|
| Eu (1ª pessoa) | 16 (46%) | 19 (54%) | 35 |
| Tu (2ª pessoa) | 06 (60%) | 04 (40%) | 10 |
| Ele/Ela (pessoa/não-pessoa) | 134 (40%) | 200 (60%) | 334 |
| Nós (1ª pessoa) | 58 (67%) | 29 (33%) | 87 |
| A gente (1ª pessoa) | 877 (84%) | 164 (16%) | 1041 |
| Eles/Elas (pessoa/não-pessoa) | 107 (27%) | 290 (73%) | 397 |
| Total | 1198 | 706 | 1904 |

Extraído de Carvalho (2009)

Estudos de cunho tradicional definem o *sujeito* indeterminado como "aquele que *não se conhece ou não se quer identificar*" (MELO, 1978), podendo ser expresso ou pela 3ª pessoa do plural dos verbos, ou com verbo ativo (transitivo ou intransitivo) seguido do pronome "se", ou com verbo no infinitivo impessoal.

Os resultados, obtidos pela análise dos dados, mostraram que a expressão do *sujeito* indeterminado não está restrita à prescrição normativista. Até o pronome "eu", o mais alto na escala de referencialidade, já está atuando como *sujeito* genérico/indeterminado.

Para ilustrar, transcrevem-se ocorrências do *corpus* de Carvalho (2009) :

(69) "É, mas é melhor haver e tudo ter de que... (O nome de) haver, é lindo! Que eu, se **eu** não tenho e a senhora tem, oferece-me uma melancia. Se a senhora tem pêras ou laranjas, oferece-me... E é assim. Quando não há é que é pior para todos."

O uso do pronome de 2ª pessoa como *sujeito* genérico/indeterminado é um outro forte indicio de não submissão aos ditames da gramática:

(70) "E a faneca então é a principal. A faneca então é que não faz mal a pessoa nenhuma. O peixinho branco, o peixinho branco não faz mal, tenha a doença que for. Quando **tu** levantas aqueles pequenos, *a gente* abre a barriga e têm aqueles baguinhos, já é a ova."

Apesar de a indeterminação do *sujeito* ser possível com todas as pessoas gramaticais, a forma inovadora "a gente" (preenchida e nula) é a estratégia que, sozinha, concentrou mais de 50% dos casos. Diferentemente, o pronome de segunda pessoa direta (tu) foi o que menos desempenhou essa função: apenas 0,5%.

Os exemplos ilustram o uso de *a gente* para indeterminar o *sujeito*:

(71) "A fazer perigo. Quando **a gente** vê cair o... Quando **a gente** vê, às vezes, o trovão dá, o relâmpago dá em baixo, **a gente** diz assim: Aquele relâmpago trouxe perigo. Quando *a gente* às vezes vê o relâmpago rebentar muito baixo, diz assim: "(...) O relâmpago trouxe (...) perigo"! E o perigo, vem a centelha ou vem o raio."

(72) " Que mais tarde quem tem fome morre. E a coisa prolonga-se pelo lado do mal... Sempre **a gente** explorar o outro, matar o outro, (explorar, explorar)! Queremos é igualdade, mas quer dizer tudo viver de barriga cheia. Só para mim."

(73) "Ah! Aquele espaço, **a gente** calcula aquele espaço é com os passos. **A gente** marca os passos, três em três passos, manda-se uma, manda-se uma."

1.4 FINALIZANDO

Esta seção apresentou resultados de pesquisas que investigaram: (1) a realização do *sujeito* em todas as pessoas gramaticais; (2) a distribuição geográfica da primeira pessoa do plural: nós, a gente e *sujeito* nulo; (3) as estratégias de indeterminação do *sujeito* no português europeu. Para concluir, os quadros-síntese exibem os principais resultados.

A REALIZAÇÃO DO *SUJEITO* EM TODAS AS PESSOAS GRAMATICAIS

Variedade pesquisada: fala do português europeu

Pesquisadora: **DUARTE** (s/d)

Sujeito preenchido: 34%

Sujeito nulo: 66%

Pesquisadora: **CARVALHO** (2009)

Sujeito preenchido: 70%

Sujeito nulo: 30%

CONDICIONAMENTOS LINGUÍSTICOS - PRINCIPAIS RESULTADOS

PESSOA GRAMATICAL

Pesquisadora: **DUARTE** (s/d)
2ª e 3ª pessoas lideram a preferência pelo *sujeito* nulo.

Pesquisadora: **CARVALHO** (2009)
3ª pessoa (singular e plural) concentram o maior percentual de *sujeitos* nulos.

NÚMERO GRAMATICAL

Pesquisadora: **DUARTE** (s/d)
A regularidade do *sujeito* nulo pode ser atestada pelos índices muito próximos entre singular (73%) e plural (74%).

Pesquisadora: **CARVALHO** (2009)
Quer para o preenchimento, quer para o apagamento, singular e plural apresentam índices muito próximos. Com as 3ª pessoas, as mais resistentes à mudança, o plural é contexto de relativo maior uso de *sujeitos* nulos.

2ª PESSOA DIRETA E INDIRETA

| | |
|---|--|
| <p style="text-align: center;">Pesquisadora: DUARTE (s/d)</p> <p>Para a segunda pessoa direta, o percentual de <i>sujeitos</i> nulos encontrados foi de 70%.</p> | <p style="text-align: center;">Pesquisadora: CARVALHO (2009)</p> <p>Para a segunda pessoa direta, o percentual de <i>sujeitos</i> preenchidos foi de 78%.</p> |
|---|--|

TIPO SINTÁTICO DA ORAÇÃO

| | |
|--|---|
| <p style="text-align: center;">Pesquisadora: DUARTE (s/d)</p> <p>O apagamento do <i>sujeito</i> prevaleceu em todos os tipos de oração, exceto nas relativas.</p> | <p style="text-align: center;">Pesquisadora: CARVALHO (2009)</p> <p>As orações relativas afetaram positivamente o preenchimento do <i>sujeito</i> (77%).</p> |
|--|---|

TRAÇO DO REFERENTE DE TERCEIRA PESSOA

| | |
|---|--|
| <p style="text-align: center;">Pesquisadora: DUARTE (s/d)</p> <p>O traço [+] animado do referente de 3ª pessoa favorece o preenchimento do <i>sujeito</i>.</p> | <p style="text-align: center;">Pesquisadora: CARVALHO (2009)</p> <p>O uso do pronome de 3ª pessoa é afetado positivamente pelo traço [+] animado.</p> |
|---|--|

CONDICIONAMENTOS SOCIAIS - PRINCIPAIS RESULTADOS

| | |
|--|--|
| <p style="text-align: center;">Pesquisadora: DUARTE (s/d)</p> <p>A <u>escolaridade</u> e a <u>faixa etária</u> não afetaram fortemente o uso do <i>sujeito</i> nulo. "No campo extralinguístico, as diferenças devem-se mais ao tipo de texto (mais ou menos elaborado)".</p> | <p style="text-align: center;">Pesquisadora: CARVALHO (2009)</p> <p>Os resultados mostraram um fenômeno disforme, quanto às <u>localidades</u> pesquisadas: enquanto Outeiro exibe 88% de <i>sujeitos</i> nulos em estruturas correferentes, Ponta Garça registra 88% de <i>sujeitos</i> preenchidos, nesse mesmo contexto.</p> |
|--|--|

DEMAIS RESULTADOS ENCONTRADOS POR CARVALHO (2009)

Variedade pesquisada: fala do português europeu

| | |
|------------------------------------|---|
| CORREFERENCIALIDADE | Apontada pelo VARBRUL como o fator que mais afeta positiva e/ou negativamente a realização do <i>sujeito</i> . |
| TEMPO VERBAL | O preenchimento do <i>sujeito</i> com a forma nominal "infinitivo" foi de 76%. |
| COMPLEMENTOS VERBAIS | Os complementos oracionais exibiram o maior percentual de <i>sujeitos</i> preenchidos (82%) |
| CONCORDÂNCIA VERBAL | O índice percentual de concordância com <i>sujeitos</i> preenchidos e nulos chegou a 87%. A não-concordância está mais fortemente associada à realização fonética do pronomes- <i>sujeito</i> . |
| TRANSITIVIDADE VERBAL | Os índices percentuais de preenchimento e não-preenchimento mostraram semelhanças de comportamento entre os verbos intransitivos, transitivos e de ligação. |
| ORDEM | A taxa de <i>sujeitos</i> pospostos foi inexpressiva. |
| ORDEM X TIPO DE VERBO | Os números mostraram que os intransitivos são os mais resistentes à inversão (1%). |
| ORDEM X TIPO DE ORAÇÃO | A oração principal é a que mais favorece a ordem verbo- <i>sujeito</i> . |
| ORDEM X CORREFERENCIALIDADE | A correferencialidade não é um fator condicionador na ordem verbo- <i>sujeito</i> ou <i>sujeito</i> -verbo. |

(QUADRO-SÍNTESE 1)

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE NÓS VS. A GENTE

| | |
|--|---|
| <p>Pesquisadora: CARVALHO (2009)</p> <p>A distribuição geográfica mostra a presença da forma pronominal "a gente" nos 10 territórios do português continental.</p> | <p>Pesquisadora: SÓRIA (2013)</p> <p>Geograficamente, a forma pronominal "a gente" está consolidada em todas as localidades investigadas.</p> |
| <p>A autora não apresentou a distribuição geográfica do <i>sujeito</i>-prônimo "nós".</p> | <p>Quanto à distribuição geográfica da primeira pessoa do plural "nós", os resultados mostraram que duas localidades não registram ocorrências desse pronome, independentemente da função sintática.</p> |

FREQUÊNCIA DE NÓS VS. A GENTE

| | |
|--|--|
| <p>Pesquisadora: CARVALHO (2009)</p> <p>3% (141) <i>sujeitos</i> preenchidos e nulos com o pronome "nós" vs. 26% (1134) <i>sujeitos</i> preenchidos e nulos com a forma pronominal "a gente".</p> | <p>Pesquisadora: SÓRIA (2013)</p> <p>O preenchimento da casa do <i>sujeito</i> pela forma pronominal "a gente" é majoritário em 92% das localidades pesquisadas.</p> |
|--|--|

FREQUÊNCIA DO SUJEITO PRONOMINAL NÓS VS. SUJEITO NULO DE 1ª PESSOA DO PLURAL

| | |
|---|--|
| <p>Pesquisadora: CARVALHO (2009)</p> <p>65% de <i>sujeitos</i> preenchidos pela 1ª pessoa do plural "nós" vs. 35% de <u><i>sujeitos nulos</i></u> de 1ª pessoa do plural.</p> | <p>Pesquisadora: SÓRIA (2013)</p> <p>Os índices percentuais mostraram que o <u><i>sujeito nulo</i></u> de 1ª pessoa do plural ainda é muito produtivo no português europeu. Apenas em uma das localidades investigadas o percentual de preenchimento pelo uso do pronome "nós" supera o de apagamento.</p> |
|---|--|

(QUADRO-SÍNTESE 2)

**ESTRATÉGIAS DE INDETERMINAÇÃO DO *SUJEITO*
NO PORTUGUÊS EUROPEU**

Variedade pesquisada: fala do português europeu

SENTENÇAS INFINITIVAS

| | |
|---|--|
| <p>Pesquisadoras: DUARTE, KATO E BARBOSA (2001)</p> <p>A indeterminação do <i>sujeito</i> em sentenças infinitivas, no português europeu, recai preferencialmente sobre a categoria vazia (89%).</p> | <p>Pesquisadora: OLIVEIRA (2006)</p> <p>A partícula "se" foi a estratégia de indeterminação mais recorrente (87%), seguida pela forma pronominal "a gente" (13%).</p> |
|---|--|

SENTENÇAS FINITAS

| | | |
|--|---|---|
| <p>Pesquisadoras: DUARTE, KATO E BARBOSA (2001)</p> <p>As construções com "se" são indubitavelmente a forma preferida para representar <i>sujeitos</i> indefinidos (83%).</p> | <p>Pesquisadora: OLIVEIRA (2006)</p> <p>A indeterminação do <i>sujeito</i> se deu pelo uso dos pronomes "nós" e "a gente", 44% e 56%, respectivamente.</p> | <p>Pesquisadora: CARVALHO (2009)</p> <p>Apesar de a indeterminação do <i>sujeito</i> ser possível com todas as pessoas gramaticais, a forma inovadora "a gente" (preenchida e nula) é a estratégia que, sozinha, concentrou mais de 50% dos casos. Diferentemente, o pronome de segunda pessoa direta (tu) foi o que menos desempenhou essa função: apenas 0,5%.</p> |
|--|---|---|

DEMAIS RESULTADOS ENCONTRADOS POR OLIVEIRA (2006)

Variedade pesquisada: fala do português europeu

| | |
|--|--|
| PARALELISMO | O fator paralelismo favorece o uso da forma pronominal "a gente" em 59% dos dados analisados. Com o pronome "nós", o percentual cai para 33% e , em construções de "se+infinitivo", para 8%. |
| MODALIZAÇÃO | O pronome "nós" e as construções com "se+infinitivo" registraram o mesmo percentual 34%. Com a forma pronominal "a gente", a modalização foi registrada em 32% dos casos. |
| PRESENÇA/AUSÊNCIA DE PREPOSIÇÃO | Em estruturas preposicionados, a indeterminação do <i>sujeito</i> foi de 85% com "se+infinitivo", 11%, com a forma pronominal "a gente" e 4% com o pronome "nós". |
| VERBOS COM MAIS DE 1 ARGUMENTO | Os percentuais de frequência do pronome "nós" e "a gente" ficaram muito próximos, 36% e 48%, respectivamente. Os casos de "se+infinitivo" totalizaram 16% do total de ocorrências. |
| VERBOS COM APENAS 1 ARGUMENTO | Com verbos monoargumentais, a forma pronominal "a gente" concentrou 51% de indeterminação, o pronome "nós" 32% e "se+infinitivo" 17%. |

(QUADRO-SÍNTESE 3)

2 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

A Sociolinguística Laboviana é uma abordagem científica datada do terceiro quartel do século XX, que trata dos assuntos da linguagem humana e foi a ela que nos filiamos para subvencionar teórico-metodologicamente a descrição e análise da realização do *sujeito* anafórico na fala do português europeu.

Há outros modelos teórico-metodológicos para a análise da relação língua-sociedade, entretanto, a nós, para descrever o nosso objeto de estudo, interessa, especialmente, a abordagem da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, para a qual a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico de uma comunidade de fala.

A Proposta Teórico-Metodológica da Variação e Mudança Linguísticas, (WEINREICH, LABOV, HERZOG 2006 [1968]; LABOV [1972] 1994, 2001), refuta o princípio da não sistematicidade da fala, cujas heterogeneidades podem ser descritas e analisadas. O caos aparente é resultado de uma competição entre duas ou mais formas alternantes, condicionadas por fatores linguísticos e sociais, que determinam a regularidade de aplicação de uma regra variável que pode ser quantificada.

Assim sendo, a descrição e análise da realização do *sujeito* na fala do português europeu está inscrita nessa abordagem, à qual interessa estudar a língua sem dissociá-la da estrutura social e sem fazer abstrações de sua normal heterogeneidade.

2.1 OBJETIVO - HIPÓTESE - QUESTÕES DE PESQUISA

Estudos descritivos - Duarte (s/d), Oliveira (2006), Sória (2013), Carvalho (2009) - têm apontado mudanças na sintaxe do português europeu (PE), dentre as quais, o aumento no número de *sujeitos* preenchidos (referenciais e arbitrários), especialmente com a forma pronominal "a gente", cuja concordância verbal alterna entre a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural ou, ainda, com a 3ª pessoa do plural.

O objetivo desta pesquisa é buscar evidências quantitativas da mudança na sintaxe do português europeu, e, assim, certificar se essa variedade ainda se encaixa no tradicional figurino de língua de *sujeito* nulo.

A nossa hipótese de pesquisa é: a tradicional classificação do português europeu como língua [+] *pro-drop* ainda se mantém parcialmente, sendo o *sujeito* nulo majoritário em contextos em que o não-preenchimento é regra categórica, exceto com a forma pronominal "a gente", que além de liderar o número de *sujeitos* foneticamente realizados, ainda exibirá variação na concordância número-pessoal.

Objetivo e hipótese coadunam com as seguintes questões de pesquisa:

- a) quais fatores estruturais e não estruturais estão atuando na manutenção do *sujeito* nulo?;
- b) há fatores estruturais e não estruturais, que favorecem o uso do *sujeito* preenchido?

Reiteramos que a Proposta Teórico-Metodológica da Sociolinguística Variacionista subsidiará metodologicamente a descrição e análise da realização do *sujeito* - nosso objeto de estudo. Acreditamos que os resultados serão suficientes e adequados pelo fato de muitos pesquisadores, que se debruçam sobre a descrição de línguas naturais, considerarem esse modelo satisfatório.

2.2 O CORPUS DA PESQUISA

Para analisar a realização do *sujeito* na fala do português europeu, recorreremos ao *corpus* do CORDIAL-SIN²¹ – coletânea de entrevistas que foram selecionadas no âmbito dos seguintes projetos: ALEPG (Atlas Linguístico e Etnográfico de Portugal e da Galiza); ALLP (Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores) e BA (Fronteira Dialeto do Barlavento Algarvio). O *corpus* é constituído de textos transcritos da modalidade oral e produzidos por idosos nativos portugueses que sempre viveram na zona rural, com pouca instrução. É

²¹ *Corpus* Dialeto para o Estudo da Sintaxe disponibilizado pela Internet no endereço: <http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin.php>.

composto de 600.000 palavras recolhidas de 42 localidades do território continental de Portugal e dos arquipélagos da Madeira e dos Açores.

Os textos, que compõem o *corpus*, estão registrados em 3 versões:

- (1) **Transcrição conservadora** - apresenta informações sobre aspectos da produção tais como pausas, sobreposições de produção, etc. Essa versão está mais diretamente associada a estudos que investigam as estratégias de interação discursiva típicas da oralidade;
- (2) **Transcrição ortográfica normalizada** - diferentemente da versão conservadora, não há códigos que identificam as marcas da oralidade. No manual de informações, lê-se: "Esta versão inclui apenas transcrição ortográfica [...] frases completas ou fragmentos frásicos – em geral frases inacabadas – sintaticamente analisáveis e anotáveis". Foi nesse tipo de transcrição que coletamos os dados, uma vez que a análise do fenômeno que estamos investigando não exige informações tão detalhadas sobre a produção como aqueles registrados na transcrição conservadora;
- (3) **Texto morfológicamente anotado** - combina etiquetas categoriais com subetiquetas, que permitem classificar morfológicamente as unidades lexicais, por isso mesmo, nomeada de "sistema de anotação morfológica".

2.3 AS LOCALIDADES SELECIONADAS

As entrevistas que compõem o *corpus* da nossa pesquisa foram gravadas com falantes das seguintes localidades do Centro²² de Portugal: Moita do Martinho (Leiria), Vila Pouca do Campo (Coimbra) e Figueiró da Serra (Guarda), indicadas no mapa:

²² Segundo o Wikipédia, atualmente, existem 5 Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR) no território de Portugal continental: Alentejo, Algarve, Centro, Lisboa e Vale do Tejo e Norte. Criadas em 2003, as CCDRs são, segundo decreto-lei 104/2003, serviços desconcentrados da Administração central dotados de autonomia administrativa e financeira, incumbidos de executar medidas proveitosas para o desenvolvimento das respectivas regiões.



A escolha das localidades, além de ampliar a descrição do português europeu, permite que se comparem os nossos resultados a outros estudos - Duarte (s/d), Oliveira (2006), Sória (2013), Carvalho (2009) - que já investigaram essa variedade de língua. No tocante a Carvalho (2009), que analisou a realização do *sujeito*, as entrevistas portuguesas, também oriundas do CORDIAL-SIN, apenas Guarda consta do nosso *corpus*.

2.4 OS INFORMANTES

As três localidades selecionadas para compor o nosso *corpus* de análise não formam uma amostra estratificada. Em nosso trabalho, foram analisadas as falas de 11 mulheres e 8 homens, residentes em 3 localidades do território continental de Portugal. Especificamente:

LEIRIA (Cassiano, Cidália, Castorino e Cinira), **COIMBRA** (Durval, Dulce, Edésio, Edite, Dulcina, Eda, Eduarda e Edvigés) e **GUARDA** (Arnaldina, Anúplio, Artemisa, Ascensão, Aparício, Aristófanés e Apeles). Em busca de obter estratificação em representação numérica, selecionamos as primeiras 350 ocorrências de cada entrevista, o que totalizou 1050 dados analisados.

As informações do manual do CORDIAL-SIN afirmam que, para proteger as identidades dos informantes e de todos os indivíduos nomeados nas transcrições, foram usados nomes próprios portugueses que constam simultaneamente na lista estabelecida em Bergström e Reis 1997 e no Dicionário Onomástico de José Pedro Machado (Machado 1984). Ainda de acordo com o manual, "excluíram-se, no entanto, os nomes próprios que apenas existem como apelidos e aqueles que são ambíguos quanto ao gênero".

2.5 APRESENTAÇÃO DAS VARIÁVEIS

A ampla literatura mostra que a realização do *sujeito* no português europeu é um tópico já analisado por importantes pesquisadores do nosso século - (Duarte (s/d, 1995, 2003), Galves (2001), Kato (2002), Oliveira (2006), Sória (2013), Carvalho (2009), dentre outros) - porém, ainda assim, acreditamos que este trabalho é relevante, pois, além de ampliar a descrição desse fenômeno, as evidências quantitativas permitirão melhor avaliar quão *pro-drop* ainda é essa variedade de língua.

Sujeitos pronominais e nulos constituem nosso envelope de variação:

- (1) "E, no entanto, **ele** com sua junta de bois – um homem já de certa idade –, com os seus caniços cheios de pedra, é que desceu essa ladeira – que é uma ladeira mesmo a pique." (E₁₋₂)
- (2) "Um tio meu tinha uma feita em verga [...] Ø era a única pessoa que havia cá que tinha os caniços." (E₁₋₁)

Pelo fato de esta pesquisa estar inscrita em uma abordagem, que concebe a língua, heterogênea, como um conjunto de regras variáveis linguística e socialmente motivadas, o *sujeito* pronominal vs. *sujeito* nulo foi submetido a grupos de fatores linguísticos e sociais.

2.5.1 FATORES LINGUÍSTICOS

2.5.1.1 REFERÊNCIA DO *SUJEITO*

No que tange à referência do *sujeito*, essa variável tem sido incluída em estudos que investigam esse fenômeno, pois tem se revelado pertinente para a compreensão da variação, o que justifica avaliar sua influência nos dados coletados. Para o português brasileiro, Duarte (1995, 2000) "liga o aparecimento de construções pronominais nominativas a uma mudança mais geral no PB - a perda do *sujeito* nulo - que se iniciou com os *sujeitos* referenciais de 1ª e 2ª pessoas". Com relação aos *sujeitos* indefinidos/arbitrários, as estratégias de indeterminação em PB e PE se divergem: neste, o "se" é a opção mais usada; naquele, a forma preferida é o "você", seguida pelo *sujeito* nulo, pela terceira pessoa do plural e pelo "a gente". A partícula índice de indeterminação do *sujeito* "se" e o pronome "nós" ficam restritos à fala de informantes mais velhos e de escolaridade alta. (DUARTE, 2003)

Para a codificação e quantificação dos dados, a variável dependente "*sujeito* pronominal vs. *sujeito* nulo" foi classificada quanto à referência em:

(a) *sujeito* específico/referencial

(3) "E muita vez, ela dizia assim: 'Olha, deixa-me ter o dinheiro trocado para.'" (E₁₋₅)

O pronome-*sujeito* ELA designa a mãe do informante, citada anteriormente.

(b) *sujeito* genérico/arbitrário

(4) "Cobertas. A gente diz agora... (Mas) naquela altura dizíamos mantas." (E₁₋₁₇)

O pronome *a gente*, utilizado pelo falante, não envolve apenas ele mesmo e pessoas próximas, refere-se também a todas as pessoas que agora chamam as mantas de cobertas.

2.5.1.2 ANIMACIDADE DO *SUJEITO*

Para o português brasileiro, o estudo do declínio dos *sujeitos* nulos, de um lado, e o desenvolvimento progressivo do objeto nulo, de outro, permitiu que Cyrino, Duarte, Kato (2000) propusessem a escala de referencialidade, cuja relevância é preditiva na

pronominalização. De acordo as autoras, argumentos mais humanos se encontram no limite mais alto na hierarquia referencial, enquanto não-argumentos se encontram na posição mais baixa. O falante EU e o interlocutor VOCÊ, por serem inerentemente argumentos humanos, estão no ponto mais alto na hierarquia. A terceira pessoa se situa num ponto mais baixo, devido à interação de traços [+/-humano] e [+/-específico]. "O *sujeito* que se refere a uma proposição (o *sujeito* neutro) está numa posição ainda mais baixa. No ponto mais baixo da hierarquia estão os *sujeitos* não referenciais". (CYRINO, DUARTE, KATO 2000).

Ao investigar a realização do *sujeito* na fala do português europeu, seguindo os ritos da Teoria de Princípios e Parâmetros e os Pressupostos Metodológicos Variacionistas, Duarte (s/d) testou a influência do traço do referente de 3ª pessoa. Os resultados obtidos pela análise dos dados ratificam a escala de referencialidade: quando o referente é [+] animado, o *sujeito* pleno aparece em 31% dos casos. Com o *sujeito* de traço [-] animado, o preenchimento é inexpressivo (8%).

A inserção do grupo de fator "animacidade do referente de 3ª pessoa" por Carvalho (2009) foi pautada nas seguintes expectativas: para o referente de traço [-] animado ou o número de *sujeitos* pronominais seria inexpressivo ou a não-animacidade do referente implicaria regra categórica – 100% de *sujeitos* nulos. Para o referente de traço [+] animado, era esperado o favorecimento, ainda que não expressivo, de *sujeitos* preenchidos. Os números encontrados confirmaram a estreita relação entre *sujeitos* preenchidos e traço [+] animado do referente (71%). (CARVALHO, 2009)

Baseados em resultados de pesquisas - (Cyrino, Duarte, Kato (2000), Carvalho (2009), dentre outras) - que atestam o traço do referente como fator condicionador quer para o *sujeito* nulo, quer para o *sujeito* preenchido, a nossa hipótese é de que o traço [+] animado afetará positivamente o uso do pronome.

Para ilustrar, trazemos exemplos de *sujeito* [+] e [-] animado, nessa ordem:

(5) "**A gente** então ia para o campo, **Ø** andávamos por lá." (E₁₋₂₀)

(6) "Iam tirar baldes de água desse painelão [...] Quando **ela** começasse a correr pelas meadas abaixo, saía fria. Fria, no fundo do poceiro." (E₁₋₁₇)

2.5.1.3 PESSOA GRAMATICAL

Para o português brasileiro, Duarte (1995) afirma que a perda significativa do *sujeito* nulo de primeira pessoa do singular confirma que a não realização fonética deixa de ser obrigatória para ser opcional, por não haver mais uma relação direta entre flexão distintiva e *sujeito* nulo. A autora ainda destacou o avanço no uso da forma "você" e o quase desaparecimento do pronome "nós".

O estudo feito com as revistas Pato Donald (1950 a 2004) mostrou que as primeiras pessoas canônicas (eu/nós) detiveram o maior percentual de *sujeitos* nulos, apesar de esse índice ser decrescente durante os 50 anos. Já as 2^{as} pessoas e a forma pronominal "a gente" exibiram comportamento oposto, além de números expressivos de preenchimento, o *corpus*, analisado por Polli da Silva (2005) permitiu que se traçasse, em tempo real, a trajetória da forma pronominal "a gente": de um número reduzido de ocorrências com função eminentemente indeterminadora à disputa acirrada com o pronome "nós", cuja queda foi vertiginosa durante esse período.

Para o português europeu, a pesquisa de Duarte (s/d) aponta a segunda e terceira pessoas como as que lideram a preferência pelo *sujeito* nulo. No estudo de Carvalho (2009), também com o português europeu, resultado semelhante foi encontrado para a terceira pessoa. Relativamente à 2^a pessoa direta, os percentuais são diametralmente opostos: Duarte (s/d) encontrou 70% de *sujeitos* nulos e Carvalho 78% de *sujeitos* preenchidos.

Estudos anteriores - Duarte (s/d), Carvalho (2009) - permitem que formulemos as seguintes hipóteses: (i) resistência ao preenchimento pelas 3^{as} pessoas; (ii) expressivo índice percentual de *sujeitos* preenchidos pela forma pronominal "a gente". Embora a Gramática Normativa ainda não a tenha incluído oficialmente no quadro de pronomes, não poderíamos deixá-la de fora. Em Duarte (s/d), de 54 *sujeitos* preenchidos na primeira pessoa do plural, 7 são expressos por "a gente".

O fator "pessoa gramatical" foi subdividido em: eu, tu, você, senhor/senhora, ele/ela, nós, *a gente*, vós, vocês, eles e senhores/senhoras. Para ilustrar, transcrevem-se ocorrências, retiradas do nosso *corpus* de análise:

(7) "Ah, **eu** nunca matei nenhum." (E₁₋₂₄)

- (8) "Ø Estavas a perguntar se Ø estavas no tear, que Ø te ia lá visitar. Mas não sei se Ø estavas, se Ø não estavas." (E₃₋₂₆)
- (9) "Eu trago-a a andar. Eu já vou para baixo, se [você] Ø quiser ver." (E₂₋₃₆)
- (10) "Até gostava que o senhor lá fosse para ver." (E₂₋₃₄)
- (11) "Quando ela começasse a correr pelas meadas abaixo, Ø saía fria. Fria, no fundo do poceiro. Quando ela saísse já quente, em ação..." (E₁₋₁₇)
- (12) "É o paio. Aqui nós não usamos." (E₁₋₂₆)
- (13) "Havia um alforge que era (...) tecido no tear, como a gente aqui fabrica." (E₃₋₄)
- (14) "Olha, não ma partam porque é uma recordação que vocês aqui têm dele." (E₁₋₃₆)
- (15) "... porque elas tinham os filhos e vinham a casa dar comer aos filhos..." (E₁₋₅)

2.5.1.4 CONCORDÂNCIA VERBAL

Duarte (1995, 2000) relaciona a mudança no regime do *sujeito* nulo no PB à redução de seu paradigma verbal. Galves (1987) atesta que não houve um total abandono do *sujeito* nulo em função do enfraquecimento da concordância, e sim uma reorganização em torno do tópico, aspecto anteriormente apontado por Pontes (1987). Duarte (1995), ao justificar o uso do pronome "a gente", alega que esse tipo de construção "mostra a solução encontrada por um sistema que rejeita o pronome nós e, naturalmente, a desinência –mos, a que ele se relaciona." A autora afirma que as ocorrências de *sujeito* nulo identificadas pela concordância são residuais em PB e "sugere um período de transição – de língua *pro-drop* para língua não *pro-drop*" (DUARTE, 1995)

Para Duarte (s/d), diferentemente do português brasileiro, o português europeu é uma língua de concordância forte: a regularidade de ocorrência do *sujeito* nulo mostra que esse fenômeno não é ameaçado pela existência de formas homógrafas (desinências de 3ª pessoa, usadas também para 2ª pessoa indireta), o que caracteriza um paradigma como funcionalmente rico.

Carrilho (2016) afirma que "a concordância entre o *sujeito* e o verbo numa frase finita é uma relação fundamental em línguas que, como o PE, apresentam uma morfologia verbal "rica". Para a autora, as marcas morfológicas desta relação são normalmente visíveis e "a concordância *sujeito-verbo* constitui, no entanto, um domínio em que o PE exhibe alguma variação, sendo relativamente frequentes os casos em que o verbo não concorda em número com o constituinte considerado *sujeito*".

Em Carvalho (2009) o índice percentual de concordância com *sujeitos* preenchidos e nulos chegou a 87%, resultado que corrobora a proposição de que o português europeu é uma língua de concordância forte. Portanto, esperamos encontrar, em nossa análise, percentual elevado de concordância, tanto com *sujeitos* nulos quanto com *sujeitos* preenchidos.

Para a concordância verbal, adotamos os seguintes critérios: (i) marcamos como "não se aplica" a 1ª e 3ª pessoas do singular, a 2ª pessoa indireta (você), bem como o pronome de tratamento "senhor/senhora"; (ii) usamos "sim" ou "não" com a 2ª pessoa do singular (tu), 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural (nós, vós, eles/elas), a 2ª pessoa indireta (vocês) e também para o pronome de tratamento "senhores/senhoras"; (iii) com a forma pronominal "a gente", consideramos o singular como concordância. Apesar de não haver regra oficial que prescreva o uso do singular, há, para o português brasileiro, um acordo tácito quanto a esse uso.

Exemplificam os critérios de concordância:

(16) "Às vezes, apareciam muitas ervitas assim. A gente não sabia, às vezes..." (E₂₋₁₀)

(A concordância foi marcada como "sim" - a gente sabia)

(17) "Ai, e a gente (...) paga-lhe. O trabalho que ela faz, a gente paga-lhe, não é? Ø Não queremos que (ela seja prejudicada)." (E₃₋₂₇)

(A concordância foi marcada como "não" - Ø (a gente) queremos)

(18) "Eu cheguei a apanhar (...) algumas coisas perigosas com isso." (E₃₋₁₄)

(A concordância foi marcada como "não se aplica" - 1ª pessoa do singular)

(19) "Até gostava que o senhor lá fosse para ver." (E₂₋₃₄)

(A concordância foi marcada como "não se aplica" - pronome de tratamento "senhor")

(20) "... porque elas tinham os filhos e Ø vinham a casa dar comer aos filhos..." (E₁₋₅)

(A concordância foi marcada como "sim" - 3ª pessoa do plural)

2.5.1.5 MARCAS DA FLEXÃO VERBAL

Em sua análise, Carvalho (2009) encontrou, na fala de um mesmo informante, três diferentes flexões com a forma pronominal "a gente". Vejamos as ocorrências registradas pela pesquisadora:

(21) "Selha ou a dorna. Sim senhora. Tanto faz grande como pequena. A gente habituaram se: Ah! Traz-me aquela selha! Traz a selha maior! Traz a selha mais pequena!".

(Amós – Ponta Garça)

(22) "Quando há pouca uva, a gente deitam numa, por exemplo, desses já – um balseiro grande, seja uma selha pequena, que fazem o mesmo trabalho, não é? Agora se há muita uva para deitar dentro, pois a gente temos outros balseiros – que tratam os balseiros – maiores"

(Amós – Ponta Garça)

(23) "Quando a gente pegam nela, ela larga um mau cheiro. Que a gente fica com as mãos... Largam aquele cheiro". (Amós – Ponta Garça)

Carvalho (2009) também encontrou alteração do traço de número e de pessoa em orações, cujos *sujeitos* preenchidos são correferentes. Vejamos a ocorrência:

(24) "A tesoura que a gente se tosquiavam as ovelhas! A gente trazíamos aqui para baixo, depois a gente peavam-nas, as mãos e os pés, para elas estarem quietinhas, *a gente* pegavam-lhe pela cabeça, começavam pela cabeça, e iam, iam, iam, e iam cortando em toda a volta, e a lã ia enrolando de volta do corpo da ovelha".

Nesse sentido, decidimos inserir o fator "marcas da flexão verbal" uma vez que em nossos dados de análise, encontramos ocorrências de *sujeitos* correferentes, que alternam a concordância verbal. Assim foi feita a subdivisão: "mesma flexão", "outra flexão" e "não se

aplica", essa última, usada para 1ª e 3ª pessoas do singular, a 2ª pessoa indireta (você) e o pronome de tratamento "senhor/senhora". Casos excepcionais serão anotados à parte.

Ocorrências do nosso *corpus* ilustram os critérios usados em "marca da flexão":

(25) "Ah! **'Poipilas'**, isso há aí; há aí muito nas paredes; mas agora é que \emptyset ainda não **rebentaram**. (...) \emptyset Ainda **estão** pequeninas. O mais \emptyset **deitam** assim..." (E₂₋₁₀)

(Os verbos dos *sujeitos* correferentes continuam na 3ª pessoa do plural - mesma flexão)

(26) "... **a gente desbasta**, \emptyset tira (...) esse pinho assim e era daí que \emptyset **fazíamos** a lenha (...) para \emptyset (se) servirmos dela." (E₃₋₉)

(O *sujeito* "a gente" traz o verbo na 3ª pessoa do singular (desbasta), já o verbo do *sujeito* nulo, correferente, está na 1ª pessoa do plural (fazíamos) - outra flexão)

(27) "É. Você já viu? **Eu trago**-a a andar. **Eu** já **you** para baixo, se \emptyset quiser ver." (E₂₋₃₆)

(As ocorrências com a 1ª pessoa do singular foram codificadas como "não se aplica")

(28) "E depois também \emptyset **leva** outra camada, e \emptyset **punha** aquilo à frente dos bois e os bois comiam a palha." (E₃₋₁₆)

(As ocorrências com a 3ª pessoa do singular foram codificadas como "não se aplica")

2.5.1.6 TIPO DE ORAÇÃO

O fator "tipo de oração" é altamente condicionador do processo de mudança, no que tange à realização do *sujeito* no português brasileiro. Averbug (2000) encontrou, em sua análise, os seguintes percentuais de *sujeitos* nulos nos diferentes tipos de oração: 28% nas orações principais, 25% nas adverbiais, 33% nas relativas, 31% nas 1ª coordenadas, 69% com orações substantivas e com as 2ª coordenadas, 68%. Os números mostram que as duas últimas são as mais resistentes ao preenchimento. Os resultados de Matos (2009) assemelham-se aos de Averbug (2000), com exceção das orações principais e adverbiais, nas quais o uso de *sujeito* nulo apresentou, praticamente, o mesmo índice percentual.

Para o português europeu, as orações relativas com *sujeitos* de 1ª e 3ª pessoas foram as únicas em que o número de preenchimento superou o de apagamento (DUARTE, s/d). Em Carvalho (2009), as orações relativas também afetaram positivamente o preenchimento do *sujeito* (77%). Para o espanhol de Buenos Aires, as orações relativas exibiram as mais altas taxas percentuais de preenchimento. (SOARES DA SILVA, 2006)

Para testar a relevância do "tipo de oração" no preenchimento ou não-preenchimento do *sujeito* no português europeu, incluímos esse grupo de fator em nossa pesquisa e o quantificamos, supondo que os nossos resultados apontarão para a mesma direção dos de Carvalho (2009) e Duarte (s/d): as relativas como as que mais favorecem o preenchimento e as 2ª coordenadas como as mais resistentes.

A subdivisão está assim constituída: (a) principal, (b) 1ª coordenada, (c) 2ª coordenada, (d) subordinada substantiva, (e) subordinada relativa, (f) subordinada adverbial, (g) justaposta (h) independente.

Para exemplificar os tipos de oração, transcrevem-se ocorrências do *corpus* de análise:

(29) "**Eu não sei** se \emptyset conhecem..." (E₁₋₆)

(30) " **\emptyset Púnhamos leite de cabras e de ovelhas.** E depois \emptyset fazíamos aquelas caldeirinhas de papas (...)" (E₂₋₄)

(31) " \emptyset Levávamos 'asqueles' molhinhos – e ainda agora levam – **e depois \emptyset trazemos para casa.**" (E₂₋₁₇)

(32) "Não sei **se \emptyset quer isto (...) mais compassado.**" (E₃₋₁₇)

(33) "Até milho lá \emptyset semeiam, **que é o meu caso.** O meu é bastante ainda grande." (E₃₋₆)

(34) " **\emptyset Põem lá umas cebolazitas, ou umas alfaces, ou umas couvitas, quando \emptyset é grande, até milho \emptyset lá semeiam.**" (E₃₋₆)

(35) "**Só queria.** Ó senhor, **eu não sei nadinha!**" (E₂₋₃₈)

(36) "**Chamávamos isto uma dorna.**" (E₂₋₄)

2.5.1.7 TRANSITIVIDADE VERBAL

Marins (2009), ao analisar contrastivamente o português brasileiro e o italiano, parte do princípio de que a transitividade verbal afetaria positivamente o preenchimento do *sujeito*. Os resultados da pesquisa mostraram que, por um lado, os índices de *sujeitos* plenos aparecem mais expressivamente com verbos intransitivos; por outro lado, verbos transitivos e de ligação constituem contextos de resistência à implementação da mudança na marcação do PSN (Parâmetro do *Sujeito* Nulo) no PB. Para a autora, o fato de o verbo "ser" ter sido identificado como o mais usado entre os de ligação pode ter atuado em favor da resistência ao preenchimento. Semelhantemente, Duarte (1995) verificou que, na fala carioca, o verbo de ligação "ser" afetou positivamente o uso do *sujeito* nulo. Resultado que também foi encontrado por Bravin dos Santos (2006).

Na análise do português europeu, feita por Duarte (s/d), não consta o fator "transitividade verbal", mas, ainda assim, Carvalho (2009) decidiu incluí-lo em sua análise, na expectativa de verificar sua influência no fenômeno investigado; porém o Programa Computacional - VARBRUL (peso relativo) - não o apontou como fator condicionador à realização do *sujeito*. "Essa resistência sugere que os elementos que precedem o *sujeito* têm maior peso do que os que o seguem". (DUARTE, 1995, *apud* CARVALHO, 2009)

Para comparar os nossos resultados aos de Carvalho (2009), a "transitividade verbal" consta do nosso grupo de fatores, estando subdividida em: verbos de ligação, verbos transitivos e intransitivos.

Verbos de ligação, transitivo e intransitivo são apresentados, nessa ordem:

(37) "INF: Nessas barrocas. Que havia assim: a água do arroz era mais baixinha, mas havia umas barrocas e havia uma estrada. E o menino virou-se (...) para a barroca. (...)

INQ: *Caiu. Mas era bebé ainda?*

INF: Ainda era bebé. Ele era bebé." (E₁₋₁₀)

(38) "Despíamos a nossa roupa e Ø vestíamos uma roupa velha para andar na monda." (E₁₋₆)

(39) "A gente até íamos para lá lavar, e Ø estendíamos por lá a roupa por aquelas árvores, e por um lado, e por outro." (E₁₋₁₂)

2.5.1.8 ORDEM

Menuzzi (2001) afirma que na língua portuguesa, incluindo sua variante brasileira, a ordem de palavras mais comum é *Sujeito-Verbo* (SV). Apesar de a ordem "inversa" *Verbo-sujeito* (VS) também ser possível, o autor afirma que é pouco recorrente. Diante disso, é importante salientar que a ordem VS tem sido objeto de particular interesse na literatura linguística dos últimos 20 anos, inclusive para o autor supracitado, em virtude de duas observações fundamentais, apresentadas por ele. A primeira é a de que a frequência de ocorrência na ordem VS seria extremamente baixa no português do Brasil se comparada à sua frequência no português europeu ou mesmo na variante culta brasileira e a segunda observação fundamental é a de que o PB seria a língua inovadora dentre as línguas românicas no que diz respeito à ordem VS.

Em Carvalho (2009), a taxa encontrada de *sujeitos* pospostos foi inexpressiva. Esse grupo de fator sequer foi selecionado como condicionador à realização do *sujeito* na fala do português europeu, mas, ainda assim, a autora o analisou e o cruzou com "tipo de verbo", "tipo de oração" e "correferencialidade". Os números mostraram que os verbos intransitivos são os mais resistentes à inversão (1%); a oração principal é a que mais favorece a ordem *sujeito-verbo* e que a correferencialidade não afeta positiva ou negativamente a ordem SV (*sujeito-verbo*) ou VS (*verbo-sujeito*).

Pautados nos resultados de Carvalho (2009), nossa expectativa é de a ordem dos constituintes ser majoritariamente *Sujeito-Verbo*. A codificação dos dados obedeceu aos seguintes critérios: "*Sujeito-Verbo*"; "*Verbo-sujeito*" e "Não se aplica", essa última, usada em construções de *sujeito* nulo.

A ocorrência (36) ilustra a ordem *Verbo-sujeito* e a (37) *Sujeito-Verbo*:

(40) " INQ: Como é que se chamava? Que até às vezes se fritava essa gordura, ficava assim?...

INF: Pois. Pois fritava. Mas a gente não aproveita nada disso." (E₁₋₄₃)

(41) " Não senhor. Ficava ao alto. Depois deitado ficava ele quando a gente metia o gado, porque (ao) depois era sacudido com uns ancinhos." (E₁₋₃₂)

2.5.1.9 CORREFERENCIALIDADE

Estudos que investigaram a realização do *sujeito* em línguas [+] e [-] *pro-drop* - Paredes da Silva (1991), Duarte (1995), (2003), Alves Silva (2004), Soares da Silva (2006), Bravin dos Santos (2006) - tendem a confirmar a estreita relação entre correferencialidade e *sujeito* nulo. "Quanto mais estreita a conexão entre o referente do *sujeito* e a sua menção prévia, menor será a necessidade de torná-lo explícito, seja por um pronome ou um nome". (PAREDES DA SILVA, 2003)

Para apresentar números, que evidenciam a influência do fator "correferencialidade" na realização do *sujeito* no português brasileiro, recorremos à Lira (1988). A pesquisadora comparou a língua escrita à língua falada, cujas análises foram feitas com: (i) cartas familiares, escritas por quatro pessoas do sexo feminino, naturais do Rio de Janeiro, pertencentes à classe média alta; (ii) entrevistas gravadas por cinco pessoas do sexo feminino, também naturais do Rio de Janeiro, pertencentes à classe média alta. Os resultados encontrados foram: na modalidade escrita, o índice percentual de preenchimento em estruturas correferentes foi de 17%; já na modalidade falada, o percentual de *sujeitos* pronominais foi de 71%, em contextos com referentes disjuntos. "Quer o referente seja igual, quer seja diferente, esse grupo de fatores tem a mesma influência tanto na modalidade falada, como na escrita: se o referente for o mesmo, inibirá a presença do *sujeito* pronominal; se for diferente, o *sujeito* aparecerá frequentemente de forma preenchida". (LIRA, 1988)

Para o português europeu, os resultados fornecidos pelo programa computacional VARBRUL apontou, em todas as combinações feitas, a correferencialidade como altamente associada ao *sujeito* nulo, ou, inversamente, ao *sujeito* preenchido. Quando a referência é específica, o percentual de apagamento em estruturas disjuntas foi de 88%. Com *sujeitos* de referência genérica/arbitrária, o índice também foi expressivo, 81%. Construções com referentes disjuntos favorecem o preenchimento; construções que mantêm o mesmo referente associam-se, preferencialmente, a *sujeitos* nulos. (CARVALHO, 2009)

A significância do fator "correferencialidade, quer no português brasileiro, quer no português europeu, direcionam a nossa hipótese: em estruturas com referentes disjuntos, o número de *sujeitos* preenchidos será mais expressivo.

Exemplificam *sujeitos* correferentes e *sujeitos* não-correferentes, nessa ordem:

(42) "Ele está assim, Ø está a bater na madeira que é para a formiga saltar. Depois Ø estende a língua e elas apanham-no e ele pumba." (E₂₋₅₈)

(43) "... a gente gostava muito (...) das papas, cá em tempo. (...) E depois quando Ø vinham da moleira, Ø crivávamos por este crivo, ficavam aqui as carolas mais grossas." (E₂₋₄)

2.5.1.10 FORMA VERBAL

Ao comparar diferentes épocas do português brasileiro, utilizando trechos de peças de teatro de cunho eminentemente popular, escritas nos séculos XIX e XX, que compreendem o período entre 1845 e 1992, Duarte (1993) chegou aos seguintes resultados: todos os fatores linguísticos testados favorecem amplamente o uso do pronome pleno na 1ª e 2ª pessoas. Os 20% de *sujeitos* nulos na 1ª pessoa do singular, encontrados no texto de 1992, correspondem, em geral, a orações independentes com verbos simples no presente ou passado, quase sempre precedidos por uma negação, ou com uma locução verbal.

Em seu estudo de 1995, também com o PB, Duarte identificou o pretérito perfeito, como o tempo verbal que mais favorece o *sujeito* nulo "(39% das orações com verbo nesse tempo têm seu *sujeito* nulo), seguido do pretérito imperfeito (27%), e do presente (26%). Esses percentuais parecem sugerir que as desinências do pretérito perfeito para 1ª e 3ª pessoas resistem mais ao desgaste pelo qual vai passando o paradigma flexional. Destacam-se ainda as poucas ocorrências do futuro simples, a completa ausência do mais-que-perfeito simples, e os tempos do subjuntivo com apenas 20% de *sujeitos* nulos. (DUARTE, 1995)

Botassini (1998), ao examinar o uso dos pronomes-*sujeito* de 1ª pessoa (eu e nós) na linguagem falada no Paraná, identificou em todos os tempos não-marcados maior incidência de *sujeitos* nulos. Na fala londrinense, investigada por Laperuta (2002), o pretérito perfeito foi o tempo verbal que mais se associou à não realização fonética do *sujeito*.

Em Carvalho (2009), a realização do *sujeito* na fala do português europeu exibiu diferentes comportamentos: (i) quando a referência é específica, a "forma verbal" foi a terceira mais significativa, segundo o programa computacional VARBRUL - peso relativo. Os índices percentuais mostraram os tempos do subjuntivo com as maiores taxas de *sujeitos* preenchidos; (ii) quando a referência é genérica, esse grupo de fator não foi selecionado pelo

programa computacional VARBRUL - peso relativo - mas, ainda assim, a pesquisadora o analisou, com o objetivo de estabelecer comparações entre os dois tipos de referência. Os resultados apresentaram o pretérito perfeito do indicativo com a maior concentração de *sujeitos* nulos (70%).

Quanto à forma verbal, nossas expectativas são: (i) com *sujeitos* específicos/definidos, os tempos do subjuntivo concentrarão o maior percentual de preenchimento; (ii) com *sujeitos* de referência genérica/arbitrária, o percentual de apagamento será mais expressivo com o pretérito perfeito do indicativo.

Subdividimos as formas verbais em: (a) presente do indicativo, (b) pretérito perfeito do indicativo, (c) pretérito imperfeito do indicativo, (d) pretérito mais que perfeito do indicativo, (e) futuro do presente, (f) futuro do pretérito, (g) presente do subjuntivo, (h) pretérito imperfeito do subjuntivo, (i) futuro do subjuntivo e (j) infinitivo.

Para ilustrar, transcrevem-se ocorrências, retiradas do nosso *corpus* de análise:

(44) "Ø **Vou** lá passar o Natal. Olhe, Ø **tenho** ali um em Gouveia e **tenho** (...) dois netos em Coimbra – uma neta e um neto." (E₂₋₁₄)

(45) "Foi onde Ø **fui** criada desde pequenina até agora. Olhe que, agora (...) Ø já **estive** assim umas temporadas onde está meu filho." (E₂₋₁₃)

(46) "EU, às vezes, **via** lá andar senhoras, assim, a ‘esbilarerem’ as ervas. E eu **punha**-me assim para o meu filho: (...)" (E₂₋₁₃)

(47) "Digo-lhe eu: (...) aquilo (...) não vale nada, (...) mas nem que Ø me **dêem** o que me derem..." (E₂₋₃₉)

(48) "Se Ø **estivessem** a ver-se (...) erva daninha (...) que **fosse** má de o mondar. E se (...) Ø **viesse** limpo, Ø deixavam-no ficar." (E₁₋₁₆)

(49) "Levava broas inteiras, panelinhas de azeitona para **elas comerem**." (E₁₋₅)

(50) "E eu, depois, apanho isso tudo dia de São Pedro, que, quando vêm as minhas sobrinhas agora quando é no mês de Agosto, todas vêm cá para lhe **eu dar** cházinho." (E₂₋₂)

Optamos por manter no quadro de análise apenas a forma verbal **INFINITIVO** e excluir GERÚNDIO E PARTICÍPIO. Isso se justifica pelo fato de que nas análises clássicas, orações infinitivas, gerundivas e participiais são consideradas orações nominais.

Dados do português europeu revelaram que a categoria "concordância", com relação às infinitivas, também poderia estar presente nesse tipo de oração e eventualmente permitir a ocorrência de *sujeitos* lexicais com caso nominativo. Já para as gerundivas e participiais, a posição bastante generalizada é a de que são orações "nominais" sem flexão, portanto, contextos que podem abrigar *sujeitos* nulos, até mesmo em línguas de *sujeito* preenchido. (GONÇALVES, 1994)

2.5.1.11 FRASES NEGATIVAS

Polli da Silva (2005) investigou a realização do *sujeito* de 1ª e 2ª pessoas em um *corpus* constituído por 138 exemplares da revista Pato Donald. A pesquisa, em tempo real de curta duração (1950 a 2004), analisou 19.980 ocorrências, com o objetivo de verificar se essas histórias em quadrinhos, quase que totalmente traduzidas de outra língua, apresentariam, ao longo dos 50 anos, um aumento, embora sutil, no número de *sujeitos* preenchidos.

No cômputo geral, os números mostraram a tipicidade da língua escrita na revista em quadrinhos: 70% de *sujeitos* nulos. Dos grupos de fatores, possíveis condicionadores, interessa-nos o cruzamento entre "tipo de frases vs. pessoa gramatical": as declarativas afirmativas representaram 77% da amostra analisada, com peso relativo de .53 para o preenchimento; as negativas tendem levemente à ausência (.51) enquanto as interrogativas a propiciam largamente (.66).

Com frases declarativas afirmativas, as primeiras pessoas canônicas apresentaram os mais altos índices de *sujeitos* nulos: eu (77%), nós (93%) e tu (81%); com as interrogativas, somente a segunda pessoa indireta (você) e a forma pronominal "a gente" afetaram positivamente o preenchimento; com as negativas, o pronome "eu" exibiu 80% de elipses e o "nós", 94%. A única pessoa canônica a favorecer o preenchimento nesse tipo de frase foi a segunda pessoa direta (tu).

Os resultados de Polli da Silva (2005) corroboram os de Duarte (1995), que também diagnosticou, dentre os fatores internos à sentença, a negação como um contexto de resistência do *sujeito* nulo, na fala carioca. Soares da Silva (2006), em sua análise

comparativa entre o espanhol de Madri e de Buenos Aires, concluiu que, em ambas as variedades, a negação favorece o *sujeito* nulo. Apesar de a negação ainda contribuir com o apagamento, Bravin dos Santos (2006) registrou 18% de decréscimo na sua atuação com 3ª pessoa: quando comparadas, na fala carioca, as décadas de 70 e 90, o índice percentual de *sujeitos* nulos cai de 52% para 34%.

Para averiguar como se comporta o *sujeito* em frases declarativas negativas, esse grupo de fator foi incluído na análise, supondo, com base em resultados de pesquisas anteriores - (Duarte (1995), Polli da Silva (2005), Soares da Silva (2006), Bravin dos Santos (2006) - que a negação favorecerá, ainda que discretamente, a categoria vazia.

Frases negativas, ocorrências retiradas do *corpus* :

(51) " INF Já não andam assim (...) pelo campo.

INQ Já não.

Embora cantem, **não andam**.... Andávamos a mondar – eu não sei se conhecem?" (E₁₋₆)

(52) "**E eles não ferravam** e a gente a tirar água. e a gente a tirar água, e a cansar e eles sem estarem ferrados, e eles sem estarem ferrados!" (E₁₋₁₅)

(53) "Pois. É o mesmo. Tanto faz ser a borda como a costaneira. Toma uma borda. Se **não tens** dentes, olha" (E₁₋₂₆)

2.5.2 FATORES SOCIAIS

Considerando as particularidades do projeto CORDIAL-SIN, ainda que algumas entrevistas tragam cabeçalhos detalhando **SEXO**, **IDADE** e **ESCOLARIDADE** do informante, constatamos que isso não é regra. Há entrevistas sem uma ou nenhuma dessas informações. Além da falta de informações em alguns casos, ainda assim, não teríamos uma amostra estratificada, pois, consta da descrição do Projeto, que o *corpus* tem como foco falantes de idade avançada e com pouca instrução, sugerindo que a maioria é da última faixa etária e com pouca escolaridade.

2.5.2.1 LOCALIDADE

A localidade é, dentre os fatores não-estruturais, o único que consta da análise, atendendo a um de nossos objetivos que é analisar a realização do *sujeito* em diferentes regiões do território português.

(54) "Picava, picava. A gente, quando havia ervilha no centeio, **a gente** picava-se muito nas mãos." (Guarda)

(55) "Ela tinha (...) muita freguesia. **Ø** Fazia fatos para noivas (...) e **Ø** sabia fazer o fato de alfaiate, o fato de homem. Isso tudo **ela** fazia!" (Leiria)

(56) "A minha mãe já tinha os seus bocadinhos, **Ø** já tinha a sua broazinha, **Ø** cozia muitas vezes a broa. **Ø** Levava broas inteiras, panelinhas de azeitona para elas comerem. (Coimbra)

2.6 EXCLUSÃO DE DADOS

Para descrever e analisar a realização do *sujeito* na fala do português europeu, procedemos às seguintes exclusões:

2.6.1 ANOTAÇÕES ENTRE PARÊNTESES

Foram descartadas as anotações transcritas entre parênteses, pois, segundo o manual de informações do CORDIAL-SIN: "os segmentos discursivos cuja percepção auditiva por parte dos transcritores é insegura são grafados entre parênteses".

(57) "E cortavam, e (**ele**) puxavam, (...) até que saísse o resto (...) daquela pragana. Depois botava-se... (**Ele**) preparavam-no, enfiavam-no com uma roca – não sei se os senhores..." (E₁₋₁₆)

(58) INQ1: Mas a senhora disse lê-, lêvedo também?

INF: (...) É lêveda. (**Ele**) /**Ela**\ tem dois nomes." (E₁₋₃₅)

2.6.2 EXPRESSÕES (EU) ACHO QUE, (EU) SEI LÁ

Expressões "(eu) acho que", "(eu) sei lá" não constam dos dados de análise, pelo fato de Duarte (1995) ter observado, na fala carioca, que tais expressões fixas constituem contexto de *sujeito* nulo categórico (sei lá) ou muito frequente (acho que).

(59) "Vinham atrás de sei lá o que." (E₂₋₁₃)

2.6.3 ESTRUTURAS CLIVADAS OU PSEUDOCLIVADAS

Estruturas clivadas ou pseudoclivadas também não constam do total de dados analisados, por constituírem casos de pronome lexical categórico, segundo Duarte (1995).

(60) "Meu pai.. ele é que vinha muito aqui." (E₂₋₁₇)

(61) "Ainda **foi** uma **que** me fez (...) um pai do meu genro que era carpinteiro." (E₁₋₃₅)

2.6.4 PARTÍCULA DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO "SE"

Excluímos igualmente, do nosso *corpus*, construções com o clítico "se" por não constar como uma forma de realização de *sujeito* pronominal. Mantivemos as construções em que a partícula "se" exercia função reflexiva.

(62) "A gente agora, depois que houve médicos, (...) já não se precisam dos chás caseiros, nem nada." (E₁₋₂₅)

2.6.5 VERBOS NO IMPERATIVO

Verbos no imperativo não foram contabilizados em nossa análise, por condicionarem o uso do *sujeito* nulo. Segundo Gonçalves (1994), o *sujeito* é omitido em português padrão com o modo imperativo e quando não há acento contrastivo.

(63) "Lê.. lê pra mim que não enxergo." (E₃₋₃)

2.7 PROGRAMA COMPUTACIONAL UTILIZADO

Depois de selecionados, os dados foram codificados e submetidos ao instrumento quantitativo escolhido, GOLDVARB. O programa computacional, especializado em análises estatísticas de variáveis linguísticas, é uma ferramenta da informática, que atribui porcentagens relativas à variável dependente, e pesos relativos, referentes a cada um dos grupos de fatores, além de realizar também cruzamentos entre um ou mais grupos. As diversas rodadas possíveis viabilizam identificar e medir influências que incidem positiva ou negativamente sobre o fenômeno que está sendo investigado²³.

2.8 FINALIZANDO

A seção 2 inicia-se com a apresentação da abordagem teórico-metodológica, que subsidiará a descrição e análise do nosso objeto de estudo. Em 2.1, constam "objetivos", "hipótese" e "questões de pesquisa". Na subseção 2.2, apresenta-se o *corpus* e suas especificidades (origem e formação), detalhando como foram escolhidos os entrevistados do projeto CORDIAL-SIN e os três tipos de transcrições, cujos textos fazem parte de uma coletânea, originalmente gravada em áudio. Em 2.3, o mapa mostra as localidades selecionadas para a nossa pesquisa e, em seguida, a justificativa da escolha. Em 2.4, listam-se os informantes encontrados em cada entrevista, renomeados, em função da manutenção do sigilo de suas identidades. A subseção 2.5 exibe a variável dependente (*sujeito* nulo e *sujeito* pleno), seguida pelos grupos de fatores linguísticos (2.5.1) e sociais (2.5.2). Quanto às variáveis internas e externas à língua, a inclusão se deu pela relevância e aplicabilidade, já atestadas em estudos de cunho Variacionista. Em 2.6, são apresentadas as ocorrências excluídas da análise, justificando o porquê de não constarem do total de dados submetidos ao Programa Computacional GODVARB, o qual se encontra, um pouco mais detalhado, em 2.7, pois foi a ele que recorreremos para quantificar e prover os resultados, que nortearão nossa interpretação.

²³ Remeto o leitor, interessado nos passos da aplicação do modelo quantitativo utilizado neste trabalho, à Naro (2003).

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para submeter os dados - coletados em textos versados na modalidade oral e produzidos por falantes dos distritos de Guarda, Leiria e Coimbra, localizados geograficamente no centro de Portugal - ao Programa Computacional GOLDVARB, foram separados os *sujeitos* de referência específica e os *sujeitos* de referência genérica, cujos resultados serão apresentados nas subseções 3.2 e 3.3; pois, em 3.1, encontra-se o resultado geral, com os números e os percentuais obtidos em ambas as referências.

3.1 RESULTADO GERAL

Tabela 1 - Quantificação e porcentagem geral das ocorrências de sujeitos preenchidos e nulos na fala do português europeu.

| <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|---------------------|---------------------------|-------|
| 717 (68%) | 333 (32%) | 1050 |

No cômputo geral - referência específica e genérica - o índice de *sujeitos* nulos é muito superior ao de *sujeitos* preenchidos, 68% vs. 32%, respectivamente.

Tabela 2 - Quantificação e porcentagem das ocorrências de sujeitos preenchidos e nulos com referência específica e genérica.

| Referência | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Específico | 480 (63%) | 278 (37%) | 758 |
| Genérico | 237 (81%) | 55 (19%) | 292 |
| Total | 717 | 333 | 1050 |

Quando se separam as referências, o percentual de categorias vazias supera o uso de pronomes, quer com *sujeito* específico, quer com *sujeito* genérico, mais neste caso do que naquele: 81% vs. 63%.

3.2 SUJEITOS ESPECÍFICOS

3.2.1 GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS PELO PROGRAMA PESO RELATIVO

O Programa Computacional GOLDVARB selecionou para *sujeito* de referência específica os seguintes grupos de fatores: Correferência, Animacidade, Concordância, Pessoa Gramatical, Forma Verbal e Marcas da Flexão.

3.2.1.1 CORREFERÊNCIA

Tabela 3 - Quantificação e porcentagem da correferência com o sujeito de referência específica.

| Correferencialidade | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|--------------------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Mesmo <i>sujeito</i> | 281 (81%) | 65 (19%) | 346 |
| <i>Sujeito</i> diferente | 199 (48%) | 213 (52%) | 412 |
| Total | 480 | 278 | 758 |

Estudos que investigaram a realização do *sujeito* em línguas [+] e [-] *pro-drop* - Paredes da Silva (1991), Duarte (1995), (2003), Alves Silva (2004), Soares da Silva (2006), Bravin dos Santos (2006) - tendem a confirmar a estreita relação entre correferencialidade e *sujeito* nulo. "Quanto mais estreita a conexão entre o referente do *sujeito* e a sua menção prévia, menor será a necessidade de torná-lo explícito, seja por um pronome ou um nome". (PAREDES DA SILVA, 2003)

Ao incluirmos a correferencialidade dentre os grupos de fatores, esperávamos que, em estruturas disjuntas, o percentual de *sujeitos* preenchidos fosse superior ao de *sujeitos* nulos. Hipótese confirmada, embora a diferença não seja expressiva, apenas 4%.

Exemplifica *sujeito* preenchido em estrutura não correferente:

(1) "É o funcho. Pois eu agora estava equivocada. É. Ø É o funcho. Olhe, **eu** tenho-o aqui neste jardimzinho. E depois têm cá vindo as minhas sobrinhas quando é no mês de Agosto, e gostam de levar dos chás que eu cá tenho." (E₂₋₀₁)

3.2.1.2 ANIMACIDADE

Tabela 4 - Quantificação e porcentagem das ocorrências do sujeito de referência específica com referentes animados e não-animados.

| Animacidade | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|-------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Animado | 424 (61%) | 271 (39%) | 695 |
| Não-animado | 56 (89%) | 7 (11%) | 63 |
| Total | 480 | 278 | 758 |

Apesar de o percentual de *sujeitos* nulos superar o de *sujeitos* preenchidos, quando se observa o uso de pronomes com o traço [+] e [-] animado do referente, os nossos resultados reforçam a escala de referencialidade, proposta por Cyrino, Duarte, Kato (2000), cuja relevância é preditiva na pronominalização: argumentos mais humanos se encontram no limite mais alto na hierarquia referencial, enquanto não-argumentos se encontram na posição mais baixa. O falante EU e o interlocutor VOCÊ, por serem inerentemente argumentos humanos, estão no ponto mais alto na hierarquia. A terceira pessoa se situa num ponto mais baixo, devido à interação de traços [+/-humano] e [+/-específico].

A estreita relação entre "traço [+] animado" e o uso de "pronomes" já foi atestada em estudos que investigaram a realização do *sujeito* na fala do português europeu. Duarte (s/d) registrou, com referente de traço [+] animado, 31% de *sujeitos* plenos; já com o traço [-] animado, o preenchimento foi de apenas 8%. Em Carvalho (2009), a diferença percentual no índice de *sujeitos* preenchidos com o traço [+] e [-] animado também é flagrante: 71% vs. 33%, respectivamente.

As ocorrências (2) e (3) ilustram *sujeitos* de traço [+] e [-] animado, nessa ordem:

(2) "Chamava-se-lhe (...) a ladeira do Jesus da Venda, que **ele** já morreu, ele e a mulher –, e ele para fazer ver que o carro (que) travado... Que não havia cá! Foi só ele o primeiro que teve cá um carro desses, um carro de ferro. E, no entanto, ele com sua junta de bois - um homem já de certa idade com os seus caniços cheios de pedra." (E₂₋₀₁)

(3) "INQ: O campo não era de ninguém? Esse campo?"

INF1: Esse campo, nessa altura, não era de ninguém. **Ø** Não estava amanhado." (E₂₋₂₁)

3.2.1.3 CONCORDÂNCIA

Tabela 5 - Quantificação e porcentagem da concordância verbal com o sujeito de referência específica.

| Concordância verbal | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|---------------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Concordância | 148 (59%) | 101 (41%) | 249 |
| Não-concordância | 91 (84%) | 17 (16%) | 108 |
| Total ²⁴ | 239 | 118 | 357 |

Semelhantemente a Duarte (s/d) e Carvalho (2009), os nossos resultados reiteram, para o português europeu, o estatuto de língua de morfologia verbal rica. Obtivemos, no total geral, 70% de concordância; porém, nesse percentual, encontram-se *sujeitos* preenchidos e nulos com a forma pronominal "a gente", para a qual, marcamos o singular como "concordância".

Nas ocorrências, retiradas do nosso *corpus* de análise, marcamos os *sujeitos* preenchidos e nulos como concordância:

(4) "INF É. E depois, (...) o outro meu filho vai assim: "Ó mãe, ó pai, venha cá que o Édipo diz que está aqui no poço, está aqui na água"! E ele lá estava metido e o engenho a andar.

INQ Ai coitadinho!

INF E ele agarrado a umas ervazitas que lá estava. E depois **a gente** lá o tirou, lá **Ø** o **lavou**, lá o **Ø** **vestiu**, tudo. E (...) havia outra senhora aí que também andava... Havia assim uma estrada ali assim às marinhas – chamávamos-lhe as marinhas do arroz. E o menino era um menino muito lindo, muito lindo! (...) E caiu a poceira. Virou-se e o menino virou-se para a barroca." (E₂₋₀₉)

(5) " INQ: Mas é criação que se chama?

INF1: Pois, chamamos-lhe a criação. E tínhamos bezerros. O meu pai que Deus tem tinha (...) uma junta de gado e tinha dois bezerros. (...) **A gente** então **ia** para o campo, andávamos por lá (tudo) /todos\ juntos, as raparigas e rapazes, e andávamos todos por lá todos juntos com o gado..." (E₂₋₂₀)

²⁴ Os casos de "não se aplica", cujas ocorrências não exibem marcas distintivas, totalizaram 401 ocorrências.

Para verificar o alto percentual de *sujeitos* nulos em estruturas de não-concordância, o que não era esperado, cruzam-se os dois grupos de fatores:

Tabela 6 - Cruzamento entre concordância verbal e pessoa gramatical dos sujeitos específicos.

| Pessoa gramatical | Não-concordância com <i>sujeito</i> nulo | Não-concordância com <i>sujeito</i> pleno | Total |
|-------------------|--|---|-------|
| Nós | - | 01 (100%) | 01 |
| <i>A gente</i> | 86 (86%) | 14 (14%) | 100 |
| Eles/Elas | 05 (71%) | 02 (29%) | 07 |
| Total | 91 | 17 | 108 |

A forma pronominal "a gente" responde por 95% de não-concordância com *sujeitos* nulos. A alternância das desinências verbais e o fato de considerarmos o uso do singular como regra, explica os resultados apresentados na tabela 5. Relembramos que o "a gente" exibe no português europeu três flexões: 1ª pessoa do plural, 3ª pessoa do singular e 3ª pessoa do plural. Variações que o tornam diferenciado das demais pessoas gramaticais.

(6) "Para fazer a comida. O mais era sempre com a máquina a trabalhar. E tinha muita freguesia mesmo! Às vezes, o meu pai (...) até se aborrecia porque ela depois não tinha tempo (...) para fazer outras coisas que haviam de ser feitas, por causa de: "Ah, eu queria isso feito até domingo, se pudesse ser"... E depois ela, coitada, (...) não lhe apetecia a dizer-lhe que não e depois apertava, estava até às tantas da noite sempre agarrada à máquina. **A gente íamos** para a cama e **Ø notávamos** bem, que: "Olha, a mãe ainda está a trabalhar! Ainda **Ø sentimos** a máquina a trabalhar". (E₃₋₁₉)

(7) " INF2: A gente deixa-a lá dentro uns bocadinhos.

INF1: Ai, e **a gente** (...) **paga-lhe**. O trabalho que ela faz, **a gente paga-lhe**, não é? **Ø** Não **queremos** que (ela seja prejudicada)....

INQ2 Pois, coitada.

INF2 Nem vem sempre. Vem assim quando... Agora está a chover, ela vem para aqui, não vai para outro lado". (E₃₋₂₇)

3.2.1.4 PESSOA GRAMATICAL

Tabela 7 - Quantificação e porcentagem das ocorrências do sujeito de referência específica com todas as pessoas gramaticais.

| Pessoa gramatical | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|-------------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Eu | 107 (54%) | 93 (46%) | 200 |
| Tu | 10 (100%) | - | 10 |
| Ele | 129 (67%) | 64 (33%) | 193 |
| Nós | 18 (60%) | 12 (40%) | 30 |
| <i>A gente</i> | 105 (58%) | 79 (42%) | 184 |
| Eles | 107 (80%) | 26 (20%) | 133 |
| Total | 476 | 274 | 750* |

Para a pessoa gramatical, referenciamos-nos nos resultados dos estudos de Duarte (s/d) e Carvalho (2009) para formularmos as seguintes hipóteses: (i) resistência ao preenchimento pelas 3^{as} pessoas; (ii) expressivo índice percentual de *sujeitos* preenchidos pela forma pronominal "a gente".

Os números confirmam a resistência das 3^{as} pessoas; porém, com a segunda pessoa direta (tu) o não-preenchimento foi regra categórica, 100%. Com a forma pronominal "a gente", o resultado surpreende por não concentrar o maior percentual de *sujeitos* plenos (42%), embora não se possa ignorar a sua significância.

Para exemplificar 1^a pessoa gramatical (eu), apresentam-se ocorrências, retiradas do nosso *corpus* de análise:

(8) "**Eu**, às vezes, via lá andar assim senhoras, assim, a 'esbilarrem' as ervas. E **eu** punha-me assim para o meu filho: "Será que aquelas pessoas, se calhar, andam a ver se acham algumas ervinhas que são próprias (...) para chás. E ele dizia-me que sim, que eram gente que andava à cata de ervas lá no jardim (do) Marquês de Pombal. (...) E **eu** (...) ia muito com a minha netinha lá para o jardim das Amoreiras – a senhora é de lá, conhece tudo...". (E₂₋₁₃)

(9) "Olhe, **Ø** tenho ali um em Gouveia e tenho (...) dois netos em Coimbra – uma neta e um neto. O ano passado **Ø** passei com eles. (...) Agora este ano **Ø** vou passar com o outro... Só **Ø** tenho os dois. E **eu** gosto de os honrar, tanto a um como ao outro." (E₂₋₁₄)

3.2.1.5 FORMA VERBAL

Tabela 8 - Quantificação e porcentagem do tempo verbal com sujeito de referência específica.

| Tempo verbal | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> pleno | Total |
|--------------------------|---------------------|----------------------|-------|
| Presente do indicativo | 153 (54%) | 126 (46%) | 279 |
| Perfeito do indicativo | 61 (58%) | 43 (42%) | 104 |
| Imperfeito do indicativo | 240 (75%) | 84 (25%) | 324 |
| Imperfeito do subjuntivo | 4 (36%) | 7 (64%) | 11 |
| Futuro do subjuntivo | 6 (55%) | 5 (45%) | 11 |
| Infinitivo | 15 (54%) | 13 (46%) | 28 |
| Total ²⁵ | 479 | 278 | 757 |

Em todas as formas verbais a preferência recai sobre o *sujeito* nulo, exceto com o pretérito imperfeito do subjuntivo, com menos de 40% de apagamento; o que confirma parcialmente a nossa hipótese; pois acreditávamos, baseando-nos em Carvalho (2009), que os tempos do subjuntivo concentrariam as maiores taxas de *sujeitos* preenchidos.

Exemplificam *sujeitos* preenchidos e nulos com verbos no pretérito imperfeito do subjuntivo:

(10) "Quer dizer, foi mal curada e depois ficou cem por cento mouca. Já lhe compraram o aparelho mas não resultou, porque como ela é cem por cento mouca... Se **Ø tivesse** (...) uma pequena porcentagem de ouvir, aquilo podia resultar..." (E₁₋₂₆)

(11) "INF1: Haviam de cá vir era um dia que **eu cozesse** o pão, que estivessem a ver logo, do princípio ao fim.

INQ: E depois, portanto, quando a massa já estava quê? Quando já estava pronta, dizia-se: "Olha, a massa já está"?...

INF1: Já está e vai-se tender." (E₂₋₄₂)

²⁵ O único dado que não consta da tabela está no futuro do passado, e o caso foi de *sujeito* nulo.

3.2.1.6 MARCAS DA FLEXÃO

Tabela 9 - Quantificação e porcentagem das marcas da flexão verbal com o sujeito de referência específica.

| Marcas da flexão | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|---------------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Mesma flexão | 135 (85%) | 23 (15%) | 158 |
| Outra flexão | 23 (70%) | 10 (30%) | 33 |
| Total ²⁶ | 158 | 33 | 191 |

Os resultados obtidos com "marcas de flexão", mostram que as estruturas mantenedoras da mesma desinência de número-pessoa implicam relativo maior uso de *sujeitos* nulos. Carvalho (2009) também analisou esse grupo de fator com a forma pronominal "a gente" e os percentuais de *sujeitos* preenchidos, quando a referência é genérica, foram: 33% com a mesma flexão vs. 100% com outra flexão.

Em (12) o *sujeito* nulo com a forma pronominal "a gente" tem a mesma flexão:

(12) "INF2: E pede à gente (para a deixar) andar.

INQ1: Claro, claro.

INQ2: Não, e é bom para ela.

INF1: É. É também bom, pois.

INF2: **A gente tem** pena dela e **Ø deixa**-a estar." (E₁₋₂₈)

Em (13) o *sujeito* nulo com a forma pronominal "a gente" tem outra flexão:

(13) "E tínhamos bezerros. O meu pai que Deus tem tinha (...) uma junta de gado e tinha dois bezerros. (...) **A gente** então **ia** para o campo, **Ø andávamos** por lá (tudo) /todos\ juntos, as raparigas e rapazes, e andávamos todos por lá todos juntos com o gado..." (E₂₋₂₀)

²⁶ Os casos de "não se aplica", cujas ocorrências não podem ser classificadas, totalizaram 567: 322 de *sujeitos* nulos e 245 de *sujeitos* preenchidos. No total geral são 758.

3.2.2 GRUPOS DE FATORES NÃO SELECIONADOS PELO PROGRAMA PESO RELATIVO

Embora o Programa Computacional GOLDVARB não tenha apontado como significativos "transitividade verbal", "tipo de oração", "localidade" e "frases negativas"; ainda assim, optamos por inseri-los na análise, com o objetivo de comparar os nossos resultados aos de Carvalho (2009), em quem nos baseamos ao propor os nossos grupos de fatores.

3.2.2.1 TRANSITIVIDADE VERBAL

Tabela 10 - Quantificação e porcentagem da transitividade verbal com o sujeito de referência específica.

| Transitividade verbal | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|-----------------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Verbos de ligação | 63 (67%) | 32 (33%) | 95 |
| Verbos transitivos | 313 (62%) | 196 (38%) | 509 |
| Verbos intransitivos | 104 (67%) | 50 (33%) | 154 |
| Total | 480 | 278 | 758 |

Os resultados, que obtivemos, com percentuais muito próximos, quando se observam os *sujeitos* preenchidos, ou quando se observam os *sujeitos* nulos, confirmam a não significância deste grupo de fatores. Semelhantemente, na análise de Carvalho (2009), a transitividade verbal também não foi condicionador à realização do *sujeito* no português europeu. "Essa resistência sugere que os elementos que precedem o *sujeito* têm maior peso do que os que o seguem". (DUARTE, 1995)

A ocorrência (14) exemplifica verbos intransitivo e transitivo:

(14) "INF: Mas agora o rodízio está estragado, Ø não **tem** penas. Se o meu filho a não compuser, não se pode... – a mó não anda já.

INQ: Mas a senhora não está a moer, agora?

INF: Ø **Anda**. Ø Até já **anda**. Ø Até **gostava** que o senhor lá **fosse** para ver." (E₂₋₃₄)

3.2.2.2 TIPO DE ORAÇÃO

Tabela 11 - Quantificação e porcentagem do tipo de oração com o sujeito de referência específica.

| Tipo de oração | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|----------------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Oração principal | 40 (64%) | 23 (36%) | 63 |
| Oração 1ª coordenada | 65 (56%) | 51 (44%) | 116 |
| Oração 2ª coordenada | 192 (75%) | 67 (25%) | 259 |
| Oração relativa | 03 (33%) | 06 (67%) | 09 |
| Oração justaposta | 15 (60%) | 10 (40%) | 25 |
| Oração substantiva | 36 (55%) | 30 (45%) | 66 |
| Oração adverbial | 36 (64%) | 21 (36%) | 57 |
| Oração independente | 93 (57%) | 70 (43%) | 163 |
| Total | 480 | 278 | 758 |

Apesar de o grupo de fator "tipo de oração" não ter sido selecionado pelo Programa Computacional GOLDVARB não se pode ignorar sua significância, que reside, especialmente, nas orações relativas, as únicas em que o percentual de *sujeitos* preenchidos supera o de *sujeitos* nulos.

Em Duarte (s/d), as orações relativas também foram as únicas em que o número de preenchimento superou o de apagamento. Em Carvalho (2009), esse tipo de oração afetou positivamente o uso de pronomes (77%). Para o espanhol de Buenos Aires, as relativas exibiram as mais altas taxas percentuais de *sujeitos* plenos. (SOARES DA SILVA, 2006)

A exclusão do grupo de fator "tipo de oração" pelo Programa Computacional GOLDVARB - peso relativo - reforça a necessidade do olhar criterioso do pesquisador, pois os números fornecem as interpretações estatísticas, imprescindíveis para a Teoria Variacionista, entretanto o pesquisador é o único responsável pela interpretação linguística.

Exemplifica oração relativa com *sujeito* preenchido:

(15) "Levávamos para a gente. Uma ocasião (um) /o\ meu andava na... Eram dois filhos **que eu tenho**. E andávamos a sachar e andávamos então, "Ó João, ó Edgardo", que é...

INQ Os seus filhos." (E₁₋₀₉)

3.2.2.3 LOCALIDADE

Tabela 12 - Quantificação e porcentagem do fator localidade com o sujeito de referência específica.

| Localidade | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Leiria | 183 (65%) | 98 (35%) | 281 |
| Coimbra | 98 (60%) | 65 (40%) | 163 |
| Guarda | 199 (64%) | 115 (36%) | 314 |
| Total | 480 | 278 | 758 |

Os números mostram que prevalece a preferência pelo *sujeito* nulo nas três localidades analisadas, que mantiveram o percentual de apagamento na sexta casa decimal. Nossos resultados são divergentes dos de Carvalho (2009), que encontrou em 9 das 10 localidades investigadas, índices de *sujeitos* preenchidos acima de 50%.

(16) " Não, não, essas **Ø** não conheço. Essas **Ø** não conheço. Há muitas ervas que a gente... Porque sabe, (...) os mais antigos ainda que eu é que conheciam essas ervas. Porque naquela altura não havia médicos. A gente agora, depois que houve médicos, (...) já não se procuram os chás caseiros, nem nada." (E₁₋₃₅)

(17) "Olhe, ainda aqui tenho as cruces. A cruzinha, não sei onde é que eu a pus. (...) Olhe, (tem) /até\ aqui a fazer uma cruzinha (...) de loureiro e de oliveira e de alecrim. E depois pomos. Dia três de Maio, pomos 'asquelas' cruzinhas nas casas, que depois diz que faz bem às trovoadas. Quando está a trovejar muito, **nós** fazemos (e) **Ø** pomos isto nas brasas." (E₂₋₃₄)

(18) "INQ1: Quando o vitelo acaba de nascer, a vaca o que é que costuma fazer com a língua?

INF: É lambê-lo. (...) É zelá-lo (...) com a língua. Era sempre a lamber nele. (...) E não se podia lá chegar muito perto de alguns, que **nós** tivemos aí, que eles com aquela soberba... **Eu** cheguei a apanhar (...) algumas coisas perigosas com isso. **Ø** Não conhecia. Se tinha a vaca por muito mansa até àquela altura, facilitava nela, chegava lá, ele uma vez aconteceu que se não me acodem, ela (...) bem dava conta de mim, não é?

INQ2 Mas é... Dava conta... Mas à cornada ou?... INF Pois, à cornada, (...) sôfrega, não é?

INQ2 Pois é." (E₁₋₁₄)

3.2.2.4 FRASES NEGATIVAS

Tabela 13 - Quantificação e porcentagem das frases negativas com o sujeito de referência específica.

| Tipos de frases | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|-----------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Negativas | 46 (53%) | 40 (47%) | 86 |
| Outras frases | 434 (65%) | 238 (35%) | 672 |
| Total | 480 | 278 | 758 |

Para averiguar o comportamento do *sujeito* em frases declarativas negativas, esse grupo de fator foi incluído na análise, supondo, com base em resultados de pesquisas anteriores - (Duarte (1995), Polli da Silva (2005), Soares da Silva (2006), Bravin dos Santos (2006) - que a negação favoreceria, ainda que discretamente, a categoria vazia. Porém, os números que obtivemos não confirmaram a nossa hipótese: o percentual de apagamento em frases negativas não supera o de "outras frases" 53% vs. 65%, respectivamente.

As ocorrências (19), (20), (21), (22) e (23) ilustram frases negativas com a primeira pessoa do singular (eu), *sujeitos* preenchidos e nulos:

(19) "Embora cantem, não andam... Andávamos a mondar – **eu não sei** se conhecem? –, a mondar." (E₁₋₆)

(20) "Tinha (...) um aparelho que **eu não sei** como aquilo se chamava, que tinha parecia umas (entrosas) /entradas\ que passava o linho, porque..." (E₁₋₁₆)

(21) "Ah, **eu nunca matei** nenhum!" (E₁₋₂₄)

(22) "Depois então era quando havia então a dobadoira e botava-se assim (...) na roca, assim aos fiinhos assim. E assim então já tinha a dobadoira (...) quatro assim, quatro (...) quinas. E a gente atava numa ponta. A gente não. Eles é que... Naquela altura eles é que o arranjavam. E depois ficava, ficava e atavam assim; depois tinham (...) umas agulhas já próprias (...) para o desfiar. E era assim que eu o vi arranjar, mas mais nada já **Ø não vi.**" (E₁₋₃₉)

(23) "Olhe, ainda aqui tenho as cruces. A cruzinha, **Ø não sei** onde é que eu a pus. (...) Olhe, (tem) /até\ aqui a fazer uma cruzinha (...) de loureiro e de oliveira e de alecrim. E depois pomos (...)... Dia três de Maio, pomos 'asquelas' cruzinhas nas casas... (E₂₋₁₆)

3.3 SUJEITO DE REFERÊNCIA GENÉRICA

A tradição gramatical define o *sujeito* indeterminado como "aquele que *não se conhece ou não se quer identificar*" (MELO, 1978), podendo ser expresso ou pela 3ª pessoa do plural dos verbos, ou com verbo ativo (transitivo ou intransitivo) seguido do pronome "se", ou com verbo no infinitivo impessoal.

Apesar de, em frases finitas, a indeterminação do *sujeito* estar prescrita à 3ª pessoa do plural dos verbos e à partícula "se" (verbos intransitivos ou transitivos indiretos); estudos (Duarte, Kato e Barbosa (2001), Carvalho (2009), Sória (2013) que investigaram as estratégias de indeterminação, tanto em língua escrita quanto falada, mostram que a norma gramatical não é regra categórica no português europeu, que já recorre ao uso de pronomes, incluindo os mais altos na "Escala de Referencialidade", proposta por Cyrino, Duarte, Kato (2000), cuja relevância é preditiva na pronominalização.

O *sujeito* de referência genérica/arbitrária (indeterminado) - objeto de nossa investigação - totalizou 11% do total dos dados computados. Para analisá-lo, apresentaremos, em ordem de relevância, os grupos de fatores selecionados pelo Programa Computacional GOLVVARB e, posteriormente, os que não foram selecionados, mas que podem contribuir para melhor compreender o fenômeno.

3.3.1 GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS PELO PROGRAMA PESO RELATIVO

Para o *sujeito* de referência genérica, o programa computacional GOLVVARB selecionou os seguintes grupos de fatores: Pessoa Gramatical, Concordância Verbal, Marcas da flexão, Tipo de oração e Localidade.

3.3.1.1 PESSOA GRAMATICAL

A tradicional partícula "se", índice de indeterminação do *sujeito*, não consta do total de dados analisados; portanto, *sujeitos* preenchidos e nulos foram as estratégias investigadas.

Tabela 14 - Quantificação e porcentagem das ocorrências do sujeito de referência genérica com todas as pessoas gramaticais.

| Pessoa gramatical | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|-------------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Tu | 01 (100%) | --- | 01 |
| Ele/Ela | 28 (85%) | 5 (15%) | 33 |
| <i>A gente</i> | 40 (49%) | 41 (51%) | 81 |
| Eles/Elas | 168 (95%) | 9 (5%) | 177 |
| Total | 237 | 55 | 292 |

Os números mostram que, apesar de ainda prevalecer a clássica "fórmula" de indeterminação - verbo na 3ª pessoa do plural, o português europeu já recorre as outras estratégias, apesar de ser apenas 01 ocorrência, destaca-se especialmente o pronome "tu", nada ortodoxo, que ocupa o limite mais alto na hierarquia referencial.

Pontos divergentes e convergentes podem ser observados, quando se compararam os nossos resultados a outros²⁷, que também investigaram as estratégias de indeterminação na fala do português europeu:

DIVERGÊNCIAS:

i) Oliveira (2006) obteve, em frases finitas, os seguintes percentuais na alternância das formas pronominais "nós/a gente": 44% e 56%. Em nossa pesquisa, não se registrou nenhuma ocorrência do pronome-*sujeito* "nós";

ii) nos dados analisados por Carvalho (2009), os pronomes "eu", "tu", "ele/ela", "nós", "a gente", "eles/elas" constam do quadro de indeterminação. Nos nossos resultados não aparecem os pronomes: "eu" e "nós";

iii) Carvalho (2009) registrou 63% de preenchimento vs. 37% de apagamento. Os nossos números são: 81% de preenchimento vs. 20% de apagamento.

²⁷ Os resultados das pesquisas de Oliveira (2006) e Carvalho (2009) estão na seção 1 desta dissertação.

CONVERGÊNCIAS:

- i) excetuando o pronome "tu", com apenas 01 ocorrência, os nossos resultados e os de Carvalho (2009) apontam as 3^{as} pessoas como as mais resistentes ao preenchimento, sendo a 3^a pessoa do plural ainda mais resistente que a 3^a do singular;
- ii) os nossos resultados assemelham-se ao de Oliveira (2006) e Carvalho (2009): a forma pronominal "a gente" lidera a preferência das estratégias de indeterminação, com mais de 50% do total de *sujeitos* preenchidos.
- iii) semelhantemente a Carvalho (2009), o uso do pronome de segunda pessoa direta "tu" também não foi expressivo em nosso *corpus* de análise, mas, apesar de a quantidade não ter sido expressiva, sua ocorrência é muitíssimo significativa.

Para ilustrar a indeterminação do *sujeito* com o uso do pronome de segunda pessoa direta "tu" (nulo), transcreve-se a única ocorrência encontrada no *corpus*:

(24) "Há muita gente que lhe diz: "Olha, não Ø tens aí lêveda para pôr nas azeitonas?" E outros dizem que é segurelha." (E₂₋₃₅)

3.3.1.2 CONCORDÂNCIA

Teoricamente, classificada como língua de morfologia rica, esperávamos, portanto, encontrar, na fala do português europeu, elevado percentual de concordância, tanto com *sujeitos* nulos quanto com *sujeitos* preenchidos. Vejamos os resultados:

Tabela 15 - Quantificação e porcentagem da concordância verbal com o sujeito de referência genérica.

| Concordância verbal | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|---------------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Concordância | 177 (82%) | 40 (18%) | 217 |
| Não-concordância | 32 (76%) | 10 (24%) | 42 |
| Total ²⁸ | 209 | 50 | 259 |

²⁸ Os casos de "não se aplica", cujas ocorrências não exibem marcas distintivas, totalizaram 33. No total são 292.

Em índices percentuais, obtivemos, com *sujeitos* preenchidos e nulos, 84% de concordância. Resultado que, além de confirmar a nossa hipótese, ainda reitera a proposição de Duarte (s/d): "o português europeu é uma língua de concordância forte: a regularidade de ocorrência do *sujeito* nulo mostra que esse fenômeno não é ameaçado pela existência de formas homógrafas, o que caracteriza um paradigma como funcionalmente rico".

O resultado, porém, exige que busquemos resposta para a seguinte pergunta: "Por que a "não-concordância" implicou expressivo índice de *sujeitos* nulos?"

Tabela 16 - Cruzamento "pessoa gramatical" vs. "concordância verbal" - sujeito de referência genérica.

| Pessoa gramatical | Concordância <i>sujeito</i> preenchido | Concordância <i>sujeito</i> nulo | N/concordância <i>sujeito</i> preenchido | N/concordância <i>sujeito</i> nulo | Total |
|---------------------|--|----------------------------------|--|------------------------------------|-------|
| Tu | -- | 01(100%) | -- | -- | 01 |
| A gente | 31(39%) | 10 (12%) | 10 (12%) | 30 (37%) | 81 |
| Eles/Elas | 09 (5%) | 166 (94%) | -- | 02 (1%) | 177 |
| Total ²⁹ | 40 | 176 | 10 | 32 | 259 |

Ao cruzar os grupos de fatores: "concordância verbal" x "pessoa gramatical", podemos observar que 95% dos casos de não-concordância são com a forma pronominal "a gente": 25% com *sujeito* preenchido e 75% com *sujeito* nulo. Portanto, a "não-concordância" está muito diretamente associada ao uso da forma pronominal "a gente", que, conforme já mencionado, traz, mesmo em estruturas correferentes, alternância na marca de flexão.

Para exemplificar, apresentam-se ocorrências em que há alternância na marca da flexão com a forma pronominal "a gente":

(25) "Sim, sim. Ia buscar (...) ao meu pinhal, cortava o pinheiro que estava (...) mais doente, ou seco já, (...) ou com um defeito, que já não tinha crescimento; **a gente desbasta, Ø tira** esse pinho assim e era daí que **Ø fazíamos** a lenha (...) para **Ø** (se) **servirmos** dela." (E₁₋₀₅)

²⁹ Os casos de "não se aplica", cujas ocorrências não exibem marcas distintivas, totalizaram 33. No total geral são 292.

(26) "À volta. E a gente tínhamos (...) um jeito dum sarilho – não era? – e tinha uma corrente e a gente mudava dum lado para o outro o sarilho (...). O vento mudava, nunca estava no mesmo sítio, e a gente mudava-o para o outro lado." (E₁₋₀₉)

(27) "Depois aquilo andava a gente com o sarilho lá por dentro, mudávamos e Ø puxávamos o moinho. Ø Tirávamos o moinho do vento, quando a gente o queria parar. Ø Tirávamos o moinho. Por exemplo, se o vento era daqui, Ø puxávamos o moinho para ali, (...) o vento dava nas velas por cima, parava." (E₁₋₄₃)

3.3.1.3 MARCAS DA FLEXÃO

Para observar como se comporta a desinência número-pessoal em estruturas com *sujeitos* correferentes, incluímos o grupo de fator "marcas da flexão". Relembramos que a subdivisão foi feita da seguinte forma: "mesma flexão", "outra flexão" e "não se aplica", essa última, usada para 1ª e 3ª pessoas do singular, a 2ª pessoa indireta (você) e o pronome de tratamento "senhor/senhora". Quanto à forma pronominal "a gente", marcamos o singular como concordância e o plural como "não-concordância".

Tabela 17 - Quantificação e porcentagem das marcas da flexão verbal com o sujeito de referência genérica.

| Marcas da flexão | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|---------------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Mesma flexão | 117 (94%) | 7 (6%) | 124 |
| Outra flexão | 14 (53%) | 12 (47%) | 26 |
| Total ³⁰ | 131 | 19 | 150 |

Os números mostram que o uso do *sujeito* nulo se sobrepõe ao *sujeito* preenchido em estruturas que mantém a mesma flexão: 94% vs. 6%. Argumento que reforça a tese apresentada por Duarte (1993): correlação entre categoria vazia e morfologia verbal. Assim, quando se alternam as desinências, esperávamos que o percentual de *sujeitos* preenchidos fosse superior ao de *sujeitos* nulos, mas o índice de apagamento foi sensivelmente superior ao

³⁰ Os casos de "não se aplica", cujas ocorrências não exibem marcas distintivas, totalizaram 142: 106 de *sujeitos* nulos e 36 de *sujeitos* preenchidos. No total geral são 292.

de preenchimento. Resultado que, a princípio, seria contraditório, não fossem as constantes alternâncias de concordância com a forma pronominal "a gente".

Vejamos exemplos em que *sujeitos* correferentes com a forma pronominal "a gente" alternam a marca de concordância:

(28) "Que aquelas meadas, se (se) enxugarem na areia, depois de estar enxuta, ficava a parecer linha, grossa. Mandavam (...) para as tecedeiras para fazer mantas. Cobertas. **A gente diz** agora... (Mas) naquela altura **Ø dizíamos** mantas." (E₂₋₁₇)

(29) "Então, olhe lá, antigamente **a gente ficávamos** com o nosso ofício, (...) que **a gente tinha** dos nossos pais. Agora não. A gente agora tudo... Tudo o que **a gente** os **queremos** ver é bem. Então, a gente... Ele agora o que a gente os quer é ver é bem." (E₂₋₄₉)

3.3.1.4 TIPO DE ORAÇÃO

Tabela 18 - Quantificação e porcentagem do tipo de oração com o sujeito de referência genérica.

| Tipo de oração | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|----------------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Oração principal | 17 (80%) | 04 (20%) | 21 |
| Oração 1ª coordenada | 43 (72%) | 16 (28%) | 59 |
| Oração 2ª coordenada | 106 (89%) | 13 (11%) | 119 |
| Oração justaposta | 09 (75%) | 03 (25%) | 12 |
| Oração substantiva | 15 (71%) | 06 (29%) | 21 |
| Oração adverbial | 09 (52%) | 08 (48%) | 17 |
| Oração independente | 38 (90%) | 04 (10%) | 41 |
| Total ³¹ | 237 | 54 | 290 |

Se, por um lado, os índices percentuais de *sujeitos* nulos são muito expressivos com todos os tipos de oração; por outro lado, os 11% de *sujeitos* preenchidos em oração 2ª coordenada não é típico de língua [+] *pro-drop*, a não ser que os *sujeitos* não sejam correferentes.

³¹ Encontramos apenas 2 ocorrências de orações relativas: 1 com *sujeito* nulo e 1 com *sujeito* preenchido. Somando essas ocorrências com as 290 da tabela, o total é 292.

Para verificar o preenchimento em 2ª coordenada, faremos um outro cruzamento: "tipo de oração" x "correferência":

Tabela 19 - Quantificação e porcentagem do cruzamento entre "oração 2ª coordenada com o sujeito de referência genérica" vs. "correferencialidade".

| Correferencialidade | 2ª coordenada <i>sujeito</i> | 2ª coordenada <i>sujeito</i> | Total |
|--------------------------|------------------------------|------------------------------|-------|
| | preenchido | nulo | |
| Mesmo <i>sujeito</i> | -- | 74 (94%) | 74 |
| <i>Sujeito</i> diferente | 13 (20%) | 32 (80%) | 45 |
| Total | 13 | 106 | 119 |

Os números mostram que os 11% do total de preenchimento em 2ª coordenada são em estruturas de referência disjunta. A categoria vazia em 2ª coordenada com *sujeitos* correferentes é regra categórica em língua [+] *pro-drop*.

Exemplo de não-preenchimento em oração 2ª coordenada com *sujeitos* correferentes, que alternam as marcas de flexão:

(30) "Com uma peneira. E peneiravam aquilo tudo (em acção de) ficar só o pó. Punham- lhe um bocadinho (...) de carvão só para... (...) Agora **a gente diz** que é (...) carvão, mas naquela altura **Ø dizíamos** que era uma brasa. (Estava) aquilo tudo e depois tinha (...) um panelão grande ao lume, em cima das trempes, a ferver. Iam tirar baldes de água desse panelão a ferver e passavam por cima da roupa toda, das meadas." (E₂₋₀₇)

Exemplo de não-preenchimento em oração 2ª coordenada com *sujeitos* correferentes, que mantém a mesma marca de flexão:

(31) "INF2: É, é. A lenha, e é que cozia.

INF1: Era. Dava a lenha e tinha o trabalho.

INF2: A gente só lá ia levá-lo. (...)

INF1: **A gente** só lá ia levá-lo e **Ø** trazia-o cozido." (E₂₋₆₆)

Exemplo de oração adverbial em que os *sujeitos* preenchidos são correferentes e alternam as marcas de flexão:

(32) "Botávamos assim umas três ou quatro faixas, (...) assim para se segurar, e depois botávamos os feixes que a gente carregava no campo (...). **A gente carregávamos** carradas até que **a gente pudesse**." (E₂₋₃₆)

3.3.1.5 LOCALIDADE

A nossa amostra por não ser estratificada, não permitiu a inclusão dos clássicos grupos sociais; assim, "Localidade" é o único fator não-linguístico, que consta da análise.

Tabela 20 - Quantificação e porcentagem do fator localidade com o sujeito de referência genérica.

| Localidade | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Leiria | 64 (93%) | 5 (7%) | 69 |
| Coimbra | 139 (74%) | 48 (26%) | 187 |
| Guarda | 34 (95%) | 2 (5%) | 36 |
| Total | 237 | 55 | 292 |

Apesar de não serem expressivos os percentuais de *sujeitos* preenchidos, Coimbra se destaca em relação à Leiria e Guarda. A diferença entre a primeira e as últimas é de 19% e 21%, respectivamente. Resultados semelhantes foram encontrados por Carvalho (2009) e Sória (2013): a realização do *sujeito* não é um fenômeno uniforme em todas as localidades do território português.

Exemplificam *sujeitos* correferentes com a "a gente", em Coimbra:

(33) " INQ: Hum, que cheirinho! Cheira muito bem.

INF: Isto faz bem (...)... Quando a gente tem um inchaço numa perna, Ø coze isto e Ø lava-se (...) com a água disto, faz bem ao inchaço. Olhe, eu tenho aqui os chás.." (E₂₋₀₁)

(34) "E depois punham ali umas fogueiras aos largos e depois **a gente salvava** aquilo, Ø **dizia** que era para se defumar... Ø Fazia bem. Que era o defumadoiro." (E₂₋₁₅)

Para observarmos como se distribuem as pessoas gramaticais, faremos um outro cruzamento:

Tabela 21 - Cruzamento de "pessoa gramatical com o sujeito de referência genérica" vs. "localidade".

| Pessoa | Coimbra | | Leiria | | Guarda | | Total |
|---------|----------|-----------|---------|----------|---------|----------|-------|
| | Pleno | Nulo | Pleno | Nulo | Pleno | Nulo | |
| Tu | -- | 01 (100%) | -- | -- | -- | -- | 01 |
| A gente | 37 (46%) | 36 (45%) | 02 (2%) | 04 (5%) | 02 (2%) | -- | 81 |
| Ele | 04 (12%) | 20 (61%) | 01 (3%) | 02 (6%) | -- | 06 (18%) | 33 |
| Eles | 07 (4%) | 82 (46%) | 02 (1%) | 58 (33%) | -- | 28 (16%) | 177 |
| Total | 187 | | 69 | | 36 | | 292 |

Coimbra concentra 90% do total de ocorrências com a forma pronominal "a gente". Apesar de Leiria e Guarda não apresentarem números significativos de uso com essa forma pronominal, pode-se, ainda assim, confirmar a consolidação geográfica de "a gente" no território continental português. Semelhantemente aos resultados encontrados por Carvalho (2009) e Sória (2013),

Para ilustrar *sujeitos* preenchidos e nulos com a forma pronominal "a gente", transcrevem-se ocorrências, retiradas do *corpus* de análise:

(35) "E depois então era então a mota. **A gente** até **íamos** para lá lavar, e **Ø estendíamos** por lá a roupa por aquelas árvores, e por um lado, e por outro. Chamávamos-lhe então a mota do rio. É assim (...) uma coisa que era mais alta que o rio. O rio (...) era mais baixo." (E₂₋₁₂)

(36) "Agora **a gente diz** que é (...) carvão, mas naquela altura **Ø dizíamos** que era uma brasa. (Estava) aquilo tudo e depois tinha (...) um panelão grande ao lume, em cima das trempes, a ferver. Iam tirar baldes de água desse panelão a ferver e passavam por cima da roupa toda, das meadas." (E₂₋₁₇)

(37) " Estavam preparadas. Depois iam então para o rio. Lavavam, lavavam, lavavam, botávamos- lhe sabão e (botavam-nas) a corar. A corar na areia. Quando (as mulheres) já viam que aquilo estava em condições, apanhavam e lavavam-na e depois botavam-na a enxugar. Que aquelas meadas, se (se) enxugarem na areia, depois de estar enxuta, ficava a parecer linha, grossa. Mandavam (...) para as tecedeiras para fazer mantas. Cobertas. A gente **diz** agora... (Mas) naquela altura **Ø dizíamos** mantas." (E₂₋₁₇)

3.3.2 FATORES NÃO SELECIONADOS PELO PROGRAMA PESO RELATIVO

Apesar de os grupos de fatores "animacidade", "transitividade verbal", "correferencialidade", "forma verbal" e "frases negativas" não terem sido selecionados pelo Programa Computacional - Peso Relativo, ainda assim, resolvemos incluí-los na análise, com o objetivo de melhor compreender o nosso objeto de investigação, a realização do *sujeito*.

3.3.2.1 ANIMACIDADE

Tabela 22 - Quantificação e porcentagem das ocorrências do sujeito de referência genérica com referentes animados e não-animados.

| Animacidade | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|-------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Animado | 215 (81%) | 51 (19%) | 266 |
| Não-animado | 22 (85%) | 4 (15%) | 26 |
| Total | 237 | 55 | 292 |

As diferenças percentuais não significativas contrariaram as expectativas, mas, ainda assim, os números mostram que o traço [+] animado do referente é um contexto de relativo maior uso de pronomes. Resultado oposto ao de Carvalho (2009), que registrou, em estruturas semelhantes, 71% de *sujeitos* preenchidos.

Para ilustrar *sujeitos* [-] animados, transcrevem ocorrências retiradas do *corpus*:

(38) "Mas antes era (...) com bicos dos pinheiros, ou então com palha de arroz seca. Queimava-se aquilo logo. Depois Ø era bem raspado com umas navalhas. Raspavam aquilo bem raspado. Depois então, depois de isso tudo já bem lavadinho... (...) Lavava tudo bem lavadinho, depois vão pendurar-se, são abertos, são pendurados. (Eles tiravam) /Extraem\ o respectivo sangue (...) para fazer as chouriças, as morcelas e essa coisa." (E₂₋₂₄)

(39) "Quer fosse meada, quer fosse roupa, era na mesma. Por cima daquilo tudo, para molhar (...) aquela cinza. Toda molhadinha. Quando ela começasse a correr pelas meadas abaixo, saía fria. Fria, no fundo do poceiro. Quando ela saísse já quente, em acção que viesse quase (...) da temperatura da panela estava (...) a barrela feita [...] Estavam preparadas. Depois iam então para o rio. Lavavam, lavavam, lavavam, (...) botávamos- lhe sabão." (E₂₋₁₇)

3.3.2.2 TRANSITIVIDADE VERBAL

Tabela 23 - Quantificação e porcentagem da transitividade verbal com o sujeito de referência genérica.

| Transitividade verbal | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|-----------------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Verbos de ligação | 21 (87%) | 3 (13%) | 24 |
| Verbos transitivos | 172 (80%) | 44 (20%) | 216 |
| Verbos intransitivos | 44 (85%) | 8 (15%) | 52 |
| Total | 237 | 55 | 292 |

Para a realização do *sujeito*, a transitividade verbal tem sido sistematicamente rejeitada, tanto no português brasileiro (DUARTE, 1995) quanto no português europeu (CARVALHO, 2009). Os nossos resultados confirmam que esse grupo de fator não afeta positiva ou negativamente a regra variável.

Ocorrência com *sujeito* preenchido e nulo com verbo transitivo:

(40) "Então (é o aparelho que lhe)... (...) **Eles faziam** uma coisa assim alta. E **Ø tinham** (...) umas ripas assim a atravessar, (enleavam-no), e aquilo andava de volta, de volta, de volta, de volta..." (E₂₋₁₈)

Ocorrência com *sujeito* preenchido "a gente" com verbo de ligação:

(41) "Que até o tenho aqui, olhe. Até o tenho aqui. Tenho-o lá em seco, mas tenho-o aqui. Olhe, este é o chá da horta que faz bem (...) aos estômagos. Quando **a gente está** aflita do estômago... Olhe, o meu marido." (E₃₋₀₂)

Ocorrência com *sujeito* preenchido "a gente" com verbo intransitivo:

(42) "INF1 (...) Depois no outro dia, toca a gente a andar a apertar outros braços novos, e as velas rasgavam- se, pois prantávamos outras... Era uma vida pobre, pronto!

INF1 Mas naquele tempo usava-se aquilo.

INF1 Eu gostava muito. Eu gostava. Eu gostava.

INF2 E naquele tempo, foi: **a gente andámos** à amassadura e já se governámos." (E₁₋₄₇)

3.3.2.3 CORREFERENCIALIDADE

Tabela 24 - Quantificação e porcentagem da correferencialidade com o sujeito de referência genérica.

| Correferencialidade | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|--------------------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Mesmo <i>sujeito</i> | 141 (86%) | 23 (14%) | 164 |
| <i>Sujeito</i> diferente | 96 (75%) | 32 (25%) | 128 |
| Total | 237 | 55 | 292 |

Quer em estruturas correferentes, quer em estruturas de referência disjunta, é muito expressivo o percentual de *sujeitos* nulos. Porém, não se pode ignorar que o preenchimento favorece mais este que aquele caso, 25% vs. 14%, respectivamente.

Exemplos de *sujeitos* não-correferentes e correferentes:

(43) Ou de barro. De barro quebrava-se o moinho e o barro ia logo todo embora; e os de cana não, caíam e não se quebravam. E se se Ø quebrassem, a gente arranjava logo outros." (E₁₋₅₂)

(44) "Se a gente queria abaixar... Por exemplo, Ø queria o arado a lavrar mais fundo, dava nesta cunha para cima e alevantava o temão para cima, já ficava a picar mais fundo." (E₁₋₅₅)

(45) "INF Não, não. Quer dizer, já há muitos anos Ø coziam por aí cal. Havia uns fornos de cal, e depois até Ø iam para cima... Ele com uma escada, subiam... Vidas arriscadas! Iam para cima do pinheiro, derramar o pinheiro para depois venderem essa lenha (...) para cozer fornadas de cal." (E₁₋₀₈)

(46) "INF: E o tempo de agora... Antigamente, quando os rapazes iam à tropa, Ø faziam então: Ø compravam uma roupa toda igual e Ø faziam um baile. Ø Vinham já com o baile de Coimbra. A gente ia daqui que... Ø Fritávamos bacalhau, naquele tempo, e queijo, e Ø íamos para Coimbra (...) com os cestos – eu não sei se a senhora doutora sabe disto?

INQ: Não, não, não.

INF: Ø Íamos então para Coimbra com os cestos, eles depois vinham; depois (...) o pessoal que ia connosco, (...) Ø íamos comer todos.

INQ: Todos juntos." (E₂₋₁₀)

Para verificar a influência da concordância verbal no alto índice de *sujeitos* nulos, fizemos um outro cruzamento:

Tabela 25 - Cruzamento "correferência" vs. "concordância" com sujeitos genéricos preenchidos e nulos.

| Concordância Verbal | Concordância | Não-concordância | Total |
|--------------------------------|--------------|------------------|-------|
| Mesmo <i>sujeito</i> nulo | 105 (81%) | 24 (19%) | 129 |
| Mesmo <i>sujeito</i> pleno | 16 (80%) | 04 (20%) | 20 |
| <i>Sujeito</i> diferente nulo | 72 (90%) | 08 (10%) | 80 |
| <i>Sujeito</i> diferente pleno | 24 (80%) | 06 (20%) | 30 |
| Total ³² | 217 | 42 | 259 |

A concordância verbal, ainda é muito forte no português europeu, explica o alto percentual de *sujeitos* nulos em estruturas de referência disjunta, 90%.

3.3.2.4 FORMA VERBAL

Tabela 26 - Quantificação e porcentagem do tempo verbal com o sujeito de referência genérica.

| Tempo verbal | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|------------------------------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Presente do indicativo | 29 (67%) | 14 (33%) | 43 |
| Pretérito perfeito do indicativo | 11 (73%) | 4 (27%) | 15 |
| Pretérito imperfeito do indicativo | 186 (85%) | 33 (15%) | 219 |
| Total ³³ | 226 | 51 | 277 |

Para o português brasileiro, o estudo de Duarte (1993, 1995) identificou o pretérito perfeito, como o tempo verbal que mais favorece o *sujeito* nulo. Na fala londrinense, investigada por Laperuta (2002), o pretérito perfeito também foi o tempo verbal que mais se associou à não realização fonética do *sujeito*.

³² Os casos de "não se aplica", cujas ocorrências não exibem marcas distintivas, totalizaram 33. No total geral são 292.

³³ Foram encontradas ainda: 1 ocorrência no presente do subjuntivo (*sujeito* nulo), 4 ocorrências no pretérito imperfeito do subjuntivo (3 nulos e 1 preenchido), 1 no futuro do subjuntivo (*sujeito* preenchido) e 9 no infinitivo (7 *sujeitos* nulos e 2 preenchidos). A soma totaliza 15 que, somados aos da tabela, totalizam 292.

Em Carvalho (2009), a realização do *sujeito* na fala do português europeu exibiu diferentes comportamentos: (i) quando a referência é específica, a "forma verbal" foi a terceira mais significativa, segundo o programa computacional VARBRUL - peso relativo. Os índices percentuais mostraram os tempos do subjuntivo com as maiores taxas de *sujeitos* preenchidos; (ii) quando a referência é genérica, esse grupo de fator não foi selecionado pelo programa computacional VARBRUL - peso relativo - mas, ainda assim, a pesquisadora o analisou, com o objetivo de estabelecer comparações entre os dois tipos de referência. Os resultados apresentaram o pretérito perfeito do indicativo com a maior concentração de *sujeitos* nulos (70%).

Semelhantemente a Carvalho (2009), em nosso estudo, o grupo de fator "forma verbal" foi selecionado pelo Programa Computacional GOLBVARB - peso relativo - para o *sujeito* de referência específica, mas rejeitado para o *sujeito* de referência genérica. A sua inclusão na análise também objetiva comparar as duas referências: quando específico, o pretérito imperfeito do subjuntivo é o tempo verbal que mais favorece o *sujeito* preenchido (64%); quando genérico, o pretérito imperfeito do subjuntivo é contexto de relativo maior uso de *sujeitos* nulos (85%)

Para exemplificar o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo, transcrevem-se ocorrências, retiradas do nosso *corpus* de análise:

(47) "INF 1: À primeira corrida, davam a corrida toda depois de semearem o linho; depois davam outra vez outra corrida para cobrir o linho. O linho nascia. Quanto mais vezes (...) fosse semeado, melhor era. Nascia... Se **Ø estivessem** a ver-se (...) erva daninha (...)

INF2: É erva daninha, é erva ruim.

INF1: que fosse má, (tinham) /tinha\ de o mondar. E se (...) viesse limpo, deixavam-no ficar. Quando **ele estivesse** vingado, já assim a ficar amarelo, arrancava-se todo" (E₂₋₁₆)

(48) "INF 1: Quer fosse meada, quer fosse roupa, era na mesma. Por cima daquilo tudo, para molhar (...) aquela cinza. Toda molhadinha. Quando **ela começasse** a correr pelas meadas abaixo, saía fria. Fria, no fundo do poceiro. Quando **ela saísse** já quente, em acção que viesse quase (...) da temperatura da panela estava (...) a barrela feita."

INF2 Estava (a barrela feita)." (E₂₋₁₇)

3.3.2.5 FRASES NEGATIVAS

Tabela 27 - Quantificação e porcentagem das frases negativas com o sujeito de referência genérica.

| Tipos de frases | <i>Sujeito</i> nulo | <i>Sujeito</i> preenchido | Total |
|-----------------|---------------------|---------------------------|-------|
| Negativas | 13 (82%) | 3 (18%) | 16 |
| Outras frases | 224 (82%) | 52 (18%) | 276 |
| Total | 237 | 55 | 292 |

Quando se compararam as frases negativas a outras frases, coincidentemente, temos os mesmos percentuais de *sujeitos* nulos e preenchidos, em ambos os tipos de frases. Os nossos resultados diferem dos encontrados na fala carioca, na qual, a negação é, dentre os fatores internos à sentença, um contexto de resistência do *sujeito* nulo (DUARTE, 1995). No espanhol de Madri e no espanhol de Buenos Aires, a negação favoreceu o apagamento (Soares da Silva, 2006). Apesar de a negação ter contribuído com o apagamento, Bravin dos Santos (2006) registrou 18% de decréscimo na sua atuação com 3ª pessoa: quando comparadas, na fala carioca, as décadas de 70 e 90, o índice percentual de *sujeitos* nulos caiu de 52% para 34%. Com relação ao português europeu, os estudos de Duarte (s/d) e Carvalho (2009) não investigaram esse grupo de fator; portanto, não é possível que comparemos os nossos resultados aos que também investigaram a mesma variedade de língua.

As ocorrências, retiradas do *corpus* de análise, ilustram frases negativas:

(49) " INF: Já não andam assim (...) pelo campo.

INQ: Já não.

INF: Embora cantem, **não andam**.... Andávamos a mondar – **eu não** sei se conhecem?" (E₁₋₆)

(50) "**E eles não ferravam** e a gente a tirar água. e a gente a tirar água, e a cansar e eles sem estarem ferrados, e eles sem estarem ferrados!" (E₁₋₁₅)

(51) " INQ: E a costaneira é a mesma coisa?

INF: Pois. É o mesmo. Tanto faz ser a borda como a costaneira. Toma uma borda. Se **não tens** dentes, olha" (E₁₋₂₆)

3.4 ORDEM

Em relação à ordem, cujas possibilidades eram "ordem direta", "indireta" e "não se aplica", (para os dados com *sujeitos* nulos) - obtivemos todos os nocautes esperados: obviamente, os dados categorizados como "não se aplica" foram nulos e as ocorrências de ordem direta e indireta foram preenchidas. Em razão do nocaute nas três categorias, precisamos excluí-la de nossos códigos para seguir com as outras fases da análise: separar genéricos de específicos para buscar a significância dos grupos de fatores.

Apesar da sua exclusão nas diferentes rodadas, decidimos inseri-la na análise: dos 333 dados encontrados com *sujeito* preenchido, nos quais era possível a análise, apenas 10 exibiram a ordem *Verbo-sujeito*. Apesar de os nossos resultados confirmarem a expectativa de que a ordem dos constituintes fosse majoritariamente *Sujeito-Verbo*, o número de *sujeitos* em ordem indireta foi ainda menor do que o esperado.

Quando se observa exclusivamente a ordem indireta, obtivemos 50% de inversão com *sujeitos* de referência específica e 50% com *sujeitos* de referência genérica; o que mostra que o tipo de referência não interferiu na ordem dos constituintes. Ao cruzar "ordem" e "transitividade verbal", encontramos 7 (70%) de ordem indireta com verbos transitivos, semelhantemente a Carvalho (2009) cuja análise mostra que foram esses os verbos que mais favorecem a inversão (99%). Diferentemente dos resultados da autora, nos números que obtivemos, a oração principal foi juntamente com a oração independente, as que mais favoreceram a ordem inversa, com o mesmo percentual, 30%. Quanto à correferencialidade, nossos dados também se assemelham aos de Carvalho (2009), confirmando que esse grupo de fator não afeta positiva ou negativamente a ordem S-V ou V-S.

Acreditamos que futuras análises tragam maiores contribuições, uma vez que o nosso objeto de estudo, embora permeie, não tem a "ordem" como foco de investigação, apesar de a literatura linguística ter a ela se dedicado nos últimos 20 anos.

Exemplifica-se a ordem indireta:

(52) "**Temos nós** uma na fazenda... Agora já não é minha, mas era do meu pai." (E₂₋₂₃)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A linguagem fez-se para que nos sirvamos dela, não para que a sirvamos a ela".

(Fernando Pessoa)

A presente pesquisa, desenvolvida com base nos Pressupostos Teóricos e Metodológicos da Sociolinguística Variacionista, analisou a realização do sujeito no português europeu, utilizando amostras de fala de três localidades: Leiria, Coimbra e Guarda - disponíveis no *Corpus* Dialetal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN). O objetivo foi buscar evidências quantitativas que atestassem quão *pro-drop* ainda é essa variedade de língua, ou, inversamente, diagnosticar mudanças na sintaxe do português europeu.

Para a investigação, foram coletados 1050 dados, que depois de codificados e submetidos ao Pacote Computacional GOLDVARB, confirmaram a variedade de além-mar como [+] *pro-drop*, apesar de haver casos de preenchimento em contextos não previstos em língua de sujeito nulo. Além dessas estruturas não prototípicas, há variação na desinência de número e pessoa com a forma pronominal "a gente", que, apesar de ainda não constar do clássico quadro de pronomes pessoais, já está consolidada em todo o território português.

Passemos à atuação dos grupos de fatores na regra variável:

CORREFERENCIALIDADE - para o sujeito de referência específica, esse foi o primeiro grupo de fator a ser selecionado pelo Programa Computacional GOLDVARB: o percentual de sujeitos nulos em estruturas correferentes atesta sua significância (81%). Para o sujeito de referência genérica, a correferência não foi selecionada pelo Programa Computacional GOLDVARB, mas, ainda assim, os números mostraram que as estruturas disjuntas são contextos de relativo maior uso de sujeitos preenchidos, confirmando nossa hipótese: a estreita conexão entre o referente do *sujeito* e a sua menção prévia implica menos pronome.

ANIMACIDADE - para o sujeito de referência específica, esse foi o segundo grupo de fator a ser selecionado pelo Programa Computacional GOLDVARB : o traço [+] animado do referente afeta positivamente o uso de pronomes. Para o sujeito de referência genérica, a animacidade não foi selecionada pelo Programa Computacional GOLDVARB, mas, ainda assim, os resultados mostraram a correlação "não-animacidade" e "sujeito nulo", homologando nossas expectativas: o traço [+] animado do referente afeta positivamente o uso do pronome.

CONCORDÂNCIA VERBAL - para o sujeito de referência específica, esse foi o terceiro grupo de fator a ser selecionado pelo Programa Computacional GOLDVARB: o percentual de concordância verbal com sujeitos preenchidos e nulos foi de 70%. Quando se examinam separadamente as pessoas gramaticais, a forma pronominal "a gente" concentra 93% de não-concordância. Para o sujeito de referência genérica, a concordância foi a segunda a ser selecionada pelo Programa Computacional GOLDVARB: 84% de sujeitos preenchidos e nulos exibem marcas de número e de pessoa. Relativamente aos casos de não-concordância, a forma pronominal "a gente" responde por 95% do total geral: 25% com *sujeito* preenchido e 75% com *sujeito* nulo. O alto percentual de concordância ratifica o português europeu como língua de concordância forte.

PESSOA GRAMATICAL - para o sujeito de referência específica, esse foi o terceiro grupo de fator a ser selecionado pelo Programa Computacional GOLDVARB: os números confirmam a resistência das 3^{as} pessoas. Para o sujeito de referência genérica, a pessoa gramatical foi a primeira a ser selecionada pelo Programa Computacional GOLDVARB: em 58% das ocorrências, prevalece a clássica "fórmula" de indeterminação - verbo na 3^a pessoa do plural - mas o português europeu já recorre as outras estratégias, com destaque especial à forma pronominal "a gente", com 28% dos dados analisados. A resistência das 3^{as} pessoas ao preenchimento e o uso da forma pronominal "a gente", para indeterminar o sujeito confirmaram as nossas expectativas.

FORMA VERBAL - para o sujeito de referência específica, esse foi o quarto grupo de fator a ser selecionado pelo Programa Computacional GOLDVARB: em todas as formas verbais, a preferência recai sobre o *sujeito* nulo, exceto com o pretérito imperfeito do subjuntivo, o único que favorece o preenchimento (64%). Para o sujeito de referência genérica, esse condicionamento linguístico não foi selecionado pelo Programa Computacional GOLDVARB. A rejeição não o excluiu de nossa análise, cujo resultado é diametralmente oposto: o pretérito imperfeito do subjuntivo foi o tempo verbal que mais condicionou o uso de sujeitos nulos (85%). O maior percentual de preenchimento com verbo no modo subjuntivo era esperado; a surpresa ficou por conta dos sujeitos com referência genérica, que exibiram, no mesmo contexto, a maior taxa de sujeitos nulos.

MARCAS DA FLEXÃO VERBAL - para o sujeito de referência específica, esse foi o quinto grupo de fator a ser selecionado pelo Programa Computacional GOLDVARB: os resultados obtidos com "marcas de flexão", mostraram que as estruturas mantenedoras da mesma desinência de número-pessoa implicam relativo maior uso de *sujeitos* nulos. Para o sujeito de referência genérica, marcas da flexão foi a terceira a ser selecionada pelo Programa Computacional GOLDVARB, confirmando a preferência pelo *sujeito* nulo, quando em contextos de mesma flexão: 94% vs. 6%. Resultados que eram esperados, quer com sujeito de referência específica, quer de referência genérica.

TIPO DE ORAÇÃO - para o sujeito de referência específica, esse grupo de fator não foi selecionado pelo Programa Computacional GOLDVARB, mas, os números mostraram as orações relativas como as únicas em que o percentual de *sujeitos* preenchidos (33%) supera o de *sujeitos* nulos. Para o sujeito de referência genérica, o Programa Computacional GOLDVARB apontou "tipo de oração" como o quarto condicionamento mais significativo: os casos de preenchimento em 2ª coordenada são em estruturas de referência disjunta. A inclinação das orações relativas para o preenchimento e a resistência das 2ª coordenadas validaram a nossa hipótese. Para a Teoria de Princípios e Parâmetros, a categoria vazia em 2ª coordenada com *sujeitos* correferentes é regra categórica em língua [+] *pro-drop*.

LOCALIDADE - para o sujeito de referência específica, esse grupo de fator não foi selecionado pelo Programa Computacional GOLDVARB: prevalece a preferência pelo *sujeito* nulo nas três localidades analisadas, que mantiveram o percentual de apagamento na sexta casa decimal. Para o sujeito de referência genérica, a "localidade" foi selecionada em quinto lugar pelo Programa Computacional GOLDVARB: o percentual de sujeitos preenchidos só ultrapassa os dois dígitos em Coimbra. Apesar de o alto percentual de sujeitos nulos superar as expectativas, acreditávamos que houvesse diferenças.

TRANSITIVIDADE VERBAL - esse grupo de fator não foi selecionado pelo Programa Computacional GOLDVARB - peso relativo - para nenhuma das referências. A não-relevância, já esperada, reforça a tese de Duarte (1995): "Essa resistência sugere que os elementos que precedem o *sujeito* têm maior peso do que os que o seguem".

FRASES NEGATIVAS - esse grupo de fator não foi selecionado pelo Programa Computacional GOLDVARB para nenhuma das referências. Para o sujeito específico, o percentual de apagamento em "frases negativas" não supera o de "outras frases" 53% vs. 65%, respectivamente. Já com sujeitos genéricos, o percentual de sujeitos nulos nas "frases negativas" foi idêntico ao de "outras frases" (82%). A atuação das frases negativas no favorecimento, mesmo que discreto, da categoria vazia, não se confirmou.

ORDEM - dos 333 dados encontrados com *sujeito* preenchido, nos quais foi possível a análise, apenas 10 exibiram a ordem Verbo-*sujeito*. Apesar de os nossos resultados confirmarem a expectativa de que a ordem dos constituintes fosse majoritariamente *Sujeito-Verbo*, o número de *sujeitos* em ordem indireta foi ainda menor do que o esperado.

Se por um lado, a atuação de 09 dos 11 grupos de fatores atendeu às expectativas; por outro lado, esperávamos que o percentual de sujeitos preenchidos fosse mais expressivo, sendo o *sujeito* nulo majoritário apenas em contextos em que o não-preenchimento fosse regra

categórica. Esperávamos também que a forma pronominal "a gente" fosse a protagonista dos *sujeitos* foneticamente realizados e exibisse variação na concordância de número e pessoa.

Das expectativas aos resultados da pesquisa: i) no cômputo geral, o percentual de sujeitos nulos foi de 68%. Quando se observam separadamente as referências, o índice de não-preenchimento foi de 63% com sujeitos específicos e 81% com sujeitos genéricos; ii) com o sujeito de referência específica, houve casos de preenchimento em contextos em que a categoria vazia é regra categórica. Com sujeitos de referência genérica, o não-preenchimento seguiu o tradicional figurino de uma língua [+] pro-drop (caso não se considere a atuação da forma pronominal "a gente"); iii) a forma pronominal "a gente" só foi protagonista do preenchimento com sujeito de referência genérica (51%), quando a referência é específica, esse papel ficou com o pronome "eu" (46%); iv) quer a referência seja específica, quer genérica, a forma pronominal "a gente" exibiu variação na desinência de número e pessoa, com verbos na 3ª pessoa do singular, 1ª do plural e 3ª do plural.

Os resultados, síntese do percurso da pesquisa, não esgotam outras possibilidades de análises ou mesmo que se chegue a outras conclusões, uma vez que, metodologicamente, foram contabilizadas apenas as primeiras 350 ocorrências das 03 localidades, que constituem o *corpus* da pesquisa, situadas no centro do território português. Mas a "linguagem [está aí] para que nos sirvamos dela".

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. *Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades do interior da Bahia*. 2005. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas-SP, 2005.
- AVERBUG, M. C. G. *Objeto direto anafórico e sujeito pronominal na escrita de estudantes*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, RJ: 2000.
- BERLINCK, R. de A.; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. de. Predicação. In: *Gramática do Português Falado*. Cap. 03 Vol. 03. Editora da UNICAMP – (no prelo).
- BOTASSINI, J. O. M. *A elipse do sujeito pronominal na linguagem falada no Paraná: uma análise variacionista*. Dissertação de mestrado, Curitiba : UFPR, 1998.
- ANTONIO, J. *O sujeito: uma visão sociopragmática*. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, Brasil, 21 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br>>. Acesso em: 16 abr. 2009.
- BRAVIN DOS SANTOS, A. M. *O sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca: um estudo em tempo real*. 2006. 149f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.letas.ufrj.br/posverna/doutorado/SantosAMB.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2007.
- BRAVIN DOS SANTOS, A. M. *O sujeito pronominal em contexto de mudança paramétrica: a escrita de alunos do Ensino Médio*. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2000.
- CARRILHO, E. *Ainda a unidade e diversidade da língua portuguesa: a sintaxe*. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/ecarrilho/ernestina_carrilho_2001d.pdf> Acesso em: 10 jan. 2007.
- CARRILHO, ERNESTINA E MARIA LOBO. 1999. Variação sintáctica: alguns aspectos. em *Conversas d’Hora d’Almoço*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Junho 1999.
- CARRILHO, ERNESTINA. 2000. *Expletivos do Português Europeu em Foco: a Evidência dos Dados Dialectais*. Comunicação ao XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Coimbra, Setembro 2000.
- CARVALHO, G. A. de. *A realização do sujeito na fala do araguaiense*. Dissertação de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2005.
- CARVALHO, G. A. de. *A realização do sujeito no português europeu*. 2009. 259 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2009.
- CASTILHO, Ataliba T. de. (1994). *Problemas de descrição da língua falada*. Delta. vol.10. No.1. 47-71
- CYRINO, S. M. L. Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do português falado: novos estudos*. Vol. VII. Campinas: Ed. Unicamp, 1999.
- CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora da UEL, 1997.

- CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- CYRINO, Sônia M. L., DUARTE, M. Eugênia L. & KATO, Mary A. (2000) Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese In: KATO, M. A. , NEGRÃO, E. V. (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject*. Frankfurt am Main, Vervuert Verlag, 2000
- DUARTE, M. E. L. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. da C.; Duarte, M. E. L. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003, pp. 115 - 128.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio "Evite pronome" no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Lingüística). 149 f. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. São Paulo, Pontes, 1989.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, pp.107-128.
- DUARTE, M. E. L. et al. Sujeitos indeterminados em PE e PB. Comunicação apresentada... 2001
- DUARTE, M. E. L. *O sujeito pronominal no português coloquial europeu*. Trabalho inédito, s/d.
- DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A.; BARBOSA, P. *Sujeitos indeterminados em PE e PB*. Boletim da Abralín Vol. 26, nº Especial I, 2001, pp. 405 - 409.
- DUARTE, Maria Eugênia. Lamoglia & Kato, Mary A. *A dyachronic analysis of Brazilian Portuguese wh-questions*. Santa Barbara Portuguese Studies, v. VI, p. 326-339, 2002.
- DUARTE, Maria Eugênia. Lamoglia & LOPES, Célia Regina dos Santos. Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais no século XIX. In: DUARTE; Maria Eugênia. Lamoglia & CALLOU, Dinah. (org.). *Para a história do Português Brasileiro: notícias de corpora e outros estudos*. Rio de Janeiro: InFólio, 2002, v. IV, p. 155-165.
- DUARTE, Maria Eugênia. Lamoglia. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas). PUC-SP, São Paulo, 1986.
- GALVES, Charlotte C. (1993). O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 387-40
- GALVES. C. C. A sintaxe do português brasileiro. In. GALVES. C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- GONÇALVES, M. F. H. de. S. *Para uma definição do parâmetro do sujeito nulo*. (Dissertação de Mestrado em Lingüística Portuguesa Descritiva). 1994. 242 f. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.
- KATO, Mary, DUARTE, Maria Eugênia L., CYRINO, Sonia & ANDRADE BERLINCK, Rosane. Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio In: CARDOSO,

- Suzana; MOTA, Jacyra & SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (Orgs.) *500 anos de história lingüística no Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.
- LABOV, W. Empirical foundations for a Theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistic*. Austin: University of Texas Press, 1968.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. The Reflection of Social Processes in Linguistic Structures. In: FISHMAN, J. (ed.). *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1968, pp. 240 - 51.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LAPERUTA, M. *A realização do sujeito pronominal: um estudo sociolingüístico paramétrico para a cidade de Londrina – Norte do Paraná*. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa). 2002. 138f. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002
- LIRA, S. de A. *O sujeito pronominal no português falado e escrito*. Ilha do desterro, Florianópolis: UFSC, n. 20, 1988.
- MARINS, Juliana Esposito (2009). *O Parâmetro do Sujeito Nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ.
- MATOS, Maria Zelma Meneses de Santana. *A expressão do objeto direto anafórico nos falares urbanos itabienses*. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) – UNESP, Araraquara: 2005.
- MELO, G. CH. de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1978.
- OLIVEIRA, K. R. de. *Nós, a gente e o clítico se como estratégias de indeterminação no português*. (Dissertação de Mestrado em Linguística). 2006. 173 f. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- OLIVEIRA, Marilza de. “The pronominal subject in Italian and Brazilian Portuguese”. In: KATO, Mary Aizawa & NEGRÃO, Esmeralda Vailati (orgs.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuer/Madri: Iberoamericana, 2000.
- PAREDES DA SILVA, V. L. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003, pp. 97-114.
- PAREDES SILVA, Vera L. (1993). *Subject omission and functional compensation: Evidence from written Brazilian Portuguese*. *Language Variation and Change* 5:3349.
- PAREDES SILVA, Vera L. *Cartas cariocas: A variação do sujeito na escrita informal*. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.
- POLLI DA SILVA, R. C. *Sujeito pronominal nos quadrinhos: uma análise em tempo real de curta duração*. 2005. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Ciências Humanas, Letras e Artes Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.
- PONTES, Eunice. (1987). *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas, Ed. Pontes.
- PONTES, Eunice. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

SILVA, M. C. F. *A posição do sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1996.

SOARES DA SILVA, H. *O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol*. 2006. 196f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas – área de Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SÓRIA, M. V. de P. *Nós, a gente e o sujeito nulo de primeira pessoa do plural*. (Dissertação de Mestrado em Linguística). 2013. 129 f. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

SPANNO, Maria. *A ordem V SN em construções monoargumentais na fala culta do português brasileiro e europeu*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. (Tradução de Marcos Bagno) São Paulo: Parábola, 2006.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In W. P. Lehmann & Y. Malkeil (eds.), *Directions for historical linguistics: A symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968, pp. 95 - 188.